DOMINGO SARMIENTO

Ministério da Educação | Fundação Joaquim Nabuco

Coordenação executiva
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier e Isabela Cribari

Comissão técnica
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier (presidente)
Antonio Carlos Caruso Ronca, Ataíde Alves, Carmen Lúcia Bueno Valle,
Célio da Cunha, Jane Cristina da Silva, José Carlos Wanderley Dias de Freitas,
Justina Iva de Araújo Silva, Lúcia Lodi, Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero

Revisão de conteúdo
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier, Célio da Cunha, Jáder de Medeiros Britto,
José Eustachio Romão, Larissa Vieira dos Santos, Suely Melo e Walter Garcia

Secretaria executiva
Ana Elizabete Negreiros Barroso
Conceição Silva

Alceu Amoroso Lima | Almeida Júnior | Anísio Teixeira
Aparecida Joly Gouveia | Armanda Álvaro Alberto | Azeredo Coutinho
Bertha Lutz | Cecília Meireles | Celso Suckow da Fonseca | Darcy Ribeiro
Durmeval Trigueiro Mendes | Fernando de Azevedo | Florestan Fernandes
Frota Pessoa | Gilberto Freyre | Gustavo Capanema | Heitor Villa-Lobos
Helena Antipoff | Humberto Mauro | José Mário Pires Azanha
Julio de Mesquita Filho | Lourenço Filho | Manoel Bomfim
Manuel da Nóbrega | Nísia Floresta | Paschoal Lemme | Paulo Freire
Roquette-Pinto | Rui Barbosa | Sampaio Dória | Valnir Chagas

Alfred Binet | Andrés Bello
Anton Makarenko | Antonio Gramsci
Bogdan Suchodolski | Carl Rogers | Célestin Freinet
Domingo Sarmiento | Édouard Claparède | Émile Durkheim
Frederic Skinner | Friedrich Fröbel | Friedrich Hegel
Georg Kerschensteiner | Henri Wallon | Ivan Illich
Jan Amos Comênio | Jean Piaget | Jean-Jacques Rousseau
Jean-Ovide Decroly | Johann Herbart
Johann Pestalozzi | John Dewey | José Martí | Lev Vygotsky
Maria Montessori | Ortega y Gasset
Pedro Varela | Roger Cousinet | Sigmund Freud

DOMINGO SARMIENTO

Héctor Félix Bravo

Tradução e organização
José Rubens de Lima Jardilino

ISBN 978-85-7019-540-1

MEC | Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana

Editora Massangana
Avenida 17 de Agosto, 2187 | Casa Forte | Recife | PE | CEP 52061-540
www.fundaj.gov.br

Coleção Educadores
Edição-geral
Sidney Rocha
Coordenação editorial
Selma Corrêa
Assessoria editorial
Antonio Laurentino
Patrícia Lima
Revisão
Sygma Comunicação
Revisão técnica
Célio da Cunha
Ilustrações
Miguel Falcão

Foi feito depósito legal
Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

Bravo, Héctor Félix.
Domingo Sarmiento / Héctor Félix Bravo; tradução e organização: José Rubens de Lima Jardilino. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
160 p.: il. – (Coleção Educadores)
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7019-540-1
1. Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888. 2. Educação – Pensadores – História. I. Jardilino, José Rubens de Lima. II. Título. CDU 37

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

O propósito de organizar uma coleção de livros sobre educadores e pensadores da educação surgiu da necessidade de se colocar à disposição dos professores e dirigentes da educação de todo o país obras de qualidade para mostrar o que pensaram e fizeram alguns dos principais expoentes da história educacional, nos planos nacional e internacional. A disseminação de conhecimentos nessa área, seguida de debates públicos, constitui passo importante para o amadurecimento de ideias e de alternativas com vistas ao objetivo republicano de melhorar a qualidade das escolas e da prática pedagógica em nosso país.

Para concretizar esse propósito, o Ministério da Educação instituiu Comissão Técnica em 2006, composta por representantes do MEC, de instituições educacionais, de universidades e da Unesco que, após longas reuniões, chegou a uma lista de trinta brasileiros e trinta estrangeiros, cuja escolha teve por critérios o reconhecimento histórico e o alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço da educação. No plano internacional, optou-se por aproveitar a coleção *Penseurs de l´éducation,* organizada pelo *International Bureau of Education* (IBE) da Unesco em Genebra, que reúne alguns dos maiores pensadores da educação de todos os tempos e culturas.

Para garantir o êxito e a qualidade deste ambicioso projeto editorial, o MEC recorreu aos pesquisadores do Instituto Paulo Freire e de diversas universidades, em condições de cumprir os objetivos previstos pelo projeto.

Ao se iniciar a publicação da Coleção Educadores[*], o MEC, em parceria com a Unesco e a Fundação Joaquim Nabuco, favorece o aprofundamento das políticas educacionais no Brasil, como também contribui para a união indissociável entre a teoria e a prática, que é o de que mais necessitamos nestes tempos de transição para cenários mais promissores.

É importante sublinhar que o lançamento desta Coleção coincide com o 80º aniversário de criação do Ministério da Educação e sugere reflexões oportunas. Ao tempo em que ele foi criado, em novembro de 1930, a educação brasileira vivia um clima de esperanças e expectativas alentadoras em decorrência das mudanças que se operavam nos campos político, econômico e cultural. A divulgação do *Manifesto dos pioneiros* em 1932, a fundação, em 1934, da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal, em 1935, são alguns dos exemplos anunciadores de novos tempos tão bem sintetizados por Fernando de Azevedo no *Manifesto dos pioneiros*.

Todavia, a imposição ao país da Constituição de 1937 e do Estado Novo, haveria de interromper por vários anos a luta auspiciosa do movimento educacional dos anos 1920 e 1930 do século passado, que só seria retomada com a redemocratização do país, em 1945. Os anos que se seguiram, em clima de maior liberdade, possibilitaram alguns avanços definitivos como as várias campanhas educacionais nos anos 1950, a criação da Capes e do CNPq e a aprovação, após muitos embates, da primeira Lei de Diretrizes e Bases no começo da década de 1960. No entanto, as grandes esperanças e aspirações retrabalhadas e reavivadas nessa fase e tão bem sintetizadas pelo *Manifesto dos Educadores de 1959*, também redigido por Fernando de Azevedo, haveriam de ser novamente interrompidas em 1964 por uma nova ditadura de quase dois decênios.

---

[*] A relação completa dos educadores que integram a coleção encontra-se no início deste volume.

Assim, pode-se dizer que, em certo sentido, o atual estágio da educação brasileira representa uma retomada dos ideais dos manifestos de 1932 e de 1959, devidamente contextualizados com o tempo presente. Estou certo de que o lançamento, em 2007, do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como mecanismo de estado para a implementação do Plano Nacional da Educação começou a resgatar muitos dos objetivos da política educacional presentes em ambos os manifestos. Acredito que não será demais afirmar que o grande argumento do *Manifesto de 1932*, cuja reedição consta da presente Coleção, juntamente com o *Manifesto de 1959*, é de impressionante atualidade: "Na hierarquia dos problemas de uma nação, nenhum sobreleva em importância, ao da educação". Esse lema inspira e dá forças ao movimento de ideias e de ações a que hoje assistimos em todo o país para fazer da educação uma prioridade de estado.

Fernando Haddad
Ministro de Estado da Educação

DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO[1]
(1811-1888)

Héctor Félix Bravo[2]

Origens de sua concepção pedagógica

As circunstâncias adversas que dificultaram sua própria educação, e o terrível espetáculo que se presenciava na Argentina, em consequência da penúria econômica e cultural, gestaram em Sarmiento, sem dúvida, sua concepção pedagógica de tipo social. As leituras e as viagens de estudo nutriram com conteúdo doutrinário essa concepção.

Não é nosso propósito, neste momento, determinar sistematicamente os autores que inspiraram a doutrina pedagógica de Sarmiento, e menos ainda precisar, em cada caso, a medida de sua influência. Por isso, limitar-nos-emos a dizer que foram Locke, Rousseau, Montesquieu, Tocqueville, Condorcet, Leroux, Guizot, Cousin e outros que trilharam os caminhos do Iluminismo, do enciclopedismo e do roman tismo. Todavia, não podemos deixar de destacar o quanto significaram para a teoria e a prática educativas do "Professor da América" as ideias de Condorcet sobre o dever do estado de prover a todos os indivíduos uma instrução, que a seguir seu pleno desenvolvimento espiritual, político, econômico e

[1] Este perfil foi publicado em *Perspectives*: revue trimestrielle d'éducation comparée. Paris, Unesco: Escritório Internacional de Educação, v. 24, n. 3-4, pp. 507-520, 1994.

[2] Héctor Félix Bravo (Argentina) é licenciado em filosofia, direito e ciências da educação pela Universidade de Buenos Aires. Tem atuado como inspetor de ensino secundário, diretor de informação pedagógica no Ministério da Educação, responsável de pesquisa no Centro de Pesquisas em Ciências da Educação. Parlamentar e presidente da Comissão de Educação (1963-1966). Professor honorário da Universidade de Buenos Aires, membro da Academia de Educação. Autor de numerosos artigos e publicações, dentre os quais se destacam "Sarmiento, pedagogo social" e "Estudios sarmientinos".

social, mediante uma efetiva igualdade de fato e a instituição do laicismo; assim como as ideias de Guizot, principal propulsor da educação popular na França, com o auxílio da gratuidade e a liberdade de consciência. Também exerceram uma influência considerável em seu espírito humanitário as ideias de Horacio Mann, o reformador de Massachusetts, em favor da educação universal – obrigatória, não sectária e gratuita –, orientada para a virtude cívica e a eficiência social.

Porém, foram as observações feitas nas viagens de estudo os estímulos que mais eficazmente contribuíram na elaboração da pedagogia de Sarmiento. Prova disso é o fato de que as ideias que defende em *Educação popular* – informe sobre as viagens de 1845 a 1847 – constituíram a essência dos temas desenvolvidos e repetidos posteriormente em sua imensa produção jornalística e didática. Sua permanência na Europa, onde visitou França, Prússia, Suíça, Itália, Espanha e Inglaterra, permitiu-lhe conhecer e avaliar novos métodos e procedimentos didáticos, ensaios interessantes de ensino diferenciado, instituições avançadas de formação docente, enfim, modernos sistemas de organização escolar. Suas duas visitas aos Estados Unidos da América lhe proporcionaram a oportunidade de ter contato direto com um movimento educativo altamente progressista, influenciado, em grande parte, pelas ideias pestalozzianas e, por isso mesmo, profundamente arraigado na comunidade.

Civilização e instrução pública

A barbárie e o caudilhismo, com suas sequelas de ignorância, pobreza, anarquia e fanatismo, formavam, segundo Sarmiento, a família de nossos males sociais, males cuja origem explicou em termos demográficos e mediante uma dupla interpretação do problema. Em *Facundo*: civilização e barbárie (vida de Juan Facundo Quiroga), fez uma interpretação quantitativa: o despovoamento; em *Conflito* (Conflito e harmonias das raças na América), por outro lado, expôs uma interpretação qualitativa: a formação étnica.

O deserto, cuja beleza os escritores românticos argentinos descobriram, foi uma das ilustrações das projeções sociais de Sarmiento. A desolação, sendo contrária às relações políticas positivas, aos interesses econômicos e aos estímulos culturais, era a chave da ignorância e da anarquia. Com uma frase feliz, Guerrero comentou: "Sarmiento advertiu que o deserto estava cheio de barbárie" (Guerrero, 1945). Todavia, hoje é inquestionável que o enfoque dialético de civilização e barbárie continha, entre outros, um grave erro, que consiste em explicar as lutas civis argentinas como um levantamento dos campos contra as cidades e em afirmar que os caudilhos surgem no meio rural. Sabemos que estes eram homens das cidades, porém, não ignoramos que eles se utilizaram dos camponeses para suas utopias políticas. Por isso, exposta a questão com um critério relativo, concordamos com Sarmiento em sustentar que, diante da civilização das cidades, existia a barbárie do campo; se bem que os promotores da anarquia foram militares, clérigos e doutores, que acharam na gente perdida no deserto a possibilidade e a colaboração essencial para a formação de grupos rebeldes.

Sua obra, *Conflitos e harmonias das raças na América*, explica a origem de nossos males sociais, a partir do ponto de vista de étnico. Sustenta Sarmiento que a ignorância de nossas massas e a anarquia política, com suas sequelas de corrupção das instituições democráticas, em lento desenvolvimento econômico, e a penúria cultural derivam-se de dois fatores: a herança espanhola e a miscigenação indígena. Para comprovar sua afirmação, compara os resultados da colonização espanhola e a inglesa. A diferente evolução dos povos latino-americanos e do povo anglo-saxão, resulta, segundo Sarmiento, de uma diferença de civilização e, especialmente, de um desenvolvimento econômico desigual entre a Espanha e a Inglaterra, que se reproduz em suas colônias na América.

Na segunda parte dessa obra, ele afirma a superioridade moral do mundo protestante sobre o mundo católico, superioridade caracterizada pelo hábito do livre exame e um maior cultivo da

dignidade pessoal, oferecendo as condições necessárias para a prática das instituições livres e do regime democrático.

Porém, tais males, felizmente, não são incuráveis. Para eles, aconselha três remédios: imigração europeia, trabalho e educação pública, destacando este último.

Com paixão de apóstolo e segurança de iluminado, sustentou o valor absoluto da ação educadora. Já em *Análisis de las cartillas, silabarios y otros métodos de lectura (*Análises das cartilhas, abecedário e outros métodos de leitura) – obra que publicou no Chile em 1842, na qualidade de diretor da Escola Normal – afirmava: "A instrução primária é a medida da civilização de um povo". Porém, foi em "Educação popular" em que apresentou, pela primeira vez de maneira precisa, todo o seu programa de civilização por meio da escola. Em seus escritos posteriores, a bem da verdade, não fez mais que desenvolver e repetir – com obstinação de pedagogo – as ideias que havia defendido no informe de 1848.

A civilização não podia ser o monopólio de uns poucos. Ela exigia que cada cidadão estivesse convenientemente capacitado para o cumprimento das funções que lhes correspondessem na República.

A palavra "civilização", incorporada em 1798 ao dicionário da Academia Francesa e, em 1822, ao da Academia Espanhola, não é empregada por Sarmiento – segundo creem alguns – com um espírito estritamente materialista, ou, para dizer em termos modernos, com um sentido único de "domínio da técnica".

Homem de ação, realizador e construtor, Sarmiento preocupou-se e lutou por traduzir, em obras, sua doutrina, porém, sem prejuízo da moral e dos valores do espírito. Prova disso, em primeiro lugar, é o seu fundamental interesse pelos problemas da educação; também, a sua própria vida, que o consagrara como paradigma da elevação humana; finalmente, suas claras definições. Em *Viajes* (*Viagens*), por exemplo, escreve: "O maior número de verdades conhecidas constitui a ciência de uma época; porém a

civilização de um povo somente pode se caracterizar na mais extensa apropriação de todos os produtos da terra ao uso de todos os poderes inteligentes, e de todas as forças materiais ao conforto, prazer e elevação moral do maior número de indivíduos". Como podemos perceber, este conceito não tem a mesma amplitude que o de utilidade. Na verdade, Sarmiento não soube distinguir entre civilização e cultura; distinção que, por outro lado, pertence à moderna filosofia da cultura. Mas isso, longe de contradizer, confirma a interpretação que fazíamos antes.

Concebeu a civilização com o caráter amplo que lhe atribuíram os constituintes de 1853 e, não, com o caráter limitado que teve no país depois de 1880. Civilizar era, para ele, prover o necessário à prosperidade do país e ao progresso de todas as províncias, ditando as leis e regulamentos necessários para criar um estado de direito e promovendo a imigração, a construção de ferrovias, a colonização de terras de propriedade fiscal, a introdução e o estabelecimento de novas indústrias, a importação de capitais estrangeiros etc. Mas, também, era dar atenção ao progresso da cultura, organizando a educação nacional e assegurando o bem-estar e a liberdade de todos e de cada um dos habitantes, tanto como a soberania da República, segundo estabelece a Carta Magna da Argentina.

Sarmiento foi um homem de ação e um idealista ao mesmo tempo. Assumiu a grande tarefa de transformar o país, anarquizado e bárbaro, persuadido de que o progresso, assentado sobre bases éticas, traria a felicidade ao povo argentino. "Mas o progresso – destaca Mantovani (1950) – não podia elaborar-se com a razão, como queriam os ilustrados, nem a partir de cima, por decretos governativos. Devia ser o resultado de um processo de elaboração histórica, cuja tarefa principal era educar e criar novos costumes; em uma palavra, civilizar".

Assim como não formulou uma pedagogia sistemática, tampouco deu Sarmiento uma definição exaustiva de educação.

Nunca fez parte de suas preocupações fundar e nem desenvolver um sistema de pedagogia geral; antes, todas suas inquietudes, nesse campo, giraram ao redor de um setor especializado: a pedagogia política, ou, melhor ainda, a política educacional. Daí que o tema preferido de suas teorias e realizações tenha sido a instrução pública, cuja finalidade – segundo palavras suas – consiste em "preparar o uso da inteligência individual, pelo conhecimento rudimentar das ciências e os ações necessárias para formar a razão". Temos, pois, um conceito de educação pública que, combinado com outras manifestações extraídas de diferentes trabalhos, pode ser formulado sem nenhum excesso na seguinte frase: a educação pública tem como propósito melhorar intelectual, física e moralmente a classe mais numerosa e pobre da sociedade, capacitando-a para participar no progresso cultural.

Sarmiento queria elevar o nível social da comunidade por meio da ação educativa impulsionada pelo estado. Porém, esta ação, dirigida principalmente para promover o aumento da capacidade intelectual por intermédio da ciência, devia projetar-se sobre a massa, o grosso do povo – carente ou ignorado –, deixando de constituir um privilégio dos grupos dominantes. "O que necessitamos primeiro – disse – é civilizarmos, não uns duzentos indivíduos que cursam as aulas, senão uns duzentos mil que não cursam as escolas". Aqui está o fundamento da paixão de Sarmiento pela escola primária, a que chamou "educação popular", "educação nacional" ou, também "educação comum".

Democracia e educação popular

Para compreender, em toda sua magnitude, a doutrina pedagógica de Sarmiento, é necessário recordar as condições do ensino em sua época e, ainda, durante a época da colônia. Quando publicou *Educação popular* (livro que, pelas razões citadas em páginas anteriores, utilizaremos como termo de comparação), a instrução

primária universal estava muito distante de ser uma realidade em qualquer parte do mundo, e menos ainda um ideal geralmente aceito. Somente a Prússia e as cidades do leste e do sul dos Estados Unidos da América haviam concebido a democratização do ensino como uma obrigação do governo e do povo. As nações latino-americanas, recém saídas das guerras de independência para submergir imediatamente no caos das lutas civis e das tiranias, não ofereciam condições de paz e de progresso social necessárias para realizar uma obra de tal natureza.

Essa diferença não podia continuar por mais tempo, sem grave risco para o desenvolvimento institucional, econômico e social da nação. Com clara visão de um estadista e consciente deste problema, lutou com bravura para implantar a justiça social. O exemplo dos Estados Unidos da América estimulou sua grande decisão e lhe serviu de argumento em suas polêmicas.

O regime republicano e democrático exige uma população bem informada, sem diferenças de classe e, para isso, é necessário conceder, a todos os habitantes, igualdade de oportunidades. Este último conceito – sustentado posteriormente pela Corte Suprema da Argentina em números falhos – foi perfeitamente compreendido por Sarmiento: "A igualdade que proclamam nossas instituições não consiste, como absurdamente o imaginam alguns, em uma quimera igualdade de instrução e capacidade de todos os associados, nem na igual distribuição da propriedade; consiste somente em que a lei não estabeleça diferenças entre os homens, deixando à natureza e à sorte esse cuidado; consiste em que todas as instituições tenham por objetivo a melhora moral, intelectual e física da classe mais numerosa e mais pobre da sociedade". Este seu ideal, sem dúvida, era de vanguarda em sua época, sustentador do enorme prestígio de que goza o "Professor da América". Todavia, hoje, algumas de suas afirmações tornaram-se insustentáveis, pois é impossível conceber uma educação democrática alheia às soluções da pedagogia "diferenciada"

e à assistência social. Especialmente, torna-se inadiável superar as desigualdades originadas pelas condições de vida nos meios socioculturais pobres, desfavoráveis ao desenvolvimento das inteligências, o qual supõe a promoção econômico-social das comunidades pouco desenvolvidas.

A grande preocupação de Sarmiento, a tarefa a que consagrou toda a sua vida foi educar o povo, o conjunto da população argentina, para elevar seu espírito, melhorar sua situação econômica e, com isso, favorecer o desenvolvimento de uma nação livre e soberana. A educação sempre esteve no núcleo de sua obra; foi a palavra que deu título a sua obra mais difundida, e talvez, a que sempre mereceu predileção. A avaliação que fez dos países mais progressistas, que conheceu nas viagens realizadas entre 1845 e 1847, o levou a escrever o seguinte: "Há no mundo cristão, ainda que em fragmentos, dispersos aqui e ali, um sistema completo de educação popular que começa no berço, se prepara na sala de asilo (creche), continua na escola primária e se completa nas leituras orais, abraçando toda a existência do homem".

Este programa renovador somente podia ser realizado pela escola primária, a qual Sarmiento chamou, também, "escola comum". Com profundo sentido revolucionário, defendeu uma escola aberta a todos, ou seja, sem discriminação por causa de raça, de sexo, de condição econômica, de classe social, de posição política ou de crença religiosa. Por isto, foi, no devido momento, pioneiro na luta pelo ensino laico, isto é, sem dogmas religiosos nem discriminações de igual origem. Sarmiento consagrou sua vida ao desenvolvimento deste ensino. Para a difusão dessa ideia dedicou páginas memoráveis. Em 1856, apresentou uma memória sobre a "educação comum" ao Conselho Universitário do Chile, cuja leitura seria de particular utilidade para todos quantos desconhecem – um século depois – a influência da instrução pública nas atividades econômicas e no desenvolvimento geral da prosperidade nacional. Com igual zelo

se consagrou à fundação, em Buenos Aires, no ano 1858, dos *Anales de la educación común* (*Anais da educação comum*), mecanismo destinado à propagação de uma doutrina pedagógica profundamente arraigada no movimento da "escola única" francesa, movimento ao qual se antecipou na ordem das realizações positivas.

De acordo com a tradição medieval que herdamos da Espanha e da Itália, a instrução pública argentina, até a época de Sarmiento, se caracterizava pelo predomínio dos estudantes universitários ou superiores sobre os estudos primários. O autor de *hay que educar al soberano* (há que se educar o soberano) reagiu contra esta situação, seguindo o exemplo dos Estados Unidos da América e da Prússia. Ao regime aristocrático opôs o democrático, dentro dos cânones da época: "a escola para todos; o colégio para todos os que podem; a universidade para os que queiram". Considerou, com razão, que as universidades deveriam ser como os capitéis que coroassem o edifício da educação pública, sustentadas pelas escolas primárias à guisa de colunas. A cultura e a civilização de um povo não podiam consistir na existência de algumas centenas de pessoas ilustradas, diante da massa ignorante ou carente. O estudo do orçamento da instrução pública colocava em evidência a irritante desigualdade: "O congresso da República Argentina – lemos em uma carta de Rojas Paul – dá 100.000 pesos fortes para as escolas em que deveriam educar-se 400.000 meninos, e 280.000 pesos para os colégios em que somente se educam 1.500, sem que ninguém saiba por que esses e não os outros meninos são os tão amplamente agraciados".

Sarmiento era consciente da inevitável necessidade do povo em matéria de instrução. Era necessário ensinar as massas a ler, antes que de desenvolver programas de ensino demasiadamente especializados ou projetos culturais sofisticados. Assim, pode-se dizer: "A educação mais acima da instrução primária, a diminui como meio de civilização. É a educação primária a que civiliza e

desenvolve a moral dos povos. Todos os povos têm tido sempre doutores e sábios, sem ser civilizados. Por isso, são as escolas a base da civilização". Ninguém que estude com espírito sereno a doutrina pedagógica de Sarmiento poderá ver nas opiniões mencionadas uma posição contrária à educação superior. Elas são fruto somente de uma determinada concepção político-social e de um critério renovador acerca da orientação universitária argentina.

Laicidade no ensino

Segundo Sarmiento, nossa escola deve ser laica. Assim o exigem fatores determinantes do progresso social, razões de ordem cultural e necessidades do regime democrático e republicano. Daí, sua forte campanha e, amiúde, violenta, em favor da escola laica, elaborada, primeiramente, nas páginas de *El Nacional*, em razão do Congresso Pedagógico, em 1882, e, anos depois, nos debates que tiveram lugar no Parlamento, ao examinar o projeto de lei que seria adotado.

Certamente, não se pode ver nesta atitude um traço de ateísmo ou um estado espiritual contrário à religião, enquanto ideal superior. Seus sentimentos cristãos e seu respeito à religião estão provados em diversos atos docentes, tais como a difusão entre os escolares chilenos de *La conciencia de un niño* (A consciência de um menino) – livro sobre doutrina católica que contém rezas – e da *Vida de Jesus Cristo* (texto que explica os Evangelhos); assim como por reiteradas manifestações que podem ler-se em *La escuela sin la religión de mi mujer (A escola sem a religião de minha mulher*) e em muitos outros trabalhos. Mas, Sarmiento nunca teve a intenção de confundir ninguém, empregando o termo "cristão" com o alcance limitado ao que professa a religião católica. Pelo contrário, teve uma posição perfeitamente definida a respeito. Honrou a Jesus Cristo e exaltou a doutrina da Igreja protestante, sustentadora de ideias, ao mesmo tempo em que combateu a educação clerical e a

teologia católica em nome da ciência moderna e do progresso nacional. Outro aspecto de sua defesa em favor da laicidade escolar se apoia em sólidos argumentos jurídicos. Baseando-se em uma interpretação fiel das cláusulas da Carta Magna argentina e em abundantes antecedentes constitucionais, sustentou, com eficácia, a necessidade da educação laica. Sobre este assunto trata *La escuela ultrapampeana* e numerosos artigos publicados no tomo XLVIII de suas *Obras*. O laicismo do sistema escolar argentino, formado segundo os princípios da Constituição de 1853, é símbolo de liberdade, enquanto que a doutrina que luta por implantar o ensino religioso nas escolas públicas caminha em sentido contrário. O regime misto argentino, ademais, ao favorecer o desenvolvimento das instituições privadas, confessionais ou não, possibilita o exercício do direito que têm os pais a escolher o tipo de educação que desejem para seus filhos. Obviamente, esta escola, pública e laica, não serve para formar mentalidades dogmáticas e gregárias, menos ainda elites que facilitem a ação de certos grupos de poder.

Formação de docentes

Professor desde seus anos de adolescente, em uma época em que esta profissão era estimada inferior, Sarmiento predicou, com a fé de um apóstolo, a bondade e a transcendência social do magistério. Estava persuadido de que o professor de escola era o agente mais ativo do progresso de um país.

No Chile, foi diretor fundador da Escola Normal de Instrução Primária (primeiro estabelecimento de seu tipo criado na América do Sul e, também, um dos primeiros no mundo) e, na Argentina, trabalhou em prol da formação de docentes e do estabelecimento de programas e de escolas especializadas necessárias para a aplicação de seu programa de civilização.

Sua ação em favor da profissão docente se complementa com a organização de cursos de férias para professores, que instituiu em

Santiago de Chile, em 1854, sendo o seu primeiro diretor. Também, com a fundação na mesma cidade, dois anos antes, de *El monitor de las escuelas (O monitor das escolas*) e, em Buenos Aires, em 1858, *Los Anales de la educación común* (*Anais da educação comum*), que começou a dirigir como chefe do Departamento de Escolas. Estas criações constituem a origem da imprensa pedagógica Sul- americana.

Outras realizações

Análogos fundamentos democráticos tem a criação das bibliotecas populares. Tampouco seria possível a educação sem bibliotecas. "A civilização na América está aí – disse – em relacionar a escola com o livro". Por esse motivo, cria bibliotecas populares ambulantes e jamais cede nesta obra, ainda que conheça o triste destino de algumas delas.

Era necessário remediar, ainda que fosse em parte, a negligência dos governos anteriores em matéria de educação. A este propósito serviu sua ação em favor das escolas noturnas para adultos e as escolas para soldados. Igualmente, são importantes suas ideias sobre a obrigação de o estado e de os proprietários concederem duas horas da jornada de trabalho para que os peões e os operários recebessem instrução.

O projeto de criar escolas maternais – organizações que havia admirado na França –, assim como as cadernetas de poupança escolar e as escolas para deficientes e alunos com atraso escolar figuram também em seu programa de política social.

Quando chegou à Presidência da República, concretizou em obras os seus ideais, superando, com dura luta, todas as adversidades para aplicar esse programa de redenção do povo por meio da educação. Assim, fundou cinco colégios nacionais e várias escolas técnicas de diversos tipos e níveis, atendendo às necessidades econômicas da região; criou escolas agrícolas para a experimentação na área da agricultura; promoveu a pesquisa científica, com

instituições de renome, tais como as Academias, a Faculdade de Ciências Exatas e Físico-Naturais, na Universidade de Córdoba, e o Observatório Astronômico na mesma cidade, contratando os serviços de sábios norte-americanos e alemães; propagou gabinetes e laboratórios com fins de renovação didática; instituiu museus; criou o Colégio Militar e a Escola Naval, estimulando a elevação cultural e técnica das respectivas profissões; designou bens para a fundação de seminários conciliares; decidiu a realização do primeiro censo escolar do país etc.

A educação da mulher

Até meados do século passado, a mulher levava uma existência sedentária e quase vegetativa, reclusa no lar e dedicada exclusivamente, no melhor dos casos, aos trabalhos domésticos. Permaneceu assim, estranha às manifestações culturais, sendo essa situação agravada por uma estrita observância dos preceitos religiosos e uma grande ignorância. Era evidente, pois, que, enquanto a mulher permanecesse nessa situação social, a civilização se deteria às portas do lar.

Esta questão da influência das mulheres no desenvolvimento das nações latino-americanas foi uma das grandes preocupações de Sarmiento, como o prova a fundação do Colégio Santa Rosa, pensionato de meninas, em San Juan, no ano de 1838. Por isto, quando chegou à Presidência da República, uma de suas primeiras medidas na matéria foi a criação de escolas normais de professoras. Mediante a incorporação da mulher à ação educadora, estavam unidos o lar, a escola e a sociedade em uma mesma empresa civilizatória. Por outro lado, tal progresso era o símbolo de uma vitória em prol da liberdade intelectual.

Parafraseando Lincoln, diríamos que Sarmiento contribuiu, como nenhum outro, para instituir na Argentina a educação do povo, pelo povo e para o povo. Educação do povo, porque

combateu certos princípios teológico-políticos de uma sociedade apegada às diferenças de classe e à formação clerical; sustentou que a educação era uma função social. Implícitos neste conceito estão o direito e o dever do povo de receber educação, em igualdade de oportunidades, e a correspondente obrigação do governo de prover satisfatoriamente essa necessidade, conforme o princípio de liberdade de ensino, interpretado com mentalidade republicana e democrática. Educação pelo povo, porque propugnou a intervenção mais ampla possível do povo na gestão do ensino, em sua inspeção e em seu sustento. Segundo ele, a inspeção das escolas devia ser constituída por comissões populares, os reitores das universidades ou seus delegados, as autoridades municipais e um funcionário técnico em representação do governo central, com o objetivo de aperfeiçoar o ensino e de propagá-lo na respectiva comunidade. Finalmente, educação para o povo, porque a doutrina pedagógica de Sarmiento está fundada em um elevado conceito sobre a natureza humana. Não era menor a sua fé no sistema governamental adotado desde 1810, cuja vigência efetiva dependia do desenvolvimento da educação popular, posto que "a palavra democracia é uma zombaria, de onde governo protela ou descuida formar o cidadão".

Educação e desenvolvimento da nação

O imperativo da época em que lhe correspondeu viver era organizar a nação recém formada sobre bases distintas das preexistentes, o que supunha mudar instituições e costumes retardatários, assentados no privilégio, na corrupção política e no obscurantismo, para afirmar a vigência dos direitos humanos e promover o bem-estar geral, fomentando a responsabilidade social e o espírito nacional. A grande tarefa de Sarmiento consistiu, pois, em erradicar o individualismo e demais males sociais, como condição imprescindível para o desenvolvimento de uma vigorosa

consciência nacional. Todavia, este ideal comunitário a que ele retornou depois de sucessivos fracassos de seus antecessores, não constituía uma utopia irrealizável, senão uma missão possível. As decepções de Moreno e de Rivadavia em seus esforços por formar um espírito nacional não se repetiram com Sarmiento, porque ele estava profundamente arraigado na realidade de seu povo. Assim, longe de operar com esquemas abstratos, inadaptáveis às peculiaridades da sociedade, "meteu a mão na massa" e foi construindo a nação com a realidade viva de seu tempo e de seu meio, sob a inspiração de um espírito profético.

É sob esta ótica, sempre atual, que Sarmiento analisou os problemas do desenvolvimento e sua relação com a formação da consciência nacional. Em vários trabalhos expressou seu pensamento sobre o tema, destacando-se dentre eles, *Educação popular*. E, com maiores detalhes em relação ao desenvolvimento, escreveu *Memória sobre educação comum*, apresentada ao Conselho Universitário do Chile, em 1856. Nesta obra, sustentou que a educação nacional primária é condição necessária para o desenvolvimento industrial, ao mesmo tempo em que permite gerar novas atitudes, elevar o sentido moral e, em definitivo, alcançar a prosperidade geral. O futuro de um país, por conseguinte, se funda no desenvolvimento social e, de modo singular, na educação.

A imensidade do país, escassamente povoado, não obstante a riqueza potencial, constituía um fator básico de isolamento e de barbárie. O deserto aparecia, assim, como a causa e a expressão de um modo de vida primitivo, pouco propício ao trabalho fecundo e ao progresso social. Todavia, Sarmiento estimou que "o pampa não está, como se pretende, condenado a dar pasto aos animais, senão que em poucos anos; aqui, como em todo o território argentino, há de ser logo assentamento de povos livres, trabalhadores e felizes". Para que tal prognóstico se cumprisse era necessário não somente povoar o deserto, senão também modificar o regime da posse da

terra, combatendo o latifúndio, berço da miséria, da ignorância e da tirania. A transformação agrária foi, pois, um tema fundamental de seu programa civilizador. Seguindo o mesmo caminho que Rivadavia, ainda que por meios distintos, assumiu a difícil tarefa de distribuir a terra, como única forma de povoar o campo aberto, acrescentar a produção e fazer viável a educação.

Lamentavelmente, uma tarefa de tão alto voo não pôde prosperar devido à oposição de sórdidos interesses coligados que, naquele momento como agora, apresentam uma resistência irredutível.

Cabe às gerações presentes e futuras cumprir a missão que lhes legou Sarmiento, assegurando o desenvolvimento social por meio da reforma agrária e da ação pedagógica.

Vimos que os remédios preconizados por Sarmiento para combater nossos males sociais eram a educação pública, o trabalho e a imigração europeia. A aplicação deste último remédio provocaria, junto com a regeneração do primitivo sangue hispano-indígena, uma saudável assimilação da cultura e da produtividade das nações europeias mais civilizadas.

Não lhe escapou, todavia, que o tão desejado movimento imigratório poderia ter como consequência a substituição da sociedade tradicional por uma sociedade artificial, "fazendo descer lentamente aos últimos escalões da sociedade os que não se encontram preparados pela educação, os que carecem de formação intelectual e profissional e que, portanto, não estão preparados para responder ao *élan* impresso pelo progresso e pela evolução social. Pode-se então facilmente prever que milhares de pais de família, que hoje desfrutam de uma posição social vantajosa, verão seus filhos caírem na escala social, diante da pressão desses novos homens, dotados de instrumentos mais poderosos". Além da necessidade de resolver nossos males sociais, pode surgir o grave problema da possível perda de identidade nacional. Já veremos em seguida como este novo perigo foi neutralizado pela escola de Sarmiento.

À escola primária a designava com o nome de "educação nacional", porque a grandeza e o futuro do país, como a salvação dos valores tradicionais, dependem da expansão da instrução que se possa dar ao maior número de cidadãos no menor tempo possível, mediante a ação combinada do estado e dos pais de família. Aqui está a razão de sua preferência por este nível de ensino em relação à votada à educação superior. Isso não significava o desconhecimento do valor dos estudos secundários e superiores, na medida em que o sistema de ensino, em seu conjunto, contribuía para desenvolver a prosperidade geral, elevando a moral do povo. Mas, a instrução primária oferecida pelo estado a todo menino em idade escolar, sem discriminação social, econômica, política ou religiosa, era a mais firme garantia da unidade nacional.

Precursor da pedagogia social

Em certas ocasiões, Sarmiento se dizia socialista. Obviamente, empregou o termo "socialista" em oposição ao vocábulo "individualista", posto que acreditasse no progresso social, fundado na liberdade do espírito.

Para sermos mais exatos, diremos que Sarmiento elaborou – sem pretensão sistemática – uma pedagogia política, de caráter social, antecipando-se, assim, à concepção pedagógica fundamentada filosoficamente por Durkheim e Natorp. Concebia a escola como um fator dinâmico que opera sobre a sociedade, transformando-a em todos os seus aspectos. Fundamentalmente, atribuía-lhe a tarefa de estruturar a democracia. A educação era um direito do povo, ao mesmo tempo em que era um dever do estado e da sociedade. Ela tem por objetivo oferecer a melhor educação a todos os indivíduos chamados a exercer as funções sociais, eliminar a tirania e assegurar a igualdade. Esta pedagogia política aparece implicitamente na *Educação popular* e em outras obras que a seguem e a complementam. Descobre-se, assim, nas mesmas obras,

uma orientação pedagógica nitidamente social e progressista, enunciada por meios de normas práticas e de soluções concretas, objetivadas no curso de um mandato presidencial. O interesse de Sarmiento pelos problemas do ensino não podia ser satisfeito pela simples difusão teórica de uma doutrina pedagógica e é por isso, unindo teoria e prática, que ele concretizou suas ideias em projetos e realizações verdadeiramente sociais.

As palavras dirigidas a Mansilla, nas vésperas de assumir a Presidência da República – "prometo que levantarei a pedra e a subirei à montanha" – foram cumpridas em todo o curso de sua vida. A ação de Sarmiento não conheceu descanso. Suas obras, suas criações se sucederam uma após a outra, vencendo a indiferença, as manobras dos dirigentes e a resistência derivada do baixo desenvolvimento social. Para isso, especialmente em matéria de educação, lutou por formar uma consciência pública favorável, na qual baseou a feliz concretização de seus esforços. A lei sobre o ensino primário universal, obrigatório, gratuito e laico, foi promulgada graças a sua tenacidade e a seus grandes dotes de persuasão. A escola primária logrou, assim, a receber a colaboração da comunidade, que passa a ver nesse instituto pedagógico o maior multiplicador econômico e social. Foi esta convicção generalizada, mantida com paixão, que tornou possível o desenvolvimento alcançado pela educação popular na Argentina. "O ensino para todos, sustentava Sarmiento, parte, de fato, do coração dos membros da comunidade e se ela não é alimentada pela simpatia e seu desejo, será sempre uma planta raquítica, cultivada em solo ingrato e incapaz de dar frutos". Forte defensor do entusiasmo popular e do trabalho devotado de educadores, aos quais assegurava a formação, Sarmiento pôs em ação sua doutrina social, erigida como fundamento e garantia do desenvolvimento nacional. A escola pública argentina é a expressão suprema de sua visão política e o testemunho mais notável do cumprimento de uma promessa por

parte de um homem que ambicionou o poder para realizar seus princípios, hoje compartilhados por toda a nação. Daí, a responsabilidade, hoje, dos representantes do povo, de se submeter ao princípio fundante de uma ação que implica a política pedagógica de Sarmiento: governar é educar.

LEITURAS DE SARMIENTO NO BRASIL

José Rubens Lima Jardilino

Civilização e barbárie – Em busca de um projeto político educacional sul-americano

O conhecimento da obra de Sarmiento no Brasil, mesmo no período em que foram constantes suas viagens por essas plagas (1846; 1852 e 1868) foi lacunar e se restringiu a alguns intelectuais e políticos[3], que dialogavam sobre os ideais liberais para o progresso da América do Sul. Dos seus livros, o mais conhecido entre nós até os dias atuais é *Facundo*, que data de 1845.

Desde os tempos da Colônia, são constantes as queixas sobre o desconhecimento da produção dos autores desses dois vizinhos (Brasil e Argentina), uma vez que ambos, já no século XIX, exerciam certa liderança na região. García Mérou confirmava essa lacuna, dizendo:

> de todas as literaturas sul-americanas, nenhuma é tão pouco conhecida entre nós como a do Brasil (...) por minha parte não vacilo em confessar que, surpreendido da variedade e do valor real da produção literária brasileira, mais de uma vez tenho me perguntado, como ela nos pode ter passado quase despercebida até hoje. O Brasil está ligado ao nosso país por laços estreitos. Nossa história política está em contato com a sua desde a época colonial (García Mérou, 1900).

Essa falta de diálogo, ainda que todos buscassem a realização do mesmo sonho ibero-americano – de brasileiros, como Barbosa,

[3] Na correspondência de Sarmiento e Bartolomeu Mitre, em 1852, este faz elogios ao imperador brasileiro. Suas impressões são totalmente contrárias às da primeira viagem. Além de conhecer a colônia alemã do Rio de Janeiro, ficou impressionado com o fato de o Imperador ter conhecimento de sua obra, especialmente do livro *Viajes*.

Nabuco, Oliveira Lima, Manoel Bomfim, Paulino Soares, entre outros –, também esteve de certo modo em suspenso, pois, o livro de Sarmiento mais conhecido de fama e de leitura entre os brasileiros é *Facundo* (tradução brasileira de Carlos Maul). As leituras e interpretações feitas desta obra mostram similitudes dela com o pensamento e a literatura brasileira. A aproximação mais comum é entre *Facundo* e *Os sertões*, como nos informa Acácio França[4], na apresentação à primeira edição, em português, na coleção brasileira de autores argentinos:

> Coincidência curiosa é que, entre nós, a leitura do *Facundo*, para logo, nos desperta a lembrança desse monumento das letras nacionais, do nosso Euclides da Cunha – *Os sertões*. Quanto a mim, foi isso que experimentei, antes que ninguém me chamasse a atenção para o fato nem houvesse eu lido nada a respeito. Claro que não se comportam comparações entre Sarmiento, Euclides e respectivas produções; entretanto, só isso da espontânea lembrança, de parentesco existe entre ambas as obras. Divergem nos intentos imediatos. O argentino escreveu ainda na primeira metade do século XIX (1845); o brasileiro, no limiar do século XX (1901)... O primeiro fez obra de combate a uma tirania, a inimigos pessoais (...) enveredou canhestramente, por vezes, pela geografia, a etnografia, a história, a sociologia, tudo em página de verdadeira literatura, ora descritiva, ora de ternura, ora de combate bravio ou de panfleto, mas sempre de beleza romântica. O segundo fez obra de geógrafo, etnógrafo, sociólogo, historiógrafo (...) sem nenhum romantismo, mas com muita técnica, não de combate, mas de crítica cerrada (...). Pensando bem, os dois livros, incomparáveis embora, são parentes próximos nas letras do continente (França, 1952).

Diante dessa lacuna da influência direta da obra de Sarmiento no pensamento educacional brasileiro, cabe-nos ressaltar que, de certa maneira, as ideias do autor acompanham o pensamento desenvolvido à época, aqui, nas terras de Iracema. Isso pode ser percebido na tríade temática indicada pelo autor argentino para

[4] Texto de apresentação do livro feito pelo tradutor. França, A. Introdução. *In:* Sarmiento, D. F. *Recordações da província*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1952. p. 30.

fazer o debate sobre o Brasil: a questão da Educação, o processo migratório europeu e a aguda questão escravista. A isso, naturalmente, subjaz uma crítica ao próprio modelo de política e governo brasileiro – a monarquia, ou seja, a mesma que alimentou o *Facundo*, a saber, o atraso e a barbárie.

Essa obra traz um programa de superação para se chegar à civilização e ao progresso. Foi sobre esse prisma e a partir da crítica à ordem constituída que Sarmiento dialogou com a intelectualidade brasileira. A leitura de Sarmiento[5] sobre o Brasil é bastante negativa, na primeira viagem, que, de certa maneira, espelhava uma crítica à neutralidade do país na sua querela política com Rosas.

Sarmiento, por suas convicções políticas, entendia que toda a América do Sul estava lançada na barbárie, fruto da herança ibérica e resultado direto do processo colonizador que atrasou o nível de educação em todo o continente.

> Suas ideias sobre educação pública estão estreitamente relacionadas à sua concepção de república, especialmente aquela mais próxima do ideal republicano do humanismo cívico, baseado no antigo sonho de uma república de cidadãos mais igualitária. Seu sonho consistia em uma república capaz de construir a virtude em seus membros por meio da educação pública, do exercício da liberdade política e da distribuição de pequenas propriedades. A educação pública seria assim, o meio para se alcançar uma consciência cívica para a democracia, o progresso, a liberdade e a ordem, e para elevar as condições de vida moral e material dos povos (Mader, 2008, p. 3).

É, pois a educação, na mais autêntica expressão do romantismo de plantão, que vai ser a ponta de lança de toda a discussão que está por traz de *Facundo*, embora esse livro seja mais catalogado no setor de política, ou de literatura. Nas entrelinhas de sua crítica à barbárie sul-americana se encontra solução: a educação do cidadão.

---

[5] A documentação (correspondência, discursos, artigos e livros) que orienta essa visão do autor argentino está registrada em *Obras completas*, publicada em espanhol, e só está disponível em algumas bibliotecas brasileiras, como, por exemplo, na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

Fazer da República uma grande escola[6] era o desejo de Sarmiento. Por esse ponto concentra sua crítica ao império e ao atraso do Brasil. Num dos discursos parlamentares de Sarmiento, em retratando sua primeira viagem ao Império do Brasil, ele traça algumas comparações com as duas grandes cidades do cone sul, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Aí, constata, por meio de cifras, o ínfimo número de pessoas em processo de escolarização, especialmente no lado brasileiro, dado o tamanho da capital do império. Aponta duas razões para a situação: a forma monárquica e a existência de escravos. Destaca o relativo sucesso de Buenos Aires, com maiores índices de letramento, em virtude de um modelo político adequado às exigências da civilização.

Assim se pode afirmar que Sarmiento[7] compreende a educação pública e popular como a "mão de gato que tiras as castanhas do fogo", no processo civilizatório. Ou seja, ela é o fundamento primeiro para garantir a uma nação o lugar de destaque no universo das repúblicas civilizadas. Em que espaço isso poderá ocorrer? Na cidade. Civilização, para nosso autor, se dá na *polis* que, na concepção dos republicanos, se compõe como o lugar da realização natural

---

[6] Como afirma Pamplona (2003, p. 5), "no período de 1850-1920, o papel mais importante na institucionalização dos modos particulares de se imaginar a nação tem sido atribuído não apenas aos intelectuais, como também à *intelligentsia* e a outros membros das ativas comunidades letradas das sociedades latino-americanas". Ligada a estes está a invenção da Escola Moderna e Pública. Assim, a "progressiva estandardização do sistema secundário, a formação de um exército de professores e a criação de uma enxurrada de livros-textos e compêndios para o estudo da linguagem, da literatura e da história, todas essas medidas serviram para a reprodução incansável desses cânones e padrões de pensamento da época. A importância das escolas como legado da modernidade pode ser considerada equivalente à da imprensa. As escolas ajudaram a difundir algumas dessas normas consagradas e seus valores culturais. As normas, profundamente associadas ao uso da linguagem, aos mais elogiados estilos literários daquele tempo e à criação da memória coletiva, ajudaram a promover valores caros à "comunidade nacional" em construção na segunda metade do século XIX".

[7] É bem verdade que na época do seu exercício político como presidente da Argentina os programas implantados e as respectivas estratégias de reforma educacional levada a cabo frustraram a muitos concedendo-lhe ora a imagem de grande vulto visionário da *res-pública*, ora ideólogo do estrangeirismo contrário aos valores autóctones da ameríndia e morena América, cabendo-lhe o apelido de *índio bravo norteamericanizado* cunhado por Borges.

da política, ou seja, o *lócus* da ação do *homo politicus*. Nessa perspectiva, qualquer processo civilizatório terá de, necessariamente, passar pela ampliação da promoção da educação, pública e institucionalizada, na vida política de cada *polis*.

Essa posição pró-educação de Sarmiento, considerada como um grande farol de "ilustração" para as massas, é o reflexo de seu ambiente embalado pelo conjunto das doutrinas científico-filosóficas do ambiente europeu, herdado da ilustração francesa do século anterior e do liberalismo britânico, mas, sobretudo, embalado pela força motriz do positivismo *comtiano* e de suas respectivas derivações. As saídas encontradas, não somente por Sarmiento, mas por toda a sua geração, era expurgar, obsessivamente, o atraso deixado pelos ibéricos na América Espanhola. Como uma miríade de cotovias, esses intelectuais ilustrados sul-americanos reproduziam a visão europeia sobre a América. Para Sarmiento, *Facundo* representa essa profecia que proclama aos quatros ventos que era preciso romper com a barbárie deixada pelo nosso passado hispânico-lusitano e colocar uma nova moldura civilizatória na *Nuestra Morena América*.

Para se chegar a esse paraíso, seria necessário, impreterivelmente, que a América fosse "repovoada"[8] pela nova etnia e raça anglo-saxônica, pela Wasp (White Anglo-Saxon Protestant), e que a educação fosse comum a todos os habitantes. Como afirma o autor, "a República é toda uma escola". Como apontou Pomer, Sarmiento e sua geração, conhecida como geração de 1837, no afã de construir uma nação, puseram-se a questão: ou se imitariam um modelo com êxito comprovado, ou se inventariam algo totalmente novo. Para da uma resposta a essas inquietudes, todos de sua geração "acreditaram nos poderes supremos da razão: mais que

---

[8] Dentre as convicções de Sarmiento, havia a de que a imigração solucionaria o atraso da Argentina e, por conseguinte, da América do Sul. Ao fazer dos imigrantes preceptores dos nativos, esse processo educativo civilizacional seria capaz de neutralizar os vícios e as heranças ibéricas. Depois de algum tempo, se deu conta que haviam outros problemas tão grandes como a barbárie educacional, como, por exemplo, o latifúndio.

sangue, corria-lhes pelas veias o Iluminismo francês. O racional legitimava os sonhos, as esperanças; a razão devia reger as sociedades humanas e, portanto, eles, os portadores da razão nesse rincão remoto que era a região do Prata naquele tempo, acreditavam-se chamados a ajustar a sociedade à razão. Frente às massas incultas, irracionais, condutoras inconscientes do vírus colonial, a elite intelectual devia empunhar as armas da razão e repartir as cutiladas correspondentes" (Pomer, 1983, p. 15).

Pode-se dizer que a influência do pensamento educacional de Sarmiento no Brasil ocorreu de maneira indireta, ou seja, por meio da leitura de suas ideias políticas, das quais ele nunca separou suas análises e propostas educacionais.

Educação como um ato político caracterizou o pensamento e a ação de Sarmiento e este tema, depois de algumas gerações de pensadores libertários, norteou o pensamento e a ação educativa do maior educador brasileiro: Paulo Freire[9].

Educação pública e popular: um direito do cidadão e um dever do estado

As obras específicas do autor sobre a educação, as mais conhecidas, *Educação comum* e *Educação popular*, não tiveram tradução no Brasil nem em outro país de língua portuguesa. Isso, naturalmente, não impediria a leitura nem a repercussão das ideias pedagógicas de Sarmiento no país. Todavia, tampouco são encontradas análises de pedagogos nacionais sobre a repercussão dessas obras na educação brasileira. Naturalmente, os historiadores, quando estudam a importância do século XIX para a história da educação no continente, incluem comentários *en passant* sobre essas obras de

[9] Não se sabe, mas, pela importância do pensamento educacional sarmientiano no Chile, é bem possível que Freire, quando lá esteve, tenha entrado em contato com sua obra. Sarmiento foi o fundador da Escola Normal na América do Sul, localizada em Santiago, Chile, onde foi o seu primeiro reitor.

Sarmiento. Em geral, as que receberam maior atenção foram as de cunho literário ou político[10].

Refazendo o mesmo caminho dos novecentistas argentinos sobre a ausência, em seu país, do pensamento brasileiro, poder-se-ia, do lado de cá, repetir a mesma pergunta: por que um pensamento educacional tão vigoroso e inovador para a época encontrou tão pouco eco na pedagogia nacional? Uma explicação possível seria porque o tratamento de Sarmiento foi, em maior grau, eminentemente político, restrito ao âmbito dos relatórios e dos informes ministeriais e diplomáticos, não focalizando, diretamente, as questões da prática pedagógica, das teorias de ensino e da aprendizagem[11], do cotidiano da escola. Sua luta e sua produção como educador não é uma obra de pedagogo, mas de cientista social buscando a transformação da sociedade, que, por via de consequência, acaba tocando nas questões da transformação da educação, entendida como direito e como instrumento da cidadania, no processo de constituição republicana do cone sul.

---

[10] Os mais analisados são: *Facundo:* civilización y barbárie*; Viajes por Europa, África y América; Conflicto y armonías de las razas en América.*

[11] Embora possamos considerar que o autor, em certos momentos, também tenha se preocupado com as metodologias. Em seu informe de viagem investigativa, apresentado ao ministro da Instrução Pública do Chile, em 1948, comenta sua saga pela Europa, a fim de conhecer os métodos de ensino: "Durante o tempo que vivi em Paris continuei examinando o ensino primário. Encontrei M. Maurin, autor de um sistema apenas conhecido na França. Obtive de M. Maurin os pormenores de seu método o qual parece responder a todas as perguntas que até hoje dificultam a transmissão dos conhecimentos rudimentares. M. Maurin, até certo ponto, por meio de uma técnica mecânica, crê que conseguiu desenvolver a inteligência do aluno, enriquecer sua memória de dados precisos e despertar a faculdade de pensar, servindo-se de acessórios e instrumentos para obter tamanhos resultados, de leitura, escrita, ortografia, e análise gramatical, os quais exercitam o educando em uma só lição. Assim, quando eu examinei as classes e encontrei crianças que não sabiam ler o que escreviam, M. Maurin se explicava nestes termos: 'não importa: uns aprendem primeiro a escrever, outros a ler; ao final todos concluem por saber estes rudimentos com segurança e perfeição'. A leitura é um meio, mas no fim do ensino básico, que é a matéria que se lê, as ideias e os fatos contidos na lição, coisa tão descuidada pelos sistemas conhecidos, os quais consagram todos os esforços a tarefa material de ler e escrever, sem que a inteligência tome parte nesse trabalho puramente dos olhos e das mãos" (Sarmiento, 1849, pp. 15-16).

Desta forma, da obra completa de Sarmiento, mesmo *Educação comum e Educação popular* passaram despercebidas pelo leitor brasileiro da época.

A concepção de educação popular de Sarmiento não está em sintonia com o senso comum de hoje sobre essa modalidade educacional, nem tampouco sobre o conceito de popular veiculado pelos meios de comunicação social. Está sim, de acordo com o que historicamente foi pensado, no sentido de uma educação elementar[12] propiciada pelo estado, para o povo. Curiosamente este é o entendimento de um dos grandes estudiosos da educação popular no Brasil, que é Celso de Rui Beisiegel (1974, 1979 e 2008). Em consonância com as ideias argentinas, o Brasil, muito cedo, já refletia sobre a implantação de uma educação elementar, nos termos que advogava Sarmiento.

> ... as ideias e iniciativas voltadas para a implantação de uma escola elementar para todos os habitantes surgem realmente muito cedo no Brasil. Estão presentes nos trabalhos dos constituintes de 1823. (...) Pouco mais tarde, a lei de 15 de outubro de 1827 determinava a criação de '...escolas de primeiras letras que fossem necessárias em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do país' (Beisiegel, 2008, p.17). Não consta a referência bibliográfica na bibliografia do texto.

Pode-se compreender que Sarmiento estava acompanhado de um coro de vozes que, em uníssono, declaravam a necessidade do direito à educação para as massas, para se formar o homem citadino e republicano. Dizia Sarmiento:

> No exame do que a educação pública tem feito nos países que ela tem mostrado grande progresso, me tem levado claramente a conclusão que há no mundo cristão, ainda que em fragmentos dispersos, um sistema completo de Educação Popular que se inicia desde o nascimento, se prepara nas casas de proteção, continua na Escola Primária e se completa nas Leituras orais, abraçando toda a existência do homem. (...) Por mais que um sentimento de timidez ou

[12] Essas ideias estiveram no âmbito das doutrinas liberais que prevaleceram entre as elites dominantes durante os movimentos sociais da Independência e nos primeiros anos do Império.

desprestígios de nós mesmos, nos façam crer impraticável em nossa América a realização de um completo sistema de ensino popular, bom é que a consciência pública vá acostumando-se desde agora a olhar o conjunto, como o branco puro e perceptível, ao que se deve direcionar os sucessivos esforços. (Sarmiento, 1849, p. 12)

Na verdade, as reflexões sobre as políticas educacionais que Sarmiento desenvolveu na sociedade de sua época, de certa maneira, ainda constituem um dilema no subcontinente, claro que em outros níveis e em outras escalas. Deve-se observar que a escola republicana não deu conta de desfazer o grande fosso deixado entre as classes sociais, pelo processo de colonização e de dominação, cinicamente denominado de "processo civilizatório". Um dos temas recorrentes no pensamento/ação do pedagogo/presidente foi a discussão sobre o financiamento da educação – tema ainda presente na pauta das discussões e debates dos educadores e dos gestores da educação de hoje. O argumento de Sarmiento é de que se gastava muito dinheiro na formação de exércitos para estabelecer a ordem do estado, quando o gasto com a educação do cidadão é ínfimo. Dizia Sarmiento:

> Gastam-se aproximadamente dois milhões de pesos anuais em equipamentos de guerra e pessoal do exército. Quanto se gasta anualmente na educação pública que deve disciplinar os cidadãos para que produza nessa ordem; indústria e riqueza, o que mais podem produzir os exércitos? A história doméstica de cada estado sul-americano está aí para responder, tristemente, esta pergunta (Sarmiento, 1849, p. 26).

O debate sobre a educação do século XIX é muito palpitante nos textos de Sarmiento, mas, quando se lê a *História da educação brasileira*[13] desse período, Sarmiento é uma ausência lamentável.

Por outro lado, deve-se fazer justiça a uma produção bastante significativa da área da história do Brasil, fruto de pesqui-

[13] O legado educação do século XIX tem sido um dos importantes objetos de investigação para pesquisadores brasileiros. Essas pesquisas constituem-se em importante roteiro para compreender a história da educação nacional. Todavia, constatamos em muitos desses textos a ausência de Sarmiento mesmo em notas de rodapé. Creio que essa ausência nos sugere uma investigação para entender e explicar o fenômeno.

sas recentes[14] e veiculadas nos encontros da área, sobre o século XIX, Sarmiento e o Brasil, das quais fizemos uso para a composição deste texto.

Esperamos que esse material divulgado aos professores, pesquisadores e instituições escolares aguce a curiosidade intelectual e leitora da obra de Sarmiento.

---

[14] Dentre outros, cabe destacar: (Mader, 2006; 2008; Carvalho, 2008; Pamplona, 2003).

Minha educação

Aqui, termina o que chamarei, assim, história colonial de minha família. O que segue é a transição lenta e penosa de um modo de ser para outro; a vida da República nascente, a luta dos partidos, a guerra civil, a proscrição e o desterro. À história da família, sucede-se, como teatro de ação e atmosfera, a história da pátria. À minha progênie, sucedo eu; e creio que, seguindo-me as pegadas, como às de qualquer outro naquele caminho, pode o curioso deter a atenção nos acontecimentos que formam a paisagem comum, acidentes do terreno conhecido de todos, objetos de interesse geral, para cujo exame servirão de pretexto e de veículo os meus apontamentos biográficos, embora sem valor por si mesmos, porquanto em minha existência tão desprovida, tão contrariada, porém tão perseverante na aspiração de um não sei que de elevado e nobre, me parece retratar-se essa pobre América do Sul, agitando-se em seu nada, fazendo esforços supremos para despegar as asas e dilacerando-se, a cada tentativa, contra os ferros da jaula que a retém encadeada.

Estranhas emoções hão de ter agitado a alma de nossos pais, em 1810. A perspectiva crepuscular de uma nova época, a liberdade, a independência, o porvir, palavras novas, então, devem ter feito estremecer as fibras docemente, excitar a imaginação, abarrotar de sangue, por minutos, o coração de nossos pais. O ano 10 teria sido agitado, cheio de comoções, de ansiedade, de ventura e de entusiasmo. Conta-se de certo rei que tremia, como azougado, à

vista de um punhal desembainhado, por efeito das emoções que o tocaram, quando ainda nas entranhas da genitora, em cujos braços apunhalaram um homem. Nasci no ano de 1811, nove meses depois do 25 de maio; meu pai se havia lançado na revolução e minha mãe palpitava todo os dias com as noticias que chegavam, a cada momento, sobre os progressos da insurreição americana. Balbuciante ainda, começaram a familiarizar meus olhos e minha língua com o abecedário, tal era a pressa com que os colonos, que se sentiam cidadãos, acudiam a educar os filhos, segundo se vê nos decretos da junta governativa e de outros governos da época. Imbuído desse santo espírito, o governo de San Juan, em 1816, fez vir de Buenos Aires uns senhores dignos, por seu saber e moralidade, de ser mestres na Prússia, e eu passei, imediatamente, para a abertura da *escola da pátria*, a confundir-me na massa de quatrocentos meninos de todas as idades e condições, que acudiam pressurosos a receber a única instrução sólida que se tem dado, entre nós, nas escolas primárias. A memória de D. Inácio e de D. José Genaro Rodriguez, filhos de Buenos Aires, aguarda ainda a reparação que merecem os seus imensos, seus santos serviços, e não hei de morrer sem que minha pátria tenha cumprido com este sagrado dever. O sentimento da igualdade desenvolvia-se em nossos corações pelo tratamento de *senhor* a que estávamos obrigados a nos dar uns aos outros entre os alunos, qualquer que fosse a condição ou a raça de cada um; a moralidade dos costumes era estimulada pelo exemplo do mestre, pelas lições orais e pelos castigos, apenas severos e humilhantes, para os crimes. Naquela escola, de cujos pormenores já falei em *Civilización y barbarie*, em *Educación popular* é hoje conhecida em toda a América, permaneci nove anos sem faltar um só dia sob nenhum pretexto, pois minha mãe estava ali, para cuidar, inflexivelmente severa, de que eu cumprisse com o meu dever de assiduidade. Aos cincos anos, eu lia, correntemente em voz alta, com as entonações que só a completa compreensão

do assunto pode dar, e tão pouco comum deveria ser, naquela época, essa prematura habilidade, que era levado, de casa em casa, para que me ouvissem ler, ganhando, por isso, grande cópia de bolos, abraços e encômios, eu me enchiam de vaidade. Além da facilidade natural de compreender, havia um segredo por trás dos bastidores que o público ignorava, mas que devo revelar, aqui, para dar a cada um o que lhe corresponde. Meu pobre pai, ignorante, porém solícito de que seus filhos não o fossem, açulava, em casa aquela sede nascente de educação; tomava-se, diariamente, a lição da escola e me fazia ler, sem piedade para com os meus tenros anos, *História crítica de España*, por D. Juan de Masdeu, em quatro volumes, o *Desidério y electo* e outros livrecos abomináveis que nunca mais vi, os quais me deixaram no espírito ideias confusas de história, alegorias, fábulas, países e nomes próprios. Devo, pois, a meu pai, a afeição à leitura, de que tenho feito ocupação constante de uma boa parte da minha vida, e, se me não pôde, depois, dar educação, por sua pobreza, deu-me em compensação, por aquela solicitude paterna, o instrumento poderoso com que eu, por meu próprio esforço, a tudo supri, cumprindo o mas constante, o mais fervoroso dos seus votos.

Sendo aluno da aula de leitura, construiu-se, em um dos seus extremos, um assento elevado como pódio, ao qual se subia por degraus; a ele fui elevado com o título de *primeiro cidadão!* Se o assento foi feito para mim, di-lo-á D. Inácio Rodriguez, que ainda está vivo! Sucedeu-me naquela honra um jovem Domingos Moron... Essa circunstância, a publicidade desde então adquirida, os elogios, de que fui sempre objeto e testemunho, e uma série de atos posteriores deve ter contribuído para dar às minhas manifestações certo caráter de fatuidade, que vim a perceber mais tarde. Eu acreditava, desde menino, nos meus talentos, assim como um proprietário no seu dinheiro ou um militar nos seus feitos de guerra. Todos o diziam e, em nove anos de escola, chegaram à dúzia entre

mil dos meninos que teriam passado por suas portas, os que se me avantajassem em capacidade de aprender, apesar de que, no fim, já me molestava a escola, assim como gramática, aritmética, álgebra, à força de tê-las aprendido tantas vezes. Minha moralidade de aluno deveria ter se ressentido dessa eterna vida de escola, pelo que eu recordo haver caído no último ponto em desfavor dos mestres. Estava estabelecido o sistema seguido na Escócia de ganhar lugares. Propunha-se uma questão de aritmética, e os que não sabiam bem olhavam para mim. Se os que demoravam iam perder na votação, eu fingia deter-me para apressá-los; se, ao contrário, era preciso demorar, eu me repoltreava no assento, detendo-me, repentinamente, para soprar o lugar ao eu me observavam. Finalmente, obtive carta branca para ascender sempre em todos os ursos e, pelo menos duas vezes por dia, chegava ao primeiro lugar; porém a escrita era abominável, mantinha notas de censura, havia chegado tarde, escapulia-me sem licença e outras diabruras com que me desforrava do aborrecimento e me tiravam do primeiro lugar, e o médio de prata branca, que era conservar o dia inteiro, o que me sucedeu poucas vezes.

Davam, ademais, decidida superioridade devido a minhas frequentes leituras de coisas estranhas ao ensino com o que minhas faculdades intelectuais se desenvolveram a um grau que os outros meninos não possuíam. Em meio da minha despreocupação habitual, eu prestava apurada atenção às explicações do professor, lia com proveito e retinha, indelevelmente, tudo quanto entrava por meus ouvidos e olhos. Em uma série de dias, o mestre nos contou a preciosa história de Robinson, e, três anos depois, eu a repeti, na íntegra, sem antecipar uma cena, sem esquecer nenhuma diante de D. José de Oro e toda a família reunida.

Entanto, fizeram-me sombra, de quando em quando, rapazes altamente dotados, de brilhante inteligência e maior apego ao estudo do que eu. Entre eles, Antônio Aberastain, José Álvarez, um Leites,

de assombrosa capacidade, e outros, de cujos nomes não me lembro.

Naquele naufrágio das minhas qualidades morais, por desocupação do espírito, salvei uma que importa fazer conhecida. A família dos Sarmientos tem, em San Juan, uma reputação indisputável, herdada de pais a filhos, digo com muita mortificação para mim, de embusteiros. Ninguém lhes nega essa qualidade e eu os tenho visto das tão relevantes provas dessa inata e adorável disposição, que não me resta dúvida seja alguma qualidade de família. Minha mãe, entretanto, se havia premunido, para não deixar entrar, com meu pai, aquela traça em sua casa, e nós fomos criados em santo horror à mentira. Distingui-me, na escola, por uma veracidade exemplar, a tal ponto que os professores a recompensavam, dando-a como modelo aos alunos, citando-a com encômios e afirmando-me sempre mais e mais no propósito de ser sempre veraz, propósito que entrou a firmar o fundo do meu caráter, de que dão testemunho todos os atos da minha vida.

Terminou a minha aprendizagem escolar por uma daquelas injustiças tão frequentes, de que me recordo em todas as circunstâncias de minha vida. D. Bernardino Rivadávia, aquele semeador de má sorte, cujas plantas seletas iriam ser pisadas pelos cavalos de Quiroga, Lopez, Rosas e todos os chefes da reação bárbara, pediu a cada província seis jovens de conhecidos talentos para serem educados por conta da nação, a fim de que, concluídos os estudos, voltassem às respectivas cidades para exercer as profissões cientificas e dar lustre à pátria. Pedia-se que fossem de família decente, embora pobre, e D. Inácio Rodriguez foi à nossa casa dar a minha mãe a fausta notícia de ser meu nome que encabeçava a lista dos filhos prediletos que a nação ia tomar sob seu amparo. Entrementes, despertou a cobiça dos ricos, botaram-se empenhos, todos os cidadãos se achavam no caso da doação e se teve de formar uma lista de todos os candidatos; lançou-se a eleição à sorte e, como a

fortuna não era padroeira de minha família, não me tocou ser um dos agraciados. Que dia de tristeza para meus pais aquele em que nos deram a fatal notícia do escrutínio! Minha mãe chorava em silêncio, meu pai tinha a cabeça sepultada entre as mãos.

Contudo, a sorte que se mostrara ingrata para comigo, não o fora para a província; esta, ao contrário, é que não soube aproveitar, depois, dos bens que se lhe prepararam. Foi sorteado Antônio Aberastain, pobre como eu, dotado de talentos distintos, um apego férreo ao estudo e uma moralidade de costumes que o torna exemplar até o dia de hoje. Chamou a atenção no Colégio de Ciências Morais por aquelas qualidades, aprendeu inglês, francês, italiano, português, matemática e direito; graduou-se nessa faculdade e regressou à sua terra, onde foi compelido, no dia seguinte ao da chegada, pela Junta dos Representantes, a desempenhar a primeira magistratura judicial da província. Em 1840, emigrou para não mais voltar; foi nomeado ministro do governo de Salta, pela fama de capacidade que gozava; saiu, afinal, daquela província por entre as lanças das *montoneras*, passou ao Chile, fizeram-no secretário do intendente de Copiapó e reside, hoje, naquela província, vivendo da sua profissão de advogado e sendo alvo da estima de todos. Ninguém melhor do que eu tem podido penetrar no fundo do seu caráter; amigos de infância, seu protegido na idade adulta, quando, em 1836, chegávamos ambos, ao mesmo tempo, a San Juan, ele de Buenos Aires e eu do Chile; começou a conhecer-me, pouco a pouco, a prestar-me o apoio da sua influência, para levantar-me em seus braços, cada vez que a inveja maliciosa da aldeia lançava sobre mim uma onda de desfavor ou de ciúmes, cada vez que o nível de vulgaridade se obstinava em abater-me. Aberastain, doutor, juiz supremo de alçadas, estava sempre, ali, defendendo-me entre os seus contra a massa de jovens ricos ou malcriados que me embargavam o passo. Devo a esse homem bom até a medula dos ossos; enérgico sem o parecer, humildade até anular-se, o que, mais

tarde, devi a outro homem, no Chile, a estima de mim mesmo, pelas demonstrações com que me prodigalizava da sua; servindo ambos para me enaltecer mais do que o teria feito a fortuna. A estima dos bons é um galvanismo para as substâncias análogas. Um olhar de benevolência deles pode dizer a Lázaro levanta-te e anda. Nunca amei tanto como amei Aberastain; nenhum homem deixou mais fundas marcas no meu coração de respeito e de apreço.

Desde sua saída de San Juan, o Supremo Tribunal de Justiça está ocupado por homens sem educação profissional e, às vezes, tão ineptos, os pobres, que seriam torpes para arrieiros. Ultimamente, a honorável sala de representantes declarou que, nem na falta de advogados sanjuaninos, possa ser juiz um *estrangeiro*, quer dizer, indivíduo de outra das províncias confederadas, e basta citar esse ato legislativo para mostrar a perversão de espírito em que caiu aquela gente.

D. Saturnino Salus foi outro dos agraciados; dedicou-se às matemáticas, para as quais o dotara a natureza de uma daquelas organizações privilegiadas que fazem os Pascal e os D'Ampère. Cultivou aquela matéria, apaixonadamente, dava lições aos condiscípulos para se vestir, usando da sua habilidade manual para fazer sapatos e remendar as próprias roupas na suma pobreza e orfandade em que o deixou a destruição do Colégio de Ciências Morais, um dos crimes cometidos pelo partido reacionário, vingança de Arana e Rosas contra a malquerença que, justamente, lhes professavam os colegiais, como a luz deve detestar o apagador.

Aquela qualidade industriosa é inerente e orgânica na família dos Salas. Seu pai, D. Joaquim Salas, inventava máquinas e aparelhos para tudo, e perdeu imensa fortuna herdada de D. Antônio Irarrázabal, sendo que parte naqueles ensaios de seu engenho; D. Juan José Salas, seu filho, também manifesta a mesma capacidade fabril que, em San Juan, dados os hábitos da rotina espanhola, se malogra em curiosidades improdutivas. Enfim, as senhoras Salas,

solteiras, vivem, em honesta mediania, do produto de certa indústria por elas inventada, aperfeiçoada, em todas as minúcias, e elevada à categoria de uma das belas artes. São célebres em San Juan as flores artificiais das mãos das Salas, as quais, sem exagero, rivalizam com as mais lindas de Paris, cujos modelos estudam, a fim de adivinhar os processos de feitura; quanto à beleza artística, as imitam a natureza mesma, e, não poucas vezes, fariam aceitar, como natural, uma rosa de suas mãos, ou um ramo de flores de laranjeiras, tal é a paciente habilidade que põem no copiar até nos mínimos acidentes. Seu irmão Saturnino continuou, largos anos, estudando matemáticas por vocação, ensinando-as por necessidade, fazendo parte do corpo de engenheiros de Buenos Aires e contente na miséria, única recompensa, hoje em sua pátria, ao saber que se não faz delinquente e imoral. Enquanto aquele profundo matemático vegeta na miséria, o governo de San Juan pagava três mil pesos anuais a um tratante desavergonhado que se dava por hidráulico, maquinista, engenheiro, advogado e entendido em qualquer matéria que se lhe mencionasse. Defendeu causas, foi empresário de teatro, escritor, coronel, diretor de obras públicas, juiz de águas, o amigo dos federais, o terror dos unitários, e, na verdade, o ser mais vil que tem desonrado a espécie humana; durou essa escandalosa farsa por dez anos, para opróbrio daquela cidade. Salve, federação! Pelo fruto, se conhece a árvore!

Era o terceiro D. Indalício Cortínez que se consagrou às ciências médicas, com aplausos da classe inteira; dedicava-se tanto à cirurgia, que tinha concessão especial de cadáveres feita pelos catedráticos, a fim de que pudesse, em seu quarto, entregar-se aos estudos favoritos sobre o organismo humano. Voltou a San Juan para exercer a profissão cientifica, depois de doutorado em três faculdades; levantou uma casa de andares na praça, adquirindo o local da igreja de Santana, então arruinada, e emigrou para Coquimbo, abandonando tudo o que possuía, para salvar-se da perseguição

que se cevava sobre todos os que tinham olhos para prever o abismo de males em que ia sepultar-se a república com a vitória dos caudilhos, os quais não sabem, hoje, por onde sair do pântano em que eles mesmos se meteram.

Estou esperando, a cada momento, a lei que proíba, em San Juan, os médicos *estrangeiros* de curar os enfermos, preferindo, como nos tribunais, os curandeiros nascidos e criados na província.

Os três restantes foram D. Fidel Torres que não voltou a sua terra, D. Pedro Lima, já morto, e D Eufêmio Sanchez que professa, ao que me consta, a medicina em Buenos Aires. Mas, o certo é que nenhum dos seis jovens educados por D. Bernardino Rivadávia permaneceu em San Juan; privando-se essa província de recolher o fruto de uma medida que, só por si, bastaria para fazer perdoar àquele governo de muitas faltas.

Antes de entrar em coisas mais sérias que voltar as vistas sobre os brinquedos de minha infância, porque eles revelam hábitos solarengos, de que ainda se me ressente a idade madura. Não soube nunca fazer dançar um peão, jogar a pelota, empinar um papagaio, nem um só dos brinquedos infantis a que não tomei afeição em minha meninice. Na escola, aprendi a copiar desenhos, fazendo, depois, um molde para decalcar a figura de San Martin a cavalo, dessas que os lojistas costumam por em lanternas de papel; e, de exercício em exercício, consegui, em dez anos de perseverança, adivinhar todos os segredos. Em uma visita de minha família à casa de D. Bárbara Icasate, ocupei todo o dia em copiar a cara de S. Jerônimo e, uma vez adquirido aquele tipo, eu o reproduzia de distintas maneiras, em todas as idades e sexos. O professor cansado de corrigir-me nesse passatempo, acabou resignando-se e respeitando essa mania instintiva. Quando pude, pelo conhecimento das matérias do ensino do desenho, faltou-me vontade para me aperfeiçoar. Em compensação, espalhei, mais tarde, em minha província o gosto por essa arte gráfica e, sob minha direção ou

inspiração, formou-se meia dúzia de artistas que San Juan possui. Aquela afeição, porém, se convertia, nos meus brinquedos infantis, em estatuária, que tomava duas formas diversas: santos e soldados, os dois grandes objetivos de minhas predileções de menino.

Criava-me a minha mãe na persuasão de que eu ia ser clérigo e cura de San Juan, a exemplo de meu tio; de seu lado, meu pai só via casacas, galões, espadas e demais bugigangas. Por minha mãe, alcançavam-me as vocações coloniais; por meu pai, se me infiltravam as ideias e preocupações daquela época revolucionária; e, obedecendo a essas impulsões contraditórias, eu passava minhas horas de ócio em beata contemplação de meus santos de barro devidamente pintados, deixando-os, em seguida, quietos em seus vidros, para ir dar, na casa da frente, uma grande batalha entre dois exércitos que eu e meu vizinho havíamos preparado, um mês antes, com grande provisão de balas, para arrasar fileiras de bonecos disformes e borrados de tinta.

Não contaria essas bagatelas, se não tivessem tomado, mais tarde, formas colossais e proporcionando uma das recordações que, até hoje, me fazem palpitar de glória e de vaidade. Pelo que toca à minha vocação sacerdotal, frequentava, quando menino de treze anos, uma devota capela, em casa do corcunda Rodriguez, bastante para conter vinte pessoas, dotada de sacristia, campanário e demais requisitos, como candelabros, incensórios e sinos sonoros feitos pelo negro Rufino de D. Javier Jofré, a que dávamos enorme consumo em repiques e procissões. A capela era consagrada ao nosso pai São Domingos, desempenhando eu, durante dois anos, por aclamação do capítulo e com grande edificação dos devotos, a augusta dignidade de provincial da ordem dos pregadores. Vinham os frades do convento de São Domingos ver-me cantar a missa, para o que eu parodiava meu tio cura que cantava muito bem e de quem, sendo eu menino de coro, atentava em todo o mecanismo da missa, não sem marcar a página do missal em que

estavam o evangelho e a epístola do dia, a fim de reproduzi-los por inteiro em minha missa particular.

Aos domingos de tarde, o provincial virava general em chefe de um exército de meninos e ai dos que quisessem fazer frente àquela chuva de pedras que saía do seio da minha falange!

Andando o tempo, logrei a afeição de uma meia dúzia de peraltas que compunham minha guarda imperial, com o auxílio da qual repeti, certa vez, a façanha de Leônidas, a tal ponto que o leitor a confundirá com a do célebre espartano. Esse é um caso sério que requer sejam trazidas, uma a uma, as personagens que brilharam naquele dia memorável.

Havia, em casa dos Rojos, um mulato rechonchudo apelidado *Barrilote*; menino inquieto, atrevido, capaz de desatinos. Outro da mesma cor, de Cabrera, onze anos, baixinho, matreiro e tão obstinado que, já homem, feito cabo por bravura, desertou das fileiras de Facundo Quiroga com outros e, em lugar de fugir, tiroteou o exército em marcha, até que foi capturado e fuzilado. Chamava-se esse *Piojito*.

Aparecia o terceiro com o sobrenome de *Chuña* (ave sem importância), peão chileno, de vinte e poucos anos, um pouco imbecil, portanto muito bom achado na sociedade dos meninos. Era o quarto José I. Flores, meu vizinho e companheiro de infância, a quem, também, distinguia a alcunha de *Velita*, que ele conseguiu esquecessem a custo de bom humor e jovialidade. O quinto era o *gaúcho* Ribeiros, excelente rapaz e meu condiscípulo. Agregou-se, mai tarde, Dolores Sanchez, irmão daquele Eufêmio, a quem, pelo costume de envolver o braço no capote para se defender das pedras, chamávamos *Capotito*. Esse novo recruta educou-se a meu lado e provou, desde logo, ser digno da companhia em que se tinha alistado. No ano, pois, do Senhor, que eu não sei mesmo de quantos, pois os meninos nunca sabem o ano em que vivem, fizemos três ou quatro jornadas mais ou menos luzidas, com mais ou menos

pedradas, e, pelas dadas e recebidas, terminando um domingo por desmoronar um exército, fazendo prisioneiros generais, tambores e uma chusma que passeamos, insolentemente, por algumas ruas da cidade. Essa humilhação imposta aos vencidos trouxe a sua represália; não demorou muito, que, na quarta ou quinta-feira da semana seguinte, soubéssemos que os bairros da Colônia e de Valdívia, grandes como são e povoados por cardumes de meninos, se aprestavam para nos deitar a mão no domingo seguinte. Desde sexta-feira e sábado, choviam-me os avisos, cada vez mais alarmantes, dos progressos colono-valdivianos, enquanto eu incitava toda a minha gente, a fim de me achar preparado para receber os adversários, dignamente. Sobreveio o domingo tão esperado por uns e tão temido por outros, chegou à tarde, avançava à hora, e meus soldados não apareciam, tanto medo lhes causava a notícia dos preparativos e ameaças de nossos inimigos.

Enfim, convencidos da impossibilidade de aceitar combate, dirigimo-nos, eu e aqueles seis mencionados, que não faltariam à reunião nem que o céu se despovoasse, para os pontos por aonde, presumivelmente, viria o exército aliado, ao menos pelo gosto de vê-lo. Assim caminhando à ventura, chegamos até a *Pirâmide*, de onde ouvimos já o fragor das aclamações e gritos de entusiasmo dos rapazes e o som dos tambores de cabaças ou de couro, que os precediam. Momentos depois, apareceu a coluna que espalhou pelo terreno vizinho. Deus meu! Eram quinhentos diabinhos com vinte bandeiras, piques e sabres de pau que não refletiam os raios do sol. Contamos para mais de trinta adultos misturados entre a turba imberbe, tanta era a novidade que causava aquela inusitada multidão.

Nós, instintivamente, retrocedemos, temerosos de ser sepultados por aquela avalanche de rapazes ávidos por fazer uma diabrura, sobretudo como desforra do que se passara no domingo anterior.

Tomamos os sete a rua transversal, que conduz ao moinho de Torres, desconcertados, cabisbaixos. A ponte lançada sobre o ladrão

do moinho, para o norte, precede um terreno sólido, cheio de gretas e ligado, ao passo que, em torno da ponte, havia enorme quantidade de calhaus tirados do fundo do açude. Veio-me uma ideia, que Napoleão me aplaudiria, que Horácio Cocles me teria disputado como sua. Ocorreu-me que, parados os sete na estreita ponte e com aquela providencial abundância de pedras à mão, podíamos disputar o passo ao exercito aliado de Colônia e de Valdívia. Detenho os meus, explico-lhes o caso, convenço-os e concluo arrancando-lhes um *está bom* firme e explosivo de entusiasmo. Prometem-me obediência cega; tomo, com Ribeiros e *Barrilote* o centro da ponte, distribuo os dois de cada lado da trincheira feita e todos nos ocupamos, diligentemente, em juntar pedras, de maneira a suprir o número necessário à vivacidade de fogo. Eles, no entanto, nos haviam percebido, e o ar tremia com os gritos daquela multidão que avançava, rapidamente, sobre nós. Meu plano era não disparar uma pedra até que os tivesse a tiro. Acercou-se a turba, e, de repente, arrojamos tal granizada de pedras, que os guinchos de dez ou doze, alcançados em cheio, deram prova sonora de que não erráramos de todo. Fugiu aquela chusma desordenada; os meus queriam lançar-se em perseguição, mas o general havia calculado tudo, visto que a interposição da ponte era o único meio possível de defesa.

Ao dizer que calculava tudo, esquecia-me de que o melhor não me passara pela mente, e era que as mesmas pedras atiradas poderiam por seu turno, voltar a nós; ainda mais que, à sua retaguarda, tinha a imensa coluna à rua de S. Agostinho, rica de calhaus que chegam a magoar os cavalos que ali transitam. De fato, volvidos do espanto, os agressores e mandando centenas de meninos trazer pedras às mancheias, travou-se o mais rude combate de que jamais fizeram menção as crônicas de garotos vagabundos. Aproximou-se da trincheira que eu defendia um rapaz, Pedro Frias, e me propôs, com ares de parlamentar, que pelejássemos a sabre. Nós sete

contra quinhentos! Depois de bem refletir sobre a proposta, repeli-a, terminantemente, e, um minuto depois, via-se o ar coberto de pedras que iam e vinham. Quebraram a cabeça do *Piojito*, ele, destilando sangue, surdo de chorar e berrando palavrões, disparava pedras como uma catapulta antiga; o *Chuna* havia caído desmaiado, já, dentro da canal de irrigação, em risco de afogar-se; estávamos contundidos todos, e a refrega prosseguia com o encarniçamento crescente; a distância já era de quatro varas, mas a ponte não cedia passagem, até que o negro Tomás, de D. Dionísio Navarro, que estava na primeira linha, gritou para os seus: "Não atirem, vejam que o general não pode mover os braços". Com isso, o combate cessou e os que estavam mais próximos se vieram chegando para mim, silenciosos e mais contentes por minha causa que pelo seu triunfo. Era o caso que, além das pedradas sem conta que tinha recebido pelo corpo, tantas me haviam tocado nos braços, que fiquei sem os poder mover; as pedras que ainda jogava, por puro patriotismo, iam cair sem força a poucos passos. De meus companheiros, fugiram dois que não nomeio, para não lhes comprometer a reputação, mesmo porque não se há de exigir igual constância de todos. Ribeiros ainda estava a meu lado; o *Piojito* ainda; e cuidamos dos nossos feridos. Alguns desalmados quiseram compelir-me a seguir como prisioneiro, ao que me opus com as restantes energias, tendo os braços caídos e imóveis; intervieram em meu favor os homens que vinham na comitiva, dando seu devido mérito e toda a honra da jornada ao vencidos, e eu me retirei, cambaleando de extenuado, para casa; ali chegando, fiz eu mesmo, no maior sigilo, aplicações de panos de salmoura para que desaparecessem aquelas negras contusões. O! Vós companheiros de glória naquele dia memorável! O! Vós *Piojito* se vivêsseis! *Barrilito, Velita, Chuña, Gaúcho* e *Capolito*, eu vos saúdo, ainda, do desterro, no momento de fazer justiça ao ínclito valor de que destes prova! E' pena que se não vos levante um monumento naquela ponte, para perpetuar vossa

memória. Mais não fez Leônidas com seus trezentos espartanos nas famosas Termópilas! Não fez menos o desgraçado. Acha nas acéquias de Angaço, pondo de barriga ao sol tanto imbecil que não sabia apreciar o que vale uma acéquia posta de permeio, quando há por trás uma dúzia de astutos cravados no solo.

Voltando à minha educação, pode dizer-se que a fatalidade intervinha, a fim de me embargar o passo. Em 1821, ia para o seminário de Loreto, em Córdoba, e tive de regressar sem lá ter entrado. A revolução de Carita deixou-me sem mestre de latim. Em 1825, principiei a estudar matemática e engenharia sob a direção de Mr. Barreau, engenheiro da província. Levantamos, juntos, o plano das ruas de Rojo, Desamparados, Santa Bárbara, rodeando, dali, para o Pueblo Viejo; e levantei eu sozinho, por me ter abandonado o mestre, as da catedral, de Santa Lúcia e de Légua. No mesmo ano, fui para San Luis, a fim de continuar, com o clérigo Oro, a educação interrompida pela revolução do ano anterior. No ano seguinte, fui chamado pelo governo para me enviar ao Colégio de Ciências Morais, e chegava a San Juan, depois de me haverem negado entrada, mais uma vez, no momento em que as lanças de Facundo Quiroga vinham entre espessas nuvens de pó, agitando sinistras bandeirolas pelas ruas.

Em 1826, entrava, como tímido empregado de comércio, em uma loja, eu que fora educado pelo presbitério Oro, na solidão que tanto desenvolve a imaginação, eu havia sonhado congressos, guerra, glória, liberdade, a república, enfim. Estive triste, muitos dias, e, com Franklin, a quem destinavam para saboeiro, ele que devia "roubar os raios aos céus e o cetro dos tiranos"; tomei, desde logo, ojeriza ao caminho que só conduz à fortuna. Nos meus devaneios, em horas de ócio, voltava-me para aqueles campos de San Luís, onde vagava pelos bosques com o meu Nebrija, estudando *máscula sunt maribus*, interrompendo o recitado para dar uma pedrada em algum pássaro. Faltava-me aquela voz sonora

que, por dois anos inteiros, soara aos meus ouvidos, plácida amiga, movendo-me o coração, educando-me os sentimentos, elevando-me o espírito. As reminiscências daquela chuva oral, que, todos os dias cai sobre minha alma, se me apresentavam como ilustrações de livro, cujo significado compreendemos pela atitude das figuras. Povos, história, geografia, religião, moral, política, tudo isso já estava anotado como em um índice; faltava-me, entretanto, o livro que o minudenciava, e eu me encontrava só no mundo em meio de fardos de *tucuyo* e peças de *queimão* oferecendo, repetidamente aos que se aproximavam, para que comprassem vara por vara. Mas, deve haver livros, dizia eu de mim para comigo, que tratem, especialmente, dessas coisas que se ensinam aos meninos; entendendo-se bem o que se lê; pode-se aprender sem necessidade de professor; lancei-me, imediatamente, em busca desses livros e, naquela remota província, no exato momento em que tomei minha resolução, encontrei o que procurava, tal como o havia concebido, preparado por patriotas que queriam bem à América, os quais, de Londres, lhe pressentiam as necessidades em pontos de educação e, assim, responderam aos meus clamores, enviando-me os *catecismos* de Ackermann, introduzidos em San Juan por D. Tomás Rojo. Achei-os! Poderia dizer como Arquimedes, porque eu os havia previsto, inventado, aqueles catecismos, que, mais tarde, em 1829, dei de presente a D. Saturnino Laspiur, para a educação de seus filhos. Ali estava a história antiga, da Pérsia, do Egito, aquelas Pirâmides, aquele Nilo, de que me falava o clérigo Oro. Estudei, decorando, a história da Grécia e, em seguida, a de Roma, sentindo-me, sucessivamente, Leônidas e Bruto, Aristides e Camilo, Hamódio e Epaminondas; e isso enquanto vendia erva e açúcar, fazendo cara feia aos que me vinham tirar daquele mundo que eu havia descoberto para que me nele viver. Todas as manhãs, depois de varrida a loja, estava eu lendo; uma senhora Laura passava para a igreja, voltava, e seus olhos topavam, sempre, dia por dia, mês

por mês, com aquele menino, imóvel, insensível a toda perturbação, de vista fixa num livro; pelo que, meneando a cabeça, dizia ela em casa: "Esse mocinho não deve ser bom! Se fossem bons os livros, não os leria com tanto afinco!"

Outra leitura ocupou-me, por mais de um ano – a *Bíblia*! Às noites, depois das oito, tempo de fechar a loja, meu tio D Juan Pascoal Albarracin, já presbítero, aguardava-me em casa, e, durante duas horas, discutíamos sobre o que eu ia, sucessivamente, lendo desde o Gênese até o Apocalipse. Com quanta paciência escutava minhas objeções, para me comunicar, em seguida a doutrina da igreja, a interpretação canônica e o sentido legítimo recebido das sentenças, onde diziam branco, embora que eu lesse negro, assim como as opiniões divergentes dos santos padres! *A teologia natural de Paley; Evidência do cristianismo* do mesmo; *Verdadeira ideia da Santa Sé,* de Feijó que, ao tempo, me caiu nas mãos, completaram aquela educação racional e eminentemente religiosa, porém, liberal, que vinha do berço, transmitindo-se desde minha mãe ao mestre-escola, desde meu menor Oro, até o comentador da Bíblia, Albarracin.

Por essa época, esteve de visita, em San Juan, o Cônego D. Inácio Castro Barros, e fez missão pública, pregando quinze dias sucessivamente, nas praças, à luz da lua, tendo por auditório quanta gente possa caber em uma quadra quadrada de terreno. Eu assistia, com assiduidade, àquelas práticas, para o que procurava, logo cedo, instalar-me em lugar favorável. Precedia-o a fama de grande pregador, e, por vários dias, me teve em febril excitação. Havia logrado despertar em minha alma o fanatismo rancoroso que ele vertia sempre daquela boca espumosa de cólera contra os ímpios e hereges a quem ultrajava com os mais não nobres termos. Furibundo, frenético, andava de cidade m cidade, acendendo as paixões populares contra Rivadávia e a reforma, abrindo caminho aos bandidos, como Quiroga e outros, a quem chamava de Macabeus. Fiz, com ele, confissão geral, para consultá-lo em minhas

dúvidas, para me aproximar mais e mais daquela fonte de luz, a qual, na minha razão de dezesseis anos, achei vazia, obscura, ignorante e enganosa. Os estragos feitos por aquele intruso, em San Juan, podem coligir-se do decreto de 28 de julho de 1827, expedido pelo governo inimigo de Rivadávia e seus partidários. "Uma funesta experiência, diz, tem demonstrado quanta é a felicidade com que se passa, da diferença de opinião, à discórdia e, desta, à guerra. Foi essa mesma experiência que levou o governo à convicção de que, embora se deva assegurar a cada indivíduo a liberdade de manifestar decorosa e legalmente, sua opinião, também é necessário impedir que se procure estender aquela, atacando os que pensam de outro modo, por meios reprovados e sumamente perigosos. Quando se tem chegado a tais arbítrios, quando certas instituições santas e veneráveis são levadas a falar em favor do a que se chama uma disputa política, está minada a tranquilidade publica. Por força destas considerações e por haver conhecimento de que algum ministro do santuário tem falado, direta e ainda pessoalmente, na cátedra do Espírito Santo, das mesmas questões políticas, das quais já resultou, de outra vez, derramamento de sangue em San Juan, conveio o governo em decretar:

> 1.º) Fica proibido fazer menção de questões políticas em nenhum discurso público religioso que se pronuncie no templo do Senhor, onde se não deve ouvir senão a moral santa do Evangelho, os preceitos do redentor do mundo, os consolos da religião divina dos fiéis.
>
> 2.º) Comunique-se ao venerável clero e dê-se ao *Registro* – Quiroga – José Antônio de Oro, secretário.

Fez-me duvidar de sua sinceridade o espetáculo de uma dessas forças que lhe haviam valido a celebridade. Terminava uma prédica dentro da igreja, mostrando-se contra Llorente, a quem chamou de ímpio, corrupto, por haver caluniado o santo tribunal da inquisição, assegurando ao auditório que havia morrido comido de vermes,

como castigo de suas iniquidades. Eu o seguia, com avidez, naquelas imprecações que destilavam veneno, sangue, maldições e ultrajes, contra Rousseau e uma enfiada de nomes desconhecidos para mim, e a bílis ia exaltando-se; e a raiva do possesso subia-lhe dos olhos, injetados de sangue, e à boca, em cujos cantos se acumulava baba ressequida; quando se levanta, repentinamente, e estendendo os braços e levantando a voz acentuadamente, a que respondiam os ecos das abóbodas do templo, invocou o demônio, mandando-o apresentar-se diante dele, afirmando, em termos positivos e terminantes, ter poder do céu para fazê-lo comparecer e, que ele iria surgir no ato; e seus olhos o buscavam e suas mãos crispadas assinalavam os lugares escuros da igreja; e as mulheres inquietas se moviam, voltando o rosto para fugir, enquanto eu cravava os olhos naquela fisionomia do clérigo decomposta e lívida, esperando encontrar nela sinais de fascinação, pelo não me atrever a crer que tudo aquilo fosse uma patranha. Vi, depois, Casacuberta fazer, com igual paixão, papéis mais difíceis e senti ferver meu sangue, indignado contra aquela prostituição da cátedra.

O padre Castro Barros deixou no meu espírito a primeira dúvida que o atormentou, a primeira malquerença contra as ideias religiosas em que havia sido criado, ignorando o fanatismo e desprezando a superstição. Soube, depois, a história daquele insensato: era seu truque favorito, nos campos, entre gentes incultas, soltar, do púlpito, uma peninha, dizendo ser esta a alma de um condenado e assegurando que aquelas pessoas sobre quem ela assentasse estava já predestinada aos suplícios eternos; e as infelizes mulheres, apinhadas em derredor, entre prantos e aos empurrões, agitavam o ar, e a peninha revoluteava, mudava de direção, passeando o espanto e a desolação por sobre as cabeças daquele povo que, afinal, se punha de pé, louco de terror, gritando e debandando-se pelos campos. Omito mil cenas horríveis desse gênero, como a caveira e o crucifixo, para entabularem colóquios, risíveis se não fossem odiosos, entre

objetos tão venerados; fazer a caveira cantar *tonadillas*[15] mundanas, gozando ele com isso, a recordar, então, um por um, seus deslizes passados. Dessa escola de pregadores, saem, nas colônias espanholas, os terroristas políticos; de suas blasfêmias, contra os ímpios, saiu o *morram os selvagens unitários*. Daí, saíram as chispas que apaixonaram a multidão e a lançaram aos crimes, às matanças de que temos sido vitimas. Da boca de Castro Barros, como da dos puritanos da Inglaterra, saía sempre a Sagrada Escritura empanada de sangue, açulando as paixões brutais da multidão. Afortunadamente para a glória de Castro, teve força de alma para volver, mais tarde, sobre seus passos, quando se mostraram os crimes e a barbárie que ele havia armado de um pretexto santo. Prestou, em 1829, sua ardorosa cooperação ao general Paz, em Córdoba, trouxe-lhe a simpatia de compatriotas; e algumas arrobas de prata lavrada de conventos e mosteiros foram, por sua interferência, engrossar o minguado cabedal do exército, como demonstração decidida de sua adesão. Nos diários da época, publicou o Dr. Castro uma exposição dos motivos que o fizeram mudar de partido e voltar contra Facundo Quiroga e sua gente as mesmas armas com que havia preparado a sangrenta luta. Depois, seguiu a sorte dos unitários, escapou de ser açoitado por Quiroga, foi, mais tarde, posto em um pontão por ordem de Rosas, onde, para viver, lhe era necessário esgotar a bomba todos os dias, isso durante meses inteiros, a fim de conservar a cansada e enfermiça existência. Chegou, mais tarde, ao Chile, onde, com a velhice, voltou aos excessos do fanatismo da primeira fase de suas pregações; advogou, calorosamente, a inquisição e outras ideias extremadas, até que a morte, o ano passado, deu repouso àquela vida por tantas paixões agitadas. *La Revista Católica* descobriu nele cheiros de santidade; de raspão, serviu-se disso para insinuar, com caridade evangélica, que o morto doutor tinha êmulos, aludindo

[15] Canção alegre e ligeira; toada (nota do revisor, J. E. Romão).

a mim, que havia principiado a escrever sua biografia, com outros menos equívocos se bem mais injuriosos Deus que lhes perdoe a petulância, pois não era o pobre clérigo digno objeto de minha emulação.

Daquela época em diante lancei-me à leitura de quantos livros pude pagar, sem ordem, sem outro guia senão o acaso que os trazia até mim ou as notícias adquiridas de duas existências nas escassas bibliotecas de San Juan. O primeiro foi a *Vida de Cícero*, por Middleton, com gravuras finíssimas e aquele livro me fez viver, por largo tempo, entre os romanos. Tivesse meios, então, e eu iria estudar direito para fazer-me advogado, defender causas, com aquele insigne orador, a quem amei com devoção. O segundo foi a *Vida de Franklin*; e nenhum livro me fez mais bem do que este. A vida de Franklin foi para mim o que as *vidas* de Plutarco foram para ele, Rousseau, Henrique IV, Mitre, Rolland e para tantos outros. Eu me sentia Franklin; e por que não? Eu era paupérrimo como ele, estudioso como ele, e, com certo jeito, seguindo suas pegadas poderia chegar, um dia, a formar-me como ele, ser doutor *ad honorem* como ele, o ocupar um lugar nas letras e na política americana. A vida de Franklin deveria ser livro adotado nas escolas primárias. Tanto alenta o seu exemplo, tão ao alcance de todos a carreira por ele percorrida, que não haveria menino, um pouco bem inclinado, que não sentisse a tentação de ser um Franklinzinho, por essa bela tendência do espírito humano a imitar os modelos de perfeição que concebe. Escrever uma vida de Franklin, adaptável às escolas, foi, por muito tempo um dos propósitos literários que acariciei; e, agora que me julgava apto para realizá-lo, levado pelas mesmas ideias, acaba de efetuá-lo Mr. Mignet com êxito completo, encarregado pela Academia Francesa. Todavia, o meu plano era diverso, mais popular e mais consoante com a nossa situação. Mas, assim mesmo, tal como é o livro de Mr. Mignet, pedi à França e o fiz por em castelhano, para divulgá-lo, pois sei,

por experiência, quanto bem faz aos meninos essa leitura. Santa aspiração da alma juvenil ao belo e ao perfeito! Onde está, entre nossos livros, o tipo, o modelo prático, eficiente, possível, que possa guiá-las e traçar-lhes um caminho! Os pregadores nos propõem os santos do céu, para que imitemos suas virtudes ascéticas e suas macerações; porém, por mais bem intencionado que o menino seja, renuncia, desde logo, a pretensão de fazer milagres pela simples razão de que aqueles que o aconselham se abstêm, eles mesmos, de fazê-los. Porém, o jovem que, sem outro apoio que a sua razão, pobre e desvalido, trabalha com suas mãos para viver, estuda sob sua própria direção, presta a si mesmo conta das respectivas ações para ser mais perfeito, ilustra seu nome, serve a pátria, ajudando-a a desligar-se dos opressores, e, um dia, apresenta à humanidade inteira, um instrumento simples para submeter os raios do céu, e pode gloriar-se de redimir milhões com o preservativo de que dotou os homens, esse homem deve estar nos altares da humanidade, ser melhor que S. Bárbara, advogada contra raios, e chamar-se o Santo do Povo.

Para os povos de fala castelhana, aprender um idioma vivo cifra-se em só aprender a ler, pelo menos um deveria ser ensinado nas escolas primárias.

Quando o clérigo Oro me lecionava latim, que não sei, dotou-me de uma máquina simples para aprender idiomas, a qual tenho aplicado, com sucesso, aos poucos que conheço. Em 1829, escapo de ser fuzilado, em Mendoza, pelo frade Aldao, graças à benéfica e espontânea interferência do coronel D. José Santos Ramirez, cujo bom coração não deve ser prejudicado pelas fraquezas de seu juízo, tive minha casa por cárcere em San Juan; aproveitei o estudo do francês como distração. Veio-me à ideia aprendê-lo com um francês, soldado de Napoleão, que não sabia castelhano, nem conhecia a gramática do seu idioma. A curiosidade, porém, se me havia aguçado à vista de uma biblioteca na citada língua, pertencente a D. José Inácio

de La Rosa, e, com uma gramática e um dicionário emprestados, havia conseguido, ao cabo de um mês e onze dias de principiada aquela solitária aprendizagem, traduzir doze volumes, entre os quais as *Memórias de Josefina*. De minha consagração àquela tarefa, posso dar ideia por demonstrações materiais. Tinha meus livros sobre a mesa da sala de refeições; tirava-os para que servissem o almoço, depois, para o jantar e, à noite, para a ceia; a vela se extinguia às duas da manhã e, quando a leitura me apaixonava, passava três dias sentado, registrando o dicionário. Passei quatorze anos para aprender a pronunciar francês, que não falei até 1846, depois de haver chegado à França. Em 1833, estive como empregado do comércio em Valparaíso; ganhava uma *onça* mensal e dela destacava meia para pagar ao professor de inglês Richard e dois reais por semana ao *sereno* do bairro, para que me despertasse às duas da manhã, a fim de estudar meu inglês. Passava as noites dos sábados sem dormir para emendá-la com os domingos ininterruptamente e, assim, depois de mês e meio de lições, Richard disse que nada mais me faltava já senão a pronúncia, que é a que, até hoje, consegui adquirir. Fui para Copiapó e, administrador indigno da *Calorada*, que tanta prata em barra escondia aos meus olhos, traduzi, um volume por dia, sessenta da coleção completa das novelas de Walter Scott, além de muitas obras graças à obsequiosidade de Mr. Eduardo Abott. Conservam muitos, em Copiapó, recordação do mineiro a quem se encontrava sempre a ler, e ainda, em Lima, o senhor Codecido me lembrou, quando voltei da Europa, um acontecimento relativo àqueles tempos. Por economia, passatempo e troça, acabei por equipar-me, completamente, com o pitoresco trajo dos mineiros, habituando os demais a verem esse disfarce como se fora minha roupa natural. Calçava babucha[16] e escarpim[17]; vestia calção azul e gibão listado, enfeitando tudo isso, além do conhecido gorro vermelho, larga facha, de onde

[16] Espécie de sapato de pala alta (nota do revisor, J. E. Romão).

[17] Espécie de calçado, de uma sola só e uma costura (idem).

pendia uma bolsa capaz de conter uma arroba de açúcar, na qual eu carregava um ou dois rolos de fumo tarijenho. Todas as tardes, subia da mina de *Desempeño* D. Manuel Carril, passávamos juntos pelo Monte de los Cabos, em cuja cozinha, reunidos; discutíamos política, meia dúzia de capacetes, patrões ou peões argentinos, acrescentando-se a esse palrador e enfumaçado congresso um jovem parisiense, a quem dávamos lições de um castelhano tão castiço que, certa vez, estando em companhia de senhoras, deixou em estado lastimável os ouvidos destas e a nós, seus professores, confundidos pelos progressos que havia feito o discípulo em tão curto tempo, tanto que tivemos de lhe chamar a atenção e explicar todas as frases, palavras e interjeições castelhanas que não tinham livre curso em outras sociedades que não aquela da cozinha do Monte de los Cabos, de que ele fazia parte.

Era juiz de minas, em 1835, o Major Mardones que havia militado na República Argentina nos tempos da guerra da independência; sua senhora tinha trato, costumes, asseio e alguns móveis, que nos reconciliavam com a vida civilizada; costumávamos, à noite, descer até seu quarto, na *Placilla*, para passar, agradavelmente, o tempo. Certa noite, encontramos, ali, hospedado, um senhor Condecido, cidadão bem posto e sibarita, que se queixava dos incômodos e privações da jornada. Saudaram-no todos com atenção, eu toquei com reserva no meu gorro e fui colocar-me a um canto, furtando-me aos olhares, naquela trajo que me era habitual, deixando-se ver, entretanto, ao passar meu cinto frisado, que é a peça principal do equipamento. Codecido não fez reparos em mim, como era natural, tratando-se de um menino a quem os patrões consentiam que os acompanhasse, e se eu lhe tivesse ficado mais à mão, me teria pedido que trouxesse fogo ou outra coisa de que necessitasse. Girou a conversação sobre vários pontos, discreparam em qualquer coisa que se referia a fato de história moderna europeia e a nomes geográficos, quando Carril, Chenaut e os demais, instintivamente, se

voltaram para mim, a fim de saberem o que havia de verdade. Provocado, desse modo, a tomar parte na conversação dos cavalheiros, eu disse o que havia no caso, mas em termos tão dogmáticos, com tantas minúcias, que Codecido abria, a cada frase, um palmo de boca, vendo sair as páginas de um livro dos lábios de quem ele havia tomado por um ser secundário. Explicaram-lhe a causa do erro em meio do riso geral e, desde então, fiquei em suas boas graças.

Divertia os mineiros, em Punta Brava desenhando pássaros e outros animais; dava lições de francês a uns rapazes e encontrei certo capataz, de tão extraordinária faculdade para reter o que lia, que recitava livros inteiros sem esquecer uma vírgula. Este tinha os olhos proeminentes, como o requer Gall. Pertence aos meus estudos de *Chañarcillo* a edição de um livro sobre emigração, desde San Juan e Mendoza às margens do Colorado, para o sul, que, por falta de tipografia recitei, uma vez, para Manuel Carril, tendo-o, durante duas horas, de tal maneira espantado com a minha narração, que quando eu parava, a fim de tomar alento, dizia-me "*continue, continue*" e, no fim, exclamou entusiasmado, "porei até minha última camisa para levar a cabo o projeto", pois eu só pedia oitenta mil pesos, para que, com um milhar de meninos de boa vontade, fôssemos ao sul e fundássemos uma colônia, em rio navegável, para enriquecer. Recordo isso porque me compraz mostrar como é antiga a mania do espírito por continuar a obra de ocupação da terra, que a guerra da independência paralisou e hoje povoa a ignorância e a incapacidade dos governos.

Em 1837, aprendi o italiano em San Juan, por acompanhar o jovem Rawson, cujos talentos começavam de manifestar-se. Ultimamente, em 1842, redigindo *El Mercúrio*, familiarizei-me com o português, que não se precisa aprender. Em Paris, encerrei-me quinze dias com uma gramática e um dicionário e traduzi seis páginas de alemão, a contento do entendido, a quem dei lições; abandonei aquele supremo esforço, embora convicto de já ter colhido a estrutura do rebelde idioma.

A muitos ensinei francês, pelo desejo de propagar a boa leitura e a vários de meus amigos, sem lhes dar lições, mas com a fim de lançá-los no caminho que eu havia seguido; e quando os sentia picados de amor próprio, dava-lhes algumas lições, sobre a maneira de estudarem por si sós. Bustos, o da Escola Normal, e P..., meu terno amigo, anunciaram-me, um mês depois, que já sabiam francês, e, com efeito, o tinham estudado.

Como se formam as ideias? Creio que, no espírito dos que estudam, sucede como nas inundações dos rios: ao passarem, as águas depositam, pouco a pouco, as partículas sólidas que trazem em dissolução e fertilizam o terreno. No ano de 1833, em Valparaíso, eu pude comprovar que havia lido todas as obras não profissionais constantes de um catálogo de livros publicado por *El Mercúrio*. Essas leituras, enriquecidas pela aquisição dos idiomas, haviam exposto ante meus olhos o grande debate das ideias filosóficas, políticas, morais, religiosas, e aberto os poros de minha inteligência para que ela se embebesse nelas. Em 1838, foi a San Juan o meu malogrado amigo Manuel Quiroga Rosas, com seu espírito ainda mal preparado, cheio de fé e entusiasmo pelas novas ideias que agitavam o mundo literário, em França, e possuidor de seleta biblioteca de autores modernos. Villemain e Schelegel, em literatura; Jouffroy, Lerminier, Guizot, Cousin, em filosofia e história; Tocqueville, Pedro Leroux, em democracia; a *Revista Enciclopédica*, como síntese de todas as doutrinas; Charles Didier e outros cem nomes, até então, por mim ignorados, alimentaram, largo tempo, minha sede de conhecimentos. Durante dois anos consecutivos, esses livros forneceram matéria de discussões em tertúlias à noite, nas quais os doutores Cortínez, Aberastain, Quiroga Rosas e eu discutíamos as novas doutrinas, resistindo-lhes e atacando-as, mas acabando, afinal, por ficar mais ou menos, conquistados por elas. Fiz, então, e com bons mestres, na verdade, meus dois anos de filosofia e história; concluído aquele curso, comecei a sentir que meu próprio pensamento, espelho refletor,

até aí, das ideias alheias, principiava a mover-se e a querer andar. Todas as minhas ideias se fixaram, clara e nitidamente, dissipando-se as sombras e vacilações frequentes na juventude, que começa a encher os vazios que as leituras desordenadas dos vinte anos haviam podido deixar, buscando a aplicação daqueles resultados adquiridos com a vida atual, traduzindo o espírito europeu para o espírito americano, com as alterações que a diversidade requeria. Em todos esses esforços, esteve sempre em atividade o órgão de instrução e de informações que tenho mais expedito, que é o ouvido. Educado por meio da palavra, pelo Presbítero Oro e pelo Padre Albarracin, procurando sempre a sociedade dos homens instruídos: meus amigos Aberastain, Piñero, López, Alberdi, Guitérrez, Oro, Tejedor, Fragueiro, Montt e tantos outros, que contribuíram, sem o saber, para desenvolver meu espírito, transmitindo-me suas ideias, ou reforçando as minhas, com um aperfeiçoamento natural vindo a completá-las. Assim preparado, apresentei-me no Chile, em 1841, maduro, posso dizer, pelos anos, pelo estudo, pela reflexão, e pelos escritos que a imprensa oferecia aos meus olhos e que me fizeram crer, desde logo, que os homens, que haviam recebido a educação ordenada, não acumularam maior soma de conhecimentos, nem o tinham mastigado mais devagar do que eu. No princípio da minha carreira de escritor, não, porém mais tarde, surgiu-me, em Santiago, um sentimento de desdém por minha inferioridade, de que até os meninos dos colégios participaram. Perguntaria, hoje, se fosse necessário, a todos esses jovens de *El Seminário* se haviam feito, realmente, estudos mais sérios do que eu. Quereriam enganar-me, também, com seus seis anos de Instituto Nacional? Pois, sim! Hoje, que sou examinador universitário; não sei o que se ensina nos colégios?

(Sarmiento, D. F. Minha educação. *In*: _____. *Recordações da província*. Tradução de Acácio França. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1952. (Coleção brasileira de autores argentinos). pp. 190-218).

Casas de educação

O primeiro ato administrativo de Rosas foi tirar às escolas masculinas e femininas de Buenos Aires os recursos públicos com que as encontrou dotadas pelo estado; fazendo outro tanto com os professores da universidade e não tendo pudor de consignar, nas mensagens, que aqueles beneméritos cidadãos continuavam a ensinar por patriotismo e sem remuneração alguma. Os estragos feitos na República Argentina por aquele estúpido malvado não se remediarão em meio século; pois não só degolou ou forçou a que se expatriassem os homens de luzes com que contava o país, mas cerrou as portas das casas de educação, porque tem o olfato fino e sabe que as luzes não são o apoio mais seguro dos tiranos.

O instinto natural levou-me, desde o princípio, a tomar o caminho contrário. Desde menino, tenho ensinado o que sabia a quantos pude induzir a aprender. Criei escolas, dois colégios; e a escola normal deve-me sua existência. Dali tem saído uma multidão de jovens distintos que prometem ao Chile novos e mais seguros progressos na carreira da civilização.

Tal é o quadro modesto de meus pequenos esforços em favor da liberdade e do progresso da América do Sul, tendo como auxiliares poderosos, a educação de todos e a imigração europeia. Esforços, é preciso dizê-lo, feitos ao mesmo tempo em eu lutava com dificuldades da vida para viver; que combatia os instrumentos de Rosas, para ter pátria; que educava meu espírito, para complementar minhas ideias – esforços que, na América do Sul, não são comuns, nem pela constância e tenacidade, nem pela homogeneidade; esforços que, desde o primeiro artigo de jornal à última página de um livro, formam um todo completo, uma variante infinita de um tema único: mudar a face da América e, sobretudo, da República Argentina, substituindo a tradição espanhola pelo espírito europeu e a força bruta, como móvel, pela inteligência cultivada; o estudo é o remédio das necessidades.

Nesses ensaios, em que dominaram a boa intenção e a perseverança de intento, alcancei o último termo da juventude; tomei estado depois de haver percorrido a terra e chegado, pelo meu estudo, à discussão das ideias, ao espetáculo do acontecimento, às viagens, ao contato com os homens eminentes e minhas relações com os chefes da política do Chile, a completar aquela educação para a vida pública principiada em 1837, entre as prisões e os calabouços. Não cheguei, sem duvida, à virilidade do entendimento sem que o coração tenha perdido nada de sua inteireza para me aniquilar no ócio, ao dia em que vencia as dificuldades, como aquele tirano que toma faculdade, para não *despachar por muitos anos* os negócios públicos, quando logrou em dezoito anos de violência, anular qualquer outra vontade que não a sua. Nossa sorte é distinta, lutar, a fim de abrir-nos passagem para a pátria; e, quando o tivermos conseguido, trabalhar para realizar, nela, o bem que concebemos. Este é o mais ardente e o mais constante dos meus votos.

Este opúsculo, pois, é o prólogo, apenas, de uma obra começada. Acha-se o primeiro volume – *Viagem* por *Europa, Africa y America*. O segundo está em mãos da Providência. Rosas pretende que ele não se publicará sem o seu *visto Bueno*, pois ele sabe como se desmancham os livros na própria fonte. Florêncio Varela estais também vós nesses segredos?

(Sarmiento, D. F. Casas de educação. *In:* _____. *Recordações da província.* Tradução de Acácio França. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1952. (Coleção brasileira de autores argentinos). pp. 287-290).

Educação comum: as questões relativas à instrução primária

Quando se pede a solução de um problema, deve dar-se todos os termos que entram, direta ou indiretamente, na proposição. A instrução primária, em sua humilde forma, afeta todos os interesses sociais, posto que se nos pede dizer *qual é sua influência na moralidade, na indústria e na prosperidade geral das nações*. De qual outra instrução pública poderia se esperar resultados tão diversos e de tanta transcendência?

A *Instrução Primária*, para dar-lhe seu verdadeiro significado, será considerada neste trabalho como a Instrução Nacional, ou a graduação de educação que tem ou recebe um povo culto para preparar-se devidamente para o desempenho das múltiplas funções da vida civilizada.

Considerando a *instrução primária*, sob este aspecto, desaparece a aparente antítese entre a obscuridade e a pequenez do agente e a ilimitada extensão que assinala a sua influência. Eventualmente contribuiu aquela classificação, que parece somente uma graduação ínfima de uma hierarquia mais alta, a extraviar o patriotismo de cidadãos, sob outros respeitos zelosos da glória e engrandecimento de seu país; eventualmente a influência das classes acomodadas sobre o assunto que hoje afasta os corações em todos os países cultos e é o centro para onde convergem todas as instituições políticas proveu de acreditá-la estranha a suas famílias, a seus interesses, à sua atenção, se não fosse como uma esmola arrojada a desvalidos sem nome, e a quem não nos ligam nem relações, nem necessidades e nem contato indispensável. Os fatos que tiveram lugar em dez anos deixam suspeitar que exista um mal-entendido no espírito público, um erro de conceito na opinião, que a faz fria espectadora dos esforços iniciados por desenvolver a instrução primária.

O Chile é o afortunado país da América do Sul que, saindo do pesadelo agitado, sem sonho, que estava adormecido há muito tempo, voltou suas atenções solícitas sobre a educação primária. No Chile, foi fundada a primeira escola normal, na época em que, nos mais adiantados Estados Unidos, não se pensava ainda nesta instituição que é a base de todo o desenvolvimento. Do Chile partiu uma missão, acerca dos povos que haviam iniciado a marcha que tão logo devia seguir toda a cristandade, em busca de dados, práticas, leis e instrução de que necessitávamos; como a Grécia antiga mandava seus jovens para tornarem-se sábios, estudando as lições dos sacerdotes egípcios, e contemplando os monumentos

de sua civilização. No Chile, se fundaram publicações especiais para elucidar as questões relativas à instrução primária, e hábeis e zelosos visitadores foram penetrando nos ângulos mais recônditos do estado, levando a luz àqueles lugares obscuros e revelando fatos ilustrativos. Em quinze anos, foi construída ou formada a opinião sobre a questão que, segundo os termos do decreto governativo, interessa sob tantos aspectos; e não obstante......

Faz dez anos que a universidade propôs, como matéria de seu primeiro prêmio, a elucidação dessas questões e suas perguntas ficaram sem respostas. Faz seis anos que, crendo madura a consciência pública, um homem de estado propôs às câmaras legislativas um projeto de lei para a educação primária e os legisladores encontraram razões para diferir sua sanção, não obstante as luzes acumuladas na Europa não sugerirem projeto distinto nem melhor ao *lord* procurador da Escócia para organizar a educação dez anos depois em seu país.

Não faz três anos que o Senado, composto dos homens mais sérios, e alheios a toda paixão política, voltou a rechaçar a mesma lei como extemporânea. O público, em ordinário solícito de estar por dentro de todas as questões, fechou seus olhos, apartando-se das publicações especiais sobre instrução primária e, entre os dados a que recorremos, não é sem dúvida o menos curioso aquele que comprova que o *Monitor das escolas primárias* não conta com nenhum assinante no Chile, nem leitor entre as classes ricas ou letradas, de onde saem ordinariamente os ministros, os presidentes, os juízes, os deputados, os senadores, em cujas mãos se confia a direção da nave do estado. Por fim, para complemento de indícios que reflitam sua luz sinistra sobre esta questão, o estímulo oferecido pelo governo à elucidação das questões a que nos propomos hoje a resolver não foi dado em dois anos e esteve postergando-se o seu fim, para incentivar nas cultivadas inteligências que abundam, nem o patriotismo exaltado dos literários, senão pelo proveito,

em razão da glória ao menos. E não se diga que não há no Chile melhores estímulos que uma soma de dinheiro, ou uma glória de baixa lei para despertar a ambição legítima. Um presidente se elevou em nome da educação popular e em sua honra devemos dizer que não ficou por cumprir sua promessa; a cadeira de ministro de Instrução Pública estará sempre ao alcance de quem mostre incontestável superioridade de luzes na matéria.

Fenômenos tão contraditórios, ou tão fora das regras comuns, nos impulsionaram a buscar, em fontes indiretas, as causas destes desvios, como o célebre astrônomo de nossa época que se lançou nos espaços ainda não explorados do firmamento para perseguir a força perturbadora que desviava um astro do curso que lhe atribuíam as causas conhecidas.

Para poder responder às questões propostas sobre instrução primária, consultamos a *estatística comercial*, o *cadastro*, o *censo*, a *matrícula de patentes*, as *memórias dos ministros*, o *movimento da população nos portos* etc. e destas outras fontes, comparando com resultados do mesmo gênero em outros países, extraímos elementos de raciocínio e de critério para que o entendido deduza consequências ou faça aplicações. Pergunta-se: qual seria a influência da instrução primaria sobre os costumes, a moral pública, a indústria e a prosperidade geral do país? Porém, conviria saber antes o estado da coisa influenciada, a saber: quais são os costumes, a moral pública, a indústria? Desgraçadamente nossos documentos públicos não projetam luz suficiente sobre matérias tão árduas. A estatística criminal começou, atualmente, a fazer felizes, ainda que limitados, ensaios. Não se conhece exatamente quais sejam as produções agrícolas do país, ainda que dos minerais tenhamos dados suficientes, nem das indústrias exercidas pela população dá-nos conta, nem ainda era sabido até há pouco, quanto era a população do país, de que já começa a fornecer esclarecimentos a oficina de estatística e dos quais aproveitamos em grande maneira.

Com os dados que reunimos, quão incompletos são, como o industrioso artífice destituído de instrumentos adequados, intentamos traçar as linhas preliminares e como base da obra provisória que se nos encarrega de construir. Valha para propiciar-nos o benefício das luzes superiores do Conselho Universitário, a intenção que nos guia é mostrar como o desenvolvimento da Educação Nacional, que é a que se chama primária, e como o futuro do país, como sua tranquilidade, sua liberdade e riqueza dependem *todos* desta única questão: *dar a maior soma de instrução possível ao maior número de habitantes do Chile, no menor tempo que seja dado à ação combinada do estado e dos cidadãos*.

O quadro geral que segue, e no que com não pouco trabalho nos propusemos a apresentar, para ilustração da questão, o censo da *leitura no Chile*, tal como se dava distribuída sua aquisição dos sexos, e entre os meninos educáveis e as pessoas adultas, requer algumas explicações para sua completa compreensão.

<table>
<tr><th colspan="9">CENSO DA LEITURA NO CHILE</th></tr>
<tr><td colspan="9">Computado sobre documentos públicos, tomando por base os resultados dos censos parciais de Arauco, Chiloé, Valdivia, Concepción, Talea, Maule e Ñuble.</td></tr>
<tr><td rowspan="19">Habitantes</td><td rowspan="10">Homens</td><td rowspan="2">Adultos</td><td>Que não sabem ler</td><td></td><td>421.255</td><td rowspan="2">497.867</td><td rowspan="10">710.998</td><td rowspan="19">1.435.521</td></tr>
<tr><td>Que sabem ler</td><td></td><td>76.612</td></tr>
<tr><td rowspan="8">Meninos</td><td>De 1 a 7 anos</td><td></td><td>105.400</td><td rowspan="8">213.181</td></tr>
<tr><td>De 7 a 15 anos que não sabem ler</td><td></td><td>81.151</td></tr>
<tr><td colspan="3">Educando-se</td></tr>
<tr><td>No Instituto</td><td>469</td><td rowspan="5">26.989</td></tr>
<tr><td>Colégios fiscais</td><td>2.026</td></tr>
<tr><td>Colégios particulares</td><td>21.145</td></tr>
<tr><td>Escolas públicas</td><td>21.145</td></tr>
<tr><td>Escolas particulares</td><td>2.281</td></tr>
<tr><td rowspan="9">Mulheres</td><td rowspan="2">Adultas</td><td>Que não sabem ler</td><td></td><td>484.395</td><td rowspan="2">524.150</td><td rowspan="9">724.523</td></tr>
<tr><td>Que sabem ler</td><td></td><td>39.755</td></tr>
<tr><td rowspan="7">Meninas</td><td>De 1 a 7 anos</td><td></td><td>99.080</td><td rowspan="7">200.373</td></tr>
<tr><td>De 7 a 15 anos que não sabem ler</td><td></td><td>92.308</td></tr>
<tr><td colspan="3">Educando-se</td></tr>
<tr><td>Colégios fiscais</td><td>132</td><td rowspan="4">8.985</td></tr>
<tr><td>Colégios particulares</td><td>909</td></tr>
<tr><td>Escolas públicas</td><td>6.405</td></tr>
<tr><td>Escolas particulares</td><td>1.539</td></tr>
</table>

Toda a infatigável atividade da Oficina de estatística não foi suficiente ainda para terminar o laborosíssimo trabalho de concretizar os dados parciais do censo levantado em 1854. Conhece-se, todavia, a cifra total de habitantes que resulta de um milhão, quatrocentos e trinta e cinco mil, quinhentos e vinte e um habitantes, ainda não tenha passado por uma verificação definitiva.

Estão, contudo, terminados os censos parciais das províncias e Arauco, Chiloé, Valdivia, Concepción, Talca, Ñuble e Maule e dos seus resultados pressupomos os do restante da República. Pouco há de bem-aventurado nesta classe de suposições por meio do cálculo. As idades, os sexos, a educação mesma obedecem de ordinário a leis gerais, e ainda que se temesse que Valparaíso e Santiago pudessem introduzir modificação na vantagem da educação sobre o resto da República, temos razões fundadas para crer que sejam de pouca consequência; pois, se bem que está mais generalizada naquelas duas cidades que entre suas vizinhas, também é certo que no seu recinto se acumula a população trabalhadora e não educada, o que equilibra aquelas vantagens, se não as sobrepuja.

Favorecem esta suposição os resultados parciais de alguns pontos nas províncias do Sul, onde a instrução primária está distribuída com grande abundância. Na cidade de Concepción, por exemplo, há 242 pessoas que sabem ler para cada mil varões e 206 para cada mil habitantes; em Ancud, 208 para mil homens e 138 pelo total da população. Destaca-se sobre todas as províncias a de Valdivia, onde há 215 homens que receberam instrução primária para cada mil varões e 174 mil habitantes.

Tão seguras são as regras a que a população está sujeita, que para conhecimento correto descartamos em nossos cálculos certas cifras que dá o censo das sete províncias do Sul, substituindo-as as quando necessário. Dá o censo concretizado daquelas, por exemplo, para 287.811 varões, 126.414 meninos até a idade de quinze anos; e para 293.281 mulheres, 130.570 meninas, até aquela idade.

Semelhante resultado deixaria estabelecida no Chile uma mortalidade ordinária de adultos maior do que a que a cólera *morbus* poderia causar. Inexatidão tão notável no ponto mesmo que necessitávamos precisar, que é o número de meninos em estado de receber educação, nos havia conduzido a resultados risíveis. Afortunadamente nada a este respeito está abandonado ao erro. Sobre um número de habitantes dado, a ciência estatística fixa com impressionante exatidão o número que há entre eles em cada idade infantil.

Sabe-se, ademais, que para explicar a causa da inexatidão dessas cifras parciais do censo, a lassitude que se dá ao cálculo das idades, ignorando ordinariamente o comum dos pais com seus filhos, e os comissionados do censo computando-as à simples aparência.

Não podendo haver equívoco nem engano na apreciação dos sexos, a diferença, no mais, com respeito a meninas, até a idade de quinze anos, a uma cifra exorbitante, nos fez tomar igualmente das leis gerais da população a verdadeira proporção em que se encontram os sexos naquela idade. O movimento da população e os censos de todos os países comprovaram o fato de que na raça humana se multiplicam 17 varões para cada 16 mulheres que nascem, ou 100 para cada 94; assim como a mortalidade é de 70 varões para cada 59 mulheres; influenciando no progresso da população, os primeiros por uma 369 avos, ainda que as segundas não entram senão por 498.

Desgraçadamente o mecanismo seguido pela oficina de estatística para a classificação das idades não se ajusta perfeitamente às necessidades da educação. Assim, a idade de parvos contados até sete anos que se reputam em estado de receber educação; e não havendo entre quinze e vinte e cinco anos divisão alguma, os adolescentes de dezesseis e vinte ficam incluídos nos adultos. Todavia, como são raríssimos no Chile os meninos de menos de sete anos que frequentam as escolas, e de mais de quinze, as diferenças não podem ser simples.

Com estas modificações e as cifras gerais dos censos parciais de sete províncias, que contem já mais de um terço da população total, e os dados fornecidos pelos documentos e estados que o ministro de Instrução Pública apresenta ao Congresso, formulamos o quadro anexo, sobre cuja exatidão não abrigamos nenhuma dúvida.

Não se poderia julgar a importância e significado dos resultados obtidos sem estabelecer comparações, para dar uma base de critério. Resulta do censo que há no Chile 151.932 pessoas que sabem ler pelo menos; das quais, 76.612 homens adultos e 26.680 meninos que se educam atualmente; e 39.755 mulheres adultas e 8.985 meninas que se estão educando, pelo que:

1.º) *Sabem ler quase 106 pessoas para cada mil habitantes*.

Se tomamos a população adulta, para ver a proporção em que estão os que nela sabem ler, resultam:

2.º) *113 pessoas para cada mil.*

Estão se educando em proporção da população:

3.º) *24 meninos de ambos os sexos para cada mil habitantes*, 18 varões e 6 mulheres.

Dos meninos varões de 7 a 15 anos, frequentam as escolas:

4.º) *246 para cada mil.*

Das meninas mulheres de 7 a 15 anos frequentam as escolas:

5.º) *88 para cada mil.*

Somado o número de indivíduos por milhão, de toda idade que até 15 vivem, segundo as taxas de mortalidade do *Deparcieux*, e dando a este número de pessoas que estão educando-se atualmente, no Chile, e buscando em seguida a proporção de educação que corresponde ao número de indivíduos que, de todas idades acima de 15 anos, vivem ao mesmo tempo, resulta que a geração adulta atual excede em educação a geração que se está educando em 3.583 indivíduos. Sem as escolas fundadas no ano passado, a diferença havia sido de oito mil. Assim, fica confirmada a conjetura do senhor Don Andrés Bello, reitor da universidade, que

suspeitava que a educação que recebem os meninos, numericamente falando, é menos que antes. Há retrocesso.

A inspeção das anteriores cifras e o sentimento íntimo de cada um bastam para formar juízo sobre o estado da cultura do Chile. As 86 vilas da França estão postas em uma escala de graduação, de maneira que é a primeira aquela em que a instrução primária está mais difundida e a última a mais atrasada, com o que se forma uma escala dividida em 86 graus, para apreciar as diferenças de cultura da população.

O número de meninos em estado de ir às escolas se avalia em um quinto da população. Assim, sobre dez mil habitantes, devem frequentá-las 2.000 crianças de ambos os sexos.

Em 32 vilas concorrem às escolas a partir de 1.786 crianças, baixando sucessivamente, até 1.011, o que faz a metade. Em quarenta mais, frequentam desde 999 até 500, que é um quarto dos que podem frequentar. Por fim, nos quatorze restantes, que são os mais atrasados, frequentam desde 495 até 338 crianças em cada dez mil habitantes. O Chile teria necessidade de criar novos graus de depressão da educação, pois como se tem visto, para cada 10.000 habitantes, recebem educação 240 (24 sobre 1.000); Finisterre, na França, conta 338, para cada 10.000; Allier, 358; Indre, 370 etc. isto é, 33 em mil, 35, e 38.

Porém, ainda necessitamos de termos de comparação mais tangíveis, porque cremos que é um dever fazer ressaltar estas verdades, a fim de dissipar as ilusões que têm tornado letárgico o patriotismo entre nós. Tem-se visto como para avultar a cifra da educação primária, temos incluído nela os colégios fiscais e particulares, por não reputar essa educação mais alta da instrução primária superior que se dá na Prússia ou França, e nas escolas altas ou de gramática da Filadélfia, Boston ou Nova York. Para completar, pois, o quadro da educação total que se distribui à população em massa e militar cujos alunos não ascendem a 300.

Os regentes da universidade e o secretário de estado de Nova York publicam anualmente o estado da educação em todos os seus graus, e como aquele estado tem o dobro da população que o Chile, à primeira vista podem comparar-se às diferenças, dando hipoteticamente ao Chile a metade das cifras.

Não obstante o aumento ocorrido em todos os que recebem educação, a humilhante proporção de vinte e cinco pessoas educando-se para mil habitantes não muda senão uma fração. Temos colocado os chamados colégios e liceus na categoria das academias de Nova York, por seguir um método de classificação; pois enquanto a sua importância intrínseca não devem figurar nas *escolas seletas*, a que frequentam setenta mil alunos que são as que pusemos a par das particulares do Chile, as quais, por sua vez, (tomadas da Memória do Ministério de Instrução Pública de 1853) são tidas em sua maior parte por mulheres e não merecem contar-se entre as primárias.

Todavia, não temos uma só escola pública de instrução *primária superior*, como são as que distribuem a educação na Holanda, França, Inglaterra e Estados Unidos. Recordaremos somente, para memória e em corroboração da asserção de que a instrução pública decresce, que a Memória do ramo para 1853 registra 682 alunos no Instituto, ainda que a de 1854 só enumera 608, diminuição em lugar de aumento, de um nono, o que em cifras tão exíguas é de mui grave transcendência. Em matéria de fatos produzidos pela massa das populações, nem o acaso está fora de regra.

A oficina de correios de Londres comprovou que, em todos os anos, ocorre o mesmo número de casos, em proporção a das cartas, dos que esquecem por a direção para onde vão. A estatística da Bélgica mostra que, em todos os anos, se casa o mesmo número relativo de viúvas, de viúvos etc. Quando aparece, pois, uma diminuição tão sensível, alguma causa deve influir nela, pois a regra é que aumente o número de educandos.

Condições sociais – Alguns dados estatísticos tomados daqueles artigos de consumo mais geral costumam servir de medida para apreciar o grau de bem-estar de que gozam as populações e a extensão de que os usos da civilização estão generalizados. O açúcar, por exemplo, é um dos produtos que servem para esta estimativa. Consome a Inglaterra dezessete libras ao ano por pessoa, sendo este o país que, em efeito, tem maior número de habitantes que podem permitir-se este uso, que ali desenvolve extraordinariamente o consumo do chá, quase sem exceção comum, dezesseis libras por pessoa; a França um pouco mais de sete libras e a Rússia, que é a última na escala, só duas porções e meia por habitante.

O Chile, a julgar pela introdução anual deste artigo para o consumo interior, consome oito libras e dez porções por pessoa. Como se vê, o Chile está em grau superior à França, o que mostra que há relativamente menos gentes destituídas de todo recurso. Iguais resultados consoladores dão os gêneros brancos introduzidos para o consumo interior, correspondendo, em gêneros de fio, de algodão, brancos e pretos, pela introdução de 1853; cifras de onde resulta que a população consome onze medidas e meia de gênero branco por habitante, entrando o gênero preto somente com um terço neste consumo, o que mostra uma difusão mais geral no uso de gêneros mais delicados. Os Estados Unidos consomem vinte e uma jardas por pessoa, e a Irlanda não consome duas jardas!

O consumo de gêneros de lã é já um símbolo de bem-estar para quem o faz, e como não afeta senão a população varonil adulta entre nós, computando a da República em meio milhão de varões, concluiríamos que a cada um corresponde meia vara de casimira, o que mostra que um sexto dos adultos pode usar ao ano uma calça deste gênero.

O consumo de pano foi de 188.857 varas em 1853, o que distribuído na população varonil daria cerca de meia vara por adulto etc.

Propriedade territorial – Sob dois aspectos pode analisar-se a

proporção em que se está distribuída a terra entre os habitantes de um país. Quando as divisões são demasiado grandes, como na Inglaterra, há o inconveniente de deixar muita população flutuante, considerando o que só uma poderosa indústria pode ocupar, além da parte rica da Inglaterra, para as enormes somas do *income tax*[18], para socorrer aos pobres. Industrialmente considerada esta questão, as grandes divisões territoriais em certos limites são favoráveis ao aperfeiçoamento dos procedimentos agrícolas pela vantagem de aplicar máquinas e capital à exploração da terra como a qualquer outra indústria. Quando a terra está dividida em pequenas porções, fixa a moradia de muito mais habitantes, e os põem a coberto da extrema destituição e dependência. Isto é o que acontece na França, aonde há cinco milhões de divisões territoriais. Este sistema é desvantajoso para o progresso da agricultura, pela impossibilidade de pagar com os produtos o capital que haveria de aplicar a sua exploração.

Ignora-se ainda qual seja a extensão das terras lavradias que o Chile possui, já lavradas, já abandonadas, pois num país tão montanhoso, as medidas lineares nenhum dado podem oferecer. O Reino Unido da Inglaterra mede 121.000 milhas quadradas e em toda sua superfície há quase um quarto da terra consagrado a prados e campos de pastoreio, que exigem pouco labor; um quarto dedicado à lavoura; ficando quase um quinto em terras incultiváveis (próprias da cidade), porém, suscetíveis de cultivo, sendo ademais a proporção das terras incultiváveis (montanhosas e pantanosas) um pouco mais das terras incultiváveis forma aproximadamente dois quintos do território. Quase toda a propriedade territorial na Inglaterra está majorada, não passando de quarenta e seis mil os proprietários.

Os trabalhos de cadastro no Chile, já terminados, não dão luz alguma quanto à extensão das propriedades rurais; porém, sobre

[18] Em inglês no original (imposto de renda). (Nota de J.E. Romão).

esse número nos indica aproximadamente o numero de possuidores do solo.

No estado província de Atacama, verdadeiro Egito em miniatura (pois é somente a terra que pode regar um arroio a que em toda sua longitude é utilizável), há 643 propriedades rústicas rurais. Em Coquimbo, se contam 744 proprietários. Os ricos vales de Aconcágua somente reconhecem 847 donos. O estado de Santiago está repartido entre 1.642 proprietários; 886 conta a de Valparaíso; Colchagua, 1.905; Talca, 488; Maule, 1.428; Nuble, 818; Concepción, 1.462; Arauco, 382; Valdivia, 352; Chiloé, 514.

O cadastro principia pelas propriedades rurais, que dão ou podem dar vinte e cinco pesos de arrendamento. Ignoramos se há e em que número, subdivisões inferiores. Segundo as cifras do cadastro, o solo cultivado está dividido em 11.310 lotes, para uma população de um milhão e meio de habitantes. Como as condições territoriais da França e da Inglaterra não convergiam ànossa situação, buscaremos termos de comparação mais aproximativos nos Estados da União Americana. O estado de Maine, que tem cultivado menos da metade de um território de 30.000 milhas quadradas, e com 583.169 habitantes (exatamente a população das sete províncias do sul do Chile) tem 47.760 propriedades em cultivo, o de New-Hampshire, com 9.194 milhas quadradas e 317.976 habitantes, está dividido em 29.229 propriedades. Massachusetts, com 7.000 milhas quadradas e um milhão escasso de habitantes, tem 34.235 possuidores.

São estes, na verdade, os estados mais antigamente povoados e contemporâneos do Chile. Os estados de nova formação apresentam, todavia, os mesmo resultados quanto ao número de proprietários relativamente à população. Michigan, por exemplo, com 397.754 habitantes, tem 74.700 propriedades territoriais sobre uma superfície de 66.000 milhas quadradas, das que só está em cultivo a metade. Outro tanto acontece no Alabama, onde o inculto está em proporção de 4,5 a 7 e há 42.000 divisões territoriais para

771.687 habitantes. Estas proporções entre a população e as divisões territoriais são comuns a todos os estados.

Estas peculiaridades na organização interna de nossa sociedade podem lançar alguma luz sobre o estado e a extensão do ensino primário. Se fosse possível obter-se das vilas e das cidades o número de chefes de família que tem algum capital ou indústria produtiva em um ofício, venda ou negócio, e supondo que dois meninos de cada família proprietária frequentam as escolas, seria excedido o número dos que atualmente as frequentam, ficando sem educação a população que nada possui.

Não devemos passar por alto que aquelas 11.310 subdivisões oferecem uma ordem de classificação que, pelo menos, pode servir para dar certos indícios, inseguros até certo ponto, mas que podem, todavia, assinalar o caminho por onde hão de se apresentar outros mais exatos. Como temos dito, o cadastro está fundado sobre a renda, dando, pelo mínimo da propriedade, 25 pesos de arrendamento. Para apreciar a inexatidão desta estimação, basta saber que em toda a província de Chiloé não aparecem senão três propriedades que podem pagar cem pesos, ainda que o resto seja uniformemente de 25. Resulta do cadastro que há 4.877 propriedades que dão menos de 1.000 e 725 que dão mais de 1.000. Comparando entre si as cifras, se vê que as grandes propriedades são em pequeno número; que mais de dois quintos das divisões territoriais não produzem o bastante para que viva uma família; que mais da metade são suscetíveis a desenvolver riqueza e pouco mais de uma quinta parte se presta à exploração em grande escala da agricultura; não se excedem algumas delas, ainda que pouco numerosas, como suspeitávamos, à possibilidade de exportação. O primeiro destes dados, conviria esclarecer cuidadosamente, que se quer examinar, é a situação dos pequenos proprietários.

Movimento da população – O censo parcial das sete províncias do sul, que nos serviram de base para estabelecer os detalhes

de idade, sexo e instrução no resto da República, faz outras indicações que podem ter sua importância. A população feminina é de 293.281, enquanto os homens não passam de 287.815.

Por mais que a preocupação vulgar estabeleça que há dez mulheres para cada homem, a verdade é que há, em todos os países, tantas mulheres quanto homens. Se, pois, se nota diferença tão absoluta naquelas duas cifras, pode servir de indicação para examinar se há emigração de homens das províncias do sul aos centros comerciais ou do norte, ou buscar causas morais que influenciem nesta desproporção. O primeiro pode proceder do mal-estar físico, movimento que ocorre da Irlanda para as cidades manufatureiras da Inglaterra e desta às Índias Orientais ou à América. Tem-se notado que o excesso de emigração em certos anos coincide, naquele país, precisamente com a alta no preço do trigo; saltando de 93.667, que era a metade de imigrantes, de 1841 a 1845, a 238.270, pelo ano de 1847, que foi de carestia. O movimento só é símbolo de prosperidade quando vai de centros para as extremidades, pois então são capitais e inteligência que se espalham a vivificar novos elementos de riqueza. O censo dos Estados Unidos assinalou, com exatidão, o movimento interior da população, a partir dos centros comerciais das costas do Atlântico aos territórios do Oeste.

Outra face do movimento das populações é a que oferece a mobilidade de pessoas que vêm ao país estabelecer-se e a saída dos que o abandonam para ir aumentar a população em outra parte. Os estados coloniais têm de contar com este elemento que vem a incorporar-se em sua população, à diferença dos estados europeus cuja população diminui pelo número considerável de seus habitantes que se expatriam. Neste último caso, se vê a Inglaterra que toma prolixa conta da população que anualmente perde para a imigração; e, em primeiro, os Estados Unidos, que conta com um aumento de população adulta que vem a se incorporar,

todos os anos, à sua própria, maior do que a que nasce em dez anos no Chile. Da importância deste elemento de aumento pode julgar-se pela maneira de apreciá-lo o censo dos Estados Unidos, que o estima em 4.304.416 emigrantes vivos, em 1850, inclusive seus filhos, o que representa um aumento de mais de um sexto da população nacional. De sua qualidade como povoadores, acrescenta: "Dos habitantes do país se vê (pelo censo) que quase a metade está entre aquelas idades sujeitas às mais fatais enfermidades, enquanto que entre os de nascimento estrangeiro, muito menos da metade vem dessas idades; e ainda que a proporção das mulheres imigrantes em relação aos homens é somente de 41 a 48; todavia a capacidade destas mulheres para produzir aumento de população é quando se lhe compara com um número igual de mulheres norte-americanas tomadas sem distinção, como 98,29 a 41,71. Sua superioridade a este respeito é, estatisticamente falando, de uns 16,58 por cento. Este fato assegura uma rapidez maior de aumento natural naquela proporção. Se estimarmos que a influência da mais limitada proporção de meninos e pessoas de idade entre os imigrantes é igual a um benefício de uns 3,42 por cento, na lei de seu aumento, o qual é muito moderado, teremos que, sob as regras ordinárias de procriação e de mortalidade, nossa população europeia se multiplicaria 20 por cento mais rapidamente que nossa população nativa".

Este valioso elemento de prosperidade se desenvolve nesta parte da América com demasiada lentidão, sem que saibamos o país donde haja tomado algum desenvolvimento, se não é Buenos Aires que, por cálculos do anotador de *sir* Woodbine Parish, se faz subir a cem mil os estrangeiros estabelecidos naquele estado.

As nacionalidades do censo de Valparaíso revelam a existência, naquele porto, na época do censo, de somente 2.911 europeus homens e de 655 mulheres, o que daria uma ação de população emigrada de 100 indivíduos por ano, em quarenta de independên-

cia. Se se entende que o Chile é o país desta América que tem gozado de mais longa e imperturbável tranquilidade e que mais seguranças oferece ao indivíduo, em sua vida e fortuna, assim como Valparaíso é o centro do comércio do Pacífico e a escala forçosa das procuras que entram nestes mares, não deixará de chamar a atenção este pequeno atrativo para o estabelecimento de estrangeiros, que parece provir de outras causas que a paz e a segurança, pois vemos que países grandemente perturbados pela guerra civil e pela flutuação das transações, adquirem contingentes populacionais, em um só ano, maiores que os que o Chile obteve desde que seus portos estão abertos a todas as nações do mundo.

Como um dado do qual não deve descuidar-se, indicaremos que o descobrimento do ouro na Califórnia exerceu no Chile, tanto quanto nos outros países, uma poderosa força de emigração e, ainda que não nos seja possível distinguir as saídas de chilenos do Porto de Valparaiso dentre as que tiveram lugar desde 1848 até 1853, daremos os resultados obtidos, compilando a publicação que faziam os diários das saídas de barcos para Califórnia e dos retornos de volta ao mesmo destino.

Saíram para a Califórnia:

Anos		Barcos	Passageiros
1848		12	562
1849		226	2.064
1850		413	814
1851		167	1.736
1852		145	3.284
1853		121	1.239
	Total	1.084	9.699

Os anúncios de regressos dão pelos mesmos anos 2.788 passageiros, com o que ficaram de nacionais ou de estrangeiros saídos de Valparaíso, 6.611 indivíduos na Califórnia. Como muitos barcos partiram diretamente de Concepção, levando emigrantes, sua cifra

ressarciria em parte a que nesta numeração formam os que só têm chegado por cima a Valparaíso e tornado a sair, que não pudemos distinguir, pela obscuridade a este respeito, dos anúncios dos diários. Se supusermos, contudo, que, com os de Concepção, os chilenos emigrados, que registra o censo, podemos dizer que o Chile não incorporou um só habitante pela entrada de pessoas de origem estrangeira; pois se compensam as altas e as baixas, salvo o que acontece em Copiapó, de emigração argentina, sobre o que não podemos fazer considerações por falta de dados.

Não é sem motivo especial que fazemos esse exame. As condições de existência entram por muito na difusão da instrução primária; e o interesse que por sua propagação podem experimentar as diversas classes da sociedade depende, em grande parte, dessas circunstâncias. País essencialmente agricultor, o Chile é favorável a uma feliz mediania ou termo médio, que requer toda educação necessária, para não embrutecer-se no isolamento dos campos. Enquadra-se com nosso objeto e com a situação do Chile a descrição dos campos de uma parte da Alemanha, que tomamos de um viajante, e que servirá para ilustrar nossas ideias.

De todas as circunstâncias já naturais, já artificiais, que influenciam no caráter das populações, deve conceder-se a maior parte à educação e a segunda ao governo ou à religião. Porém, o gênero de vida, as ocupações, e ainda entretenimentos tem também uma grande importância. Nos campos de Baviera, Baden e Würtemberg, o solo e o clima influenciam pouco na condição do povo; porém, a educação, em certa medida, é universal; as práticas religiosas são mais sensíveis que em qualquer país; e o governo é como no resto da Europa. O gênero de vida é principalmente agrícola; o qual, ainda que não seja favorável ao luxo e ao refinamento, parece, fora de dúvida, que é o mais feliz modo de existência para a massa da população. Nas três comarcas nomeadas, a grande maioria da população ocupa, como donos ou arrendatários perpétuos, uma

grande porção do território; e se este sistema não leva a criar fortunas, é altamente favorável à saúde e à tranquilidade de ânimo. Já é muito para um homem pobre ter algo que possa chamar de seu, algo em que trabalhar e portanto, ofereça garantia e estabilidade. Assim, é que em parte alguma da Europa temos visto classes trabalhadoras de aspecto mais culto, ainda que sem luxo, nem mais civis e atentos.

Poucas pessoas havia nos cárceres e os mendigos não existem senão como exceção rara.

A primeira e principal causa destes resultados é a lei com respeito às escolas, que, ainda que de antiga existência, foi melhorada nos últimos trinta anos. Por esta lei, os pais são compelidos a enviar seus filhos à escola desde a idade de seis até a de quatorze anos, donde devem aprender a ler, escrever, contar, se falar na adicional instrução que seus pais escolhem, segundo as vocações a que se dedicam. Em muitas escolas de Baviera há um afetuoso jardim em que se ensina aos meninos, durante as horas de recreio, as principais operações de agricultura e jardinagem; e em todas as escolas dos três estados, às meninas, a mais de instrução igual a que recebem os meninos, se lhes ensina a tecer meias, bordar e coser. É do dever da polícia e do padre ver que a lei seja devidamente executada, isto é, os meninos devem ser enviados à escola com regularidade e instruídos nela diariamente. Se os pais são, parcial ou totalmente, incapazes de pagar a educação de seus filhos, a comunidade cobre o déficit ou deverá fazelo. O padre tem superintendência sobre o professor, exigindo-lhe o governo que vigie o cumprimento de seu dever; e o padre cuida, assim, de que os meninos de seu rebanho frequentem regularmente as escolas. Depois de haver frequentado muitos anos a escola, o menino recebe do professor e do padre um certificado, sem o qual não pode obter acomodação; porque se castiga como que por um ato legal com uma multa fixa ao patrão que empregue um menino que não tenha o dito certificado, e estas multas jamais são dispensadas,

o que torna certo o castigo. O professor é pago, como na Escócia, com um salário, uma casa, um jardim, às vezes um campo, e pela retribuição que lhe pagam as crianças.

Há outras causas secundárias; porém, estas leis e a posse da terra pelos lavradores e artesãos são as duas primeiras. Entre as causas menores, entra a simplicidade de suas formas religiosas e universal tolerância; pois ainda a fé católica em Würtemberg, está desnuda do aparato e da pompa com que se ostenta em várias partes da Alemanha e da França.

Educação comum: influência da instrução primária na indústria e no desenvolvimento geral da prosperidade nacional

Entendemos por indústria, no caso presente, os diversos meios que os habitantes de um país dispõem para prover a sua subsistência e criar capitais que por sua vez supram o trabalho individual e ajudem a empreender grandes e lucrativos trabalhos. Das formas diversas que o trabalho assume, dois destaques principais apresenta a indústria no Chile: a mineração e a agricultura. De ambas nos ocuparemos separadamente, porquanto elas dão ocupação à grande maioria dos habitantes. A mineração é a indústria sobre a qual menos influência exerceu a educação. Juan Godoy, a quem Copiapó elevou uma estátua, não sabia e nem necessitou saber ler para descobrir as massas da prata nativa que se ofereciam à sua vista em Chañarcillo.

À primeira vista, esta observação parecerá trivial, porém, todavia, é de uma importância imensa: a simplicidade das combinações metálicas que apresenta a prata em Copiapó e na generalidade dos minerais do Chile torna irrelevante toda instrução [...]. Falo do que existe e interrogando os homens, e os fatos, ficará confirmada esta verdade. Nenhum homem de ciência descobriu minas, e para os minerais que não mostram prata à vista, prata nativa ou metalizada, o auxílio do ensaísta e o da metalurgia lhe seriam de pouco auxílio.

O povo mineiro criou sua tecnologia metalúrgica especial. No Chile há, segundo ela, cinco tipos de metais: prata, chumbo, barra, galena, metais frios e quentes; todos os que não se ajustam a estas características são *antinomias* que o mineiro prático deve abandonar como inúteis. Desdouro de sua ciência seria prestar-lhes sequer atenção.

Eis aqui uma das maiores e mais tentadoras indústrias subtraída à ação da inteligência, como aptidão para adquirir. Um químico, um ensaísta, um metalúrgico podem morrer-se de inveja dos mineradores do Chile. O cobre está sujeito às mesmas regras. Achada ou adquirida a mina, a utilidade é obra do acaso de um alcance e seu laboral fruto do capital que possa empregar-se. Obtida a riqueza que as minas prometem, o possuidor muda de situação, se torna capitalista, inicia uma nova família e não morre, afortunadamente, antes de ter visto seus filhos figurarem entre a juventude mais ilustrada do país.

Todavia, as minas do Chile exercem uma influência adversa contra o desenvolvimento da inteligência. Toda indústria paga o trabalho, devolve o capital, e recompensa o engenho que o artífice põe para melhorá-la. Quanto mais capital se emprega, maiores são os produtos; e quanto maior engenho, menores os gastos, mais perfeição. Estas leis gerais à indústria, e cuja prática produz hoje as maravilhas, que não sabemos admirar bastante em termos de preços baixos e beleza dos artefatos, estão ausentes na indústria mineração. O trabalho empregado não está sempre representado nos produtos; o capital que absorve não é seguro que sai dos labores, e a perfeição dos meios mecânicos de produzir é questão periférica, pois ante tudo é preciso que haja produtos. Assim, pois, esta indústria está abandonada ao acaso das combinações da natureza, que como Deus dá e quita, sem que a humildade da razão humana, o que não é do domínio do cálculo, acerte a compreender as leis que regem aqueles atos. A indústria da mineração, nas condições

atuais, deve estimar-se somando o produto anual das minas produtivas, e deduzindo o capital que não tem retorno ou o capital invertido em sua exploração; a diferença daria o verdadeiro proveito que o país obtém desta indústria.

Mas a mineração, como todo o trabalho e como todo acréscimo de riqueza, influencia indireta, porém, eficazmente na cultura, estabelece uma família, e os efeitos naturais do bem-estar realizando a mais eficaz ou completa educação dos filhos, vem a completar a elevação e a dignidade dos pais. Mais efeitos diretos oferece no avanço moral e material, desenvolvendo o espírito de empresa, de associação e de progresso. Tudo tem mudado na província de Atacama de vinte anos para cá, exceto as escolas, que marcham ao passo das do resto da República.

Sabe-se o efeito que os prazeres de ouro de Califórnia produziram sobre o homem que os explora. Ao contrário da mina de prata, que é essencialmente aristocrática, o lavadouro é democrático até ao exagero. Enriquece a multidão, depois a associação, não de capitais, senão de braços e inteligência. Os prazeres do ouro desenvolveram extraordinariamente a capacidade do homem, como as aspirações da massa, como o espírito de independência, e somente a isso deve atribuir-se toda a força de expansão que a agricultura, a indústria e as artes têm tomado em quatro anos na Califórnia, não obstante os incêndios, não obstante os transtornos realizado nos comércios pela acumulação excessiva de mercadorias, atraídas irreflexivamente pela fama do ouro, como se a maior ou menor quantidade de ouro devesse fazer consumir cem quintais de farinha a cada individuo no ano.

O cavador dos prazeres do ouro, e são neste momento 110.000 homens os que exercem esta profissão, vai em busca de uma quantidade de ouro que conta recoletar para retirar-se em seguida, comprar terras baratas, estabelecer-se, ou regressar rico a seu país nativo, ou montar uma fábrica, ou armar um navio.

Esta esperança não anima, no Chile, senão aos trezentos ou mil donos de minas; e ainda a natureza da mina exige que permaneçam mineiros, ainda depois de enriquecidos, explorando ou buscando nova riqueza.

Exerceria influência a educação para melhorar indústria mineradora? Se se entende que as montanhas do Chile encerram toda variedade de metais, de semi-metais, terras e pedras úteis; se se tem presente que o mais vasto campo das ciências de aplicação à indústria é precisamente o que a química e a metalúrgica oferece a matéria inorgânica, se compreenderá facilmente que a instrução nestes ramos poderia desenvolver riqueza, criar novas indústrias, engendrar novos meios de viver. Talvez, o mal êxito da maior parte dos trabalhadores de prata, o dispendioso entre eles e a comparação entre o que gastam ao ano todos os que aventuram capitais em sua exportação e os perdem, com o que tiram os que alcançam, faça que se consagrem a outras exportações de produtos metálicos, mais subalternos, porém mais seguros; menos tentadores, porém mais sujeitos à inteligência. Mas, ainda que, tanto não sucede isto, a indústria da mineração não é suscetível de ser influenciada pela educação, nem a sua vez pode prestá-la apoio, senão enquanto produz riqueza, e a riqueza em geral é favorável ao progresso. A estátua de Juan Godoy será por muito tempo o digno problema da indústria mineração. Os gregos haviam levantado um templo ao destino cego.

Agricultura – Passemos à indústria agrícola, que absorve os três quartos da população, e tão pouco a encontramos favorável ao desenvolvimento da educação. A propriedade territorial, base dessa indústria, está dividida em grandes massas. O cadastro somente dá em todo o território do Chile 11.310 possuidores de propriedades rústicas; e como a família se compõe em média de quatro indivíduos, resulta que, de um milhão e meio de habitantes

que povoam o Chile, somente 11.000 famílias de todas as condições exploram seus benefício, em proporções que possam produzir o viver. A circunstância de serem tão poucos os possuidores de terra faz com que a agricultura possa ser mais favorável à educação superior que à primária. Porém, são menos favoráveis ao desenvolvimento da educação o sistema de lavoura e os implementos que para ela se empregam.

Será favorável a necessidade de manejar estes instrumentos ao desenvolvimento da educação primária nos países em que estão em uso? Seria difícil imaginá-lo, quanto mais compreendê-lo, como um homem poderia tocar a estes instrumentos sem que sua inteligência estivesse desenvolta pela educação. Essa pluralidade de invenções, lutando em perfeição umas com as outras, foi o fruto da inteligente observação dos lavradores mesmos para sugerir as reformas, comparar os resultados práticos, preferir os melhores e recompensar pela demanda o talento do inventor. Cada um desses instrumentos provocou divisões em partidos entre os lavradores, motivando discussões sem fim: houve provas alegadas, testemunhos dados, e verdades ao final aceitas e reconhecidas. Por somente a nomenclatura dos implementos de lavoura, se deduz que a educação primária, isto é, a indispensável para desenvolver a razão do lavrador, entra por muito na aceitação, generalização, manejo e bom êxito dessa multiplicidade de instrumentos e aparatos mecânicos, que pondo, em lugar da força, a inteligência, poupam trabalho rude e capital, aumentando os produtos. Tanta influência tem a educação primária nestes progressos, que nossos proprietários, a primeira objeção que fazem para introduzi-los em seus trabalhos, é a que salta à primeira vista, a incapacidade de nosso criado para manejá-los; e há aqui o mais alto tributo que a indolência e o egoísmo podem pagar à difusão da educação primária.

A divisão da propriedade territorial em grandes lotes é adversa à educação primária, porquanto dissemina a população e atrapalha

a ação da escola, que é a oficina que a difunde, fazendo com que a esfera a que seus benefícios possam se estender sobre reduzido número de habitantes. Assim, pois, o cultivo da terra não dando folga à maioria dos que se consagram a ela em chácaras e outras pequenas lavouras por um lado, e sendo estas meras rotinas, em que o suor tem a principal parte, por outro, a educação primária, irrelevante para o cultivo, nada tira do proprietário que reserva outra educação mais alta para seus filhos.

A grande propriedade, contudo, pode exercer uma saudável influência no desenvolvimento futuro da educação dos lavradores, e cremos ver já alvorecer o dia com um grande passo neste sentido, com uma grande reforma na indústria agrícola. Concebe-se que a agricultura de pequenos lotes, como o papel moeda de um peso, se subtrai a toda perturbação exterior, a toda influência da opinião como do interesse do capital. O preço dos cereais, na agricultura em pequenos lotes, seria regulado simplesmente pela demanda que houvesse das sobras de cada lavrador depois de haver reservado a parte necessária às necessidades de sua família. Este era o termômetro do mercado chileno há doze anos, quando não havia exportações e o trigo valia quatro reais em colheres, erguendo as mãos ao céu dos especuladores, quando uma praga deixava frustradas as esperanças do lavrador; pois que o capital então podia especular sobre a fome.

A semeadura de cereais tomou hoje, contudo, o caráter de uma grande indústria nacional, consagrando os proprietários enormes somas e extensões imensas de terreno, a produzir grandes quantidades de trigo, para alimentar, não a população do Chile, senão os mercados estrangeiros. A agricultura chilena entrou por esta saudável revolução nas condições de toda indústria, a saber, associação de capital e inteligência para produzir muito a pouco custo.

Seis anos se passaram desde que se improvisou o mercado da Califórnia, e não tem feito mais que cevar o espírito de empresa,

pagando com ganâncias exorbitantes a ousadia e extensão dos trabalhos agrícolas. A uma palavra da indústria, caíram de um extremo a outro do Chile, os moinhos que havíamos herdado dos antigos colonos, para levantar-se em seu lugar as mais poderosas máquinas já inventadas pelo engenho de outros povos, ainda que com as máquinas houvesse de vir o artífice estrangeiro encarregado de ajustá-las, e o moleiro mecânico que havia de pô-las em movimento.

De repente, as múltiplas rodas dos novos moinhos têm-se paralisado em todo o território do Chile. Falta grão para moer? Os granjeiros ao contrário, estão cheios? Que tem acontecido então? Falta um mercado para a exportação das farinhas chilenas. O da Califórnia, que desenvolveu a indústria agrícola, se tem convertido em um foco industrial agrícola , fazendo desastrosa a exportação dos trigos chilenos. A indústria agrícola tem, pois, como indústria produtora de grandes quantidades de produtos, que regular seus valores, pelos preços que lhes façam em outros mercados as indústrias análogas concorrentes. O proprietário chileno necessita, hoje, saber qual é o preço dos trigos em Melbourne, em Londres, no Rio de Janeiro, na Califórnia, em Buenos Aires, e vendê-los a preços que os paguem; e como o preço nos mercados o faz a suma dos produtos oferecidos, resulta que para alcançar esse preço médio, necessita produzir tão barato, salvo em circunstâncias anormais, como o que produz mais barato dentre os concorrentes a um mercado.

A questão, pois, dos meios de produzir cereais, com muito capital e poucos braços, começa hoje a preocupar os ânimos de todos os proprietários chilenos, e a introdução e emprego de todos os implementos aleatórios aperfeiçoados para fazer desejável que os lavradores que tratam de manejá-los fossem mais aptos do que o são atualmente. A indústria dos cereais com instrumentos mecânicos faz pressentir a época em que se abrem escolas por todas as partes, já que a educação primária entra, quando muito, na produção de cereais que nos tem afastado da Califórnia da noite para o dia.

É um feito curioso que para nossa instrução devemos consignar aqui, porque erros semelhantes custam milhões aos povos. A transformação do mercado da Califórnia em foco industrial de cereais surpreendeu o Chile, que não estava preparado para isso, não obstante que os fatos se estavam produzindo à nossa vista. Os proprietários riam da ideia de que a Califórnia produzisse cereais e os diários (histórico) o estavam provando com argumentos irrefutáveis, a véspera do dia em que o exame dos algarismos dos alqueires de trigo colhido, e os avisos das casas de comércio instruíram a todos de que a transformação estava já consumada. Hoje, a preguiça e a imprevisão se alimentam com quimeras ainda mais estranhas. Quem se queixa de nossa própria abundância, que atrapalha que tenham valor as colheitas, quem espera que a Califórnia, se bem que tem conseguido se abastecer a si mesma, nunca chegará a exportar grãos; quem, contando com a mediocridade dos salários, admite que a indústria chilena compensará a ação das máquinas e da inteligência de seus rivais; quem, enfim, que acha que a Europa será um mercado permanente para nossos produtos.

Para os que falam de nossa abundância de produtos, uma só cifra bastará a desenganá-los: 1.178 milhões de alqueires de grãos é o termo médio da colheita dos Estados Unidos. Se o Chile produz dez milhões de quintais de farinha, fácil é mostrá-lo pelos estados da aduana e o cálculo do que a população consome. A Califórnia possui terrenos mais férteis que os do Chile e o lavrador, proprietário do solo que lavra, de aquisição e a baixo preço, em lugar de peões rudes, faz jogar com suas próprias mãos uma máquina que ara e pulveriza o terreno, um semeador que distribui, ordenada e economicamente, o grão, um aparato que seca em uma hora o que dez homens não secam em um dia e um trilhador que lhe deixa aventado e ensacado o trigo, que passando por ferrovias aos moinhos de vapor estabelecidos nas baias da Califórnia, é recebido pelos bosques da marinha mercante do país, que man-

tém relações ativíssimas com todos os mercantes do mundo. O tempo de saber as notícias que guiam as especulações seria bastante capital para assegurar os lucros.

Sobram braços no Chile? Esta é a ilusão de que não participam os que, no ano passado, vieram a perder suas colheitas, por faltar-lhes quem as colhesse. Enquanto aos mercados europeus, precários a esta distância, são, entre todos do mundo, os que exigem mais barata produção em proporção às distâncias, pois o Chile é o último provedor, depois da Espanha, Estados Unidos, Odessa e as costas do Mediterrâneo. Proveitosos contingentes fazem baixar definitivamente o preço primitivo de compra e, depois de dois anos, mais de incerteza o proprietário produtor aprenderá muito à sua custa a submeter-se às leis gerais que regulam, a despeito da vontade, a estimação dos valores. Qualquer que seja o futuro desta grande indústria, no Chile, grande porquanto a distribuição da propriedade em grandes lotes a favorece, nada tem que esperar, senão do estudo e aplicação às labutas dos campos dos meios inteligentes e mecânicos de produzir; e esta reforma tem sua base nas escolas, que preparam os braços que tem de pô-los em exercício. Nos doze meses que se conclui em agosto de 1854, a estatística comercial do Chile apresenta como total dos produtos agrícolas exportados os seguintes artigos: 74.592 alqueires de trigo, 524.271 quintais de farinha, 2.815 alqueires de milhos, 103.211 de cevada, 10.377 de batatas, 19.017 alqueires de feijão. Sabe-se que, com outras variedades de produtos agrícolas de pouca importância, estes são os principais a que se consagra o cultivo no Chile. Qual é a massa de produtos que se colheram ao ano em toda a extensão do país? É este o problema que ainda não resolveu o censo nem a estatística; e, todavia, esta incógnita é a base de todo o cálculo dos preços. Nada pode ser adiantado sobre o consumo que a população faz destes artigos, e, portanto, nenhum outro dado há para que a

exportação estime o excedente. Em todo o caso, a produção parece limitada relativamente a de outros países agricultores.

O comércio – É o comércio, em todas as partes, o campo em que se exercita o talento, a atividade e o bom senso do homem, premunido de dotes e conhecimentos que não entram nas classificações de educação clássica. Um advogado, um médico, um literato levam com estes títulos e com a ciência que se pressupõe que possuam, um pobríssimo caudal, para atuar nas várias especulações mercantis. Pelo contrário, a escola é a verdadeira ama-de-leite do comerciante. Uma forma de letra sem reprovação, a contabilidade de livros, a aritmética, a geografia, a estatística e a escola comercial; há aqui toda a preparação com que a sagacidade, a economia e a capacidade pessoal entram na lista. Nem pergaminhos, nem nacionalidade, nem ideias políticas figuram em suas linhas de preferência. O comércio, e não as minas, é o verdadeiro nivelador das classes no Chile. Um botequim miserável, o escritório do humilde dependente, as quinquilharias do imigrante, estão, de ordinário, no prólogo dos livros de negócio de nossas mais fortes casas de comércio. Principiada pela carência, passada aos adeleiros e destes ao vendedor e à casa de depósito, até as mais encobertas categorias, aí encontrareis as diversas gradações de uma mesma família, ou melhor, a fortuna em diversos graus, adquirida sem outra preparação que a da escola comum. O lavrador é uma planta vegetativa, quando não possui senão um pequeno espaço de terreno; o mineiro é um jogador grosso no jogo da busca da riqueza. A maioria é pobre e está carregada de dívidas, ainda que uns quantos têm acumulado centenas de milhares. O comerciante enxerga o espaço entre o que vegeta e o que marcha a grandes saltos. Seu negócio principia por cem pesos e estes cem pesos lhe dão do que viver, com a esperança de acumular uma fortuna com o passar do tempo.

O comércio no Chile se divide em duas categorias: o de varejo e o comércio de consignação ou alta especulação. Aquele, o exercem os nacionais, e este, de ordinário, os estrangeiros. Esta divisão que pareceria natural nasce, todavia, do atraso da educação pública ente nós. O comércio de importação e exportação, que é o que forma o comércio de um país, requer conhecimentos que os filhos do país normalmente carecem e, então, os emigrantes estrangeiros, ou ramificações de casas de Londres, Nova Iorque ou Hamburgo, vêm suprir nossa incapacidade, fazendo-nos de intermediários. Em toda a América do Sul, a fonte das mais rápidas fortunas está nas mãos dos estrangeiros. Fica para o comerciante nacional o comércio de varejo, e muitas fortunas se constroem em seu exercício. Porém, nestes últimos tempos, com o aumento do movimento comercial e a maior dificuldade de ganhar pelo quase equilíbrio que a concorrência estabelece nos preços e outras causas, este ramo de indústria, fazendo-se difícil, deu lugar a repetidas quebras, que alarmaram grandemente o comércio, se não destruiu totalmente o crédito. Os concursos revelaram uma tristíssima falha que afeta o interior desta indústria. A ignorância comum dos comerciantes, sua incapacidade de usar livros, se fez no véu que encobre a fraude, ou a má fé de alguns. Neste caso, se faz palpável a necessidade de uma educação mais acabada do que a que pode dar as escolas antigas à geração atualmente adulta. Com a introdução do crédito, que tanta atividade ou extensão dá às operações comerciais, o exercício de comprar e vender necessita uma arte mais esmerada, que deixe rastro perdurável de cada operação executada, a fim de dar testemunho em todo o tempo da honradez do comerciante. A massa do comércio chileno, sobretudo longe de Valparaíso, não usa livros contábeis e, portanto, se fez indigna de crédito. Há aqui um efeito sensível da falta de educação. A lei mesma teve que contemporizar com esta geral incapacidade, prescindindo da formalidade de selar os livros de comércio e de ofici-

alizar sua primeira página pelo escrivão público. Sobre este ponto, devia ser inflexível a administração, se quer atrapalhar que se fechem as vias à honrada especulação comercial. Todos os anos, devia se pedir aos comerciantes que têm loja, armazém ou outra classe de negócio imóvel, ou com porta à rua, exibir seus livros, para ver se são mantidos em ordem, sob pena de uma multa de trinta pesos, que não pagaria cada um senão uma vez em sua vida, e aplicável às escolas públicas que ensinam contabilidade. Esta medida justíssima, em cumprimento às leis vigentes, em garantia de valores de milhões, seria um meio de levantar o crédito, abatido hoje pela geral apreensão da desordem da contabilidade e a falta de todo meio de justificação das perdas, que com tanto fundamento alarma as casas de primeira mão. A influência das escolas primárias sobre a indústria que chamamos de comércio é demasiado visível para que depois do dito nos detenhamos a demonstrá-la. Quanto mais extensão tome aquela, quanto mais variados sejam seus ramos, tanto mais visíveis serão seus efeitos no comércio, que é a aplicação prática da aritmética e da geografia, por meio da escritura, da contabilidade e do cálculo.

Foi-nos impossível reunir dados suficientes sobre o número de pessoas que exercem o comércio, pois este nos havia dado o de outras tantas famílias que podem dar contingente à educação primária. As matrículas de 1849 registram 172, por Santiago, e 136, por Valparaíso, em proprietários de casas de comércio, armazéns atacadistas, tendas e adeleiros. Seria importante a publicação das matrículas de todas as províncias, pois seu conhecimento ilustraria muito sobre o número de famílias que estão interessadas no ensino.

Ofícios e indústrias – Examinemos, agora, qual é a situação industrial do Chile, para ver se é necessário um sistema geral de educação que a desenvolva, melhore ou a promova. Carecemos, por desgraça, de documentos públicos que nos guiem com certeza em in-

vestigação que tanta luz jogaria sobre a questão que nos ocupa. Algumas feições gerais tão somente se apresentam à vista que podem servir de ponto de partida. Desde logo, o Chile carece de fábricas para artefatos e esta é uma característica única entre os de nossa própria raça. A exposição de Londres tem revelado este fato curioso. Naquelas mostras da indústria humana, sem excluir a Ásia, a Rússia, Marrocos e a Turquia, todos os povos mostraram artefatos; todos, menos os da raça espanhola, que nem sequer se apresentaram na lista. As colônias espanholas são as que mais deserdadas se mostram daquele acervo de tradições ou aquisições, que se perpetuando nas famílias ou desenvolvendo-se em oficinas, pelas aplicações da ciência aos usos da vida, dão aos que não possuem terra ou capital, meios de prover as suas necessidades e de fazer uma fortuna.

Que influência exerceria a educação sobre a população do Chile para estender o campo da ação manual?

A resposta nasce do exame que, a propósito, fizemos dos produtos fabricados que nos envia Espanha, e dos quais, por sua vez, exporta o Chile, os quais mostram uma raça inteira, que na Europa e na América se encontra desprovida da educação fabril, que dá de viver à população que não é absorvida pela agricultura. A instrução desenvolvendo a inteligência, os conhecimentos científicos difundindo-se, a esfera de suas aplicações à indústria se amplia, tomando novas formas o trabalho e abrindo novas fontes à produção. Não é porque estamos na América que as artes fabris não existem entre nós, senão porque pertencemos a um ramo da família europeia que não as exerce senão em escala pequena e pouco diversificada.

Enquanto a fabricação de alguns artefatos de que é Santiago o centro necessário, pelo bom gosto da população mais culta e numerosa e por maior reunião de famílias abastadas que fomentem o consumo de objetos de certo valor, o registro de patentes pelo ano 1849 nos dará alguns dados mais precisos.

Seria inútil a educação para os milhares de pessoas de ambos os sexos que, não possuindo capital nem havendo herdado terras, necessitam, todavia, de produzir objetos que tenham algum valor? Não herdamos indústrias e quase estamos condenados a não vê-las importadas por industriais estrangeiros, já que, como está demonstrado pelo censo, tão pouca população conseguimos. Como então se conta estender as artes e a indústria e dar ocupação àquela parte da população que não queira sujeitar-se à condição de criados?

As artes manuais são complemento indispensável na economia interior dos povos. A terra não desenvolve sua superfície com progressos da população; pelo que campos e ainda mais as cidades oferecem, em cada geração, um excedente de braços que, não possuindo terra nem capital, necessitam adquirir uma arte de produzir objetos que, trocados por dinheiro tenham um meio de viver e de adquirir capital. Quando estes meios artificiais produzem somente para viver, se chamam *ofícios*; quando produzem capital, se chamam indústrias. Pode chegar uma época em que nem ainda estes meios sejam bastante para dar ocupação à população que aumenta indefinidamente, e isto foi o que induziu Malthus, ao considerar como necessário em certos países muito avançados colocar travas no progresso da população. Teoria tão inumana vinha de um erro de óptica, por circunscrever ao observador o horizonte dos limites topográficos de um país. O homem, tomado em sua acepção geral, tem a terra por morada e quando sua espécie abunda em um ponto emigra a outro. Felizmente, o globo admite, todavia, o dobro da população que tem atualmente, para alarmar-se por falta de espaço para seus moradores. Daqui provém que, segundo as situações diversas nas políticas das nações, há que se favorecer, ou não impedir a emigração de seu excedente de habitantes e atrair, ou não, a imigração que seu solo admite. Para tanto é preciso examinar se a terra que possuem é inacabadamente povoada. Sucede outro tanto

com a indústria e os meios de adquirir, que inventados em diversos países, emigram lentamente aos outros, buscando melhores proveitos e dando ocupação, segundo suas necessidades, ao excedente de população, que os trabalhos da terra não podem entreter. Assim, se nota nos Estados Unidos, de onde as artes não podem ter o mesmo refinamento que na Europa, que ainda nos Estados Unidos, mais recentemente povoados, as fábricas de artefatos de certo gênero correspondem em certa proporção às divisões territoriais, com a população e com as famílias.

O Chile, necessitaria, pois, em todas as partes de seu território, desenvolver meios para adquirir conhecimentos a fim de facilitar a introdução e a variada multiplicação de meios para *industrializar*; pois que as dificuldades para adquirir terra, por um lado, e a ignorância em que se encontra a população, por outro, fariam do país, em pouco tempo, a morada de umas centenas de patrões e o resto de criados, sujeitos a salários correspondentes à sua capacidade e número excessivo, se a emigração para as cidades e portos primeiro, e a expatriação depois, não dessem meios de subtrair-se a situação tão terrível. O Chile necessita desenvolver capacidade industrial em seus moradores e isto não se consegue senão pela instrução, porquanto a experiência de quarenta anos e os resultados do censo atual lhe provaram que deve contar pouco com o acesso da população estrangeira, que introduz as várias artes manuais, que são tradicionais nos países de onde vem, e os necessários avanços, e que não se podem manter-se a par com os produtos que nos enviam as mesmas artes, auxiliadas do capital nos países produtores e levadas a um grau de perfeição admirável.

Teríamos necessidade ainda de mostrar como a difusão da instrução pode influenciar o desenvolvimento da prosperidade geral? Que é a prosperidade do estado senão a soma total das prosperidades particulares?

É mais sensível o meio de promover a *prosperidade nacional* que nós propomos, que é *formar o produtor*, tomando crianças, ou todos os nossos atuais seres inaptos para isto, e *destruidores* dos produtos e capitais já criados, para convertê-los em artífices da prosperidade geral.

Esta é a forma como a instrução primária influencia no desenvolvimento da prosperidade geral.

(Sarmiento, D. F. Educación popular: premisas para fijar las cuestiones relativas a la instrucción primaria; influencia de la instrucción primaria en la industria y en el desarrollo general de la prosperidad nacional. *In:* _____. *Educación común*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1897. pp. 33-51 e 73-101).

Córdoba e a universidade no olhar de Sarmiento

Não direi que *Córdoba* era a cidade mais coquete da América porque se ofenderia disso sua gravidade espanhola, mas era uma das cidades mais bonitas do continente. Situada numa ribanceira formada por um terreno elevado chamado *Los Altos*, viu-se forçada a dobrar-se sobre si mesma, a estreitar e reunir seus regulares edifícios de tijolos. O céu é puríssimo; o inverno, seco e tônico; o verão, ardente e tormentoso. Para o oriente tem um belíssimo parque de formas caprichosas, de um golpe de vista mágico. Consiste num lago artificial enquadrado numa vereda espaçosa, que sombreiam salgueiros velhos e colossais. Cada lado tem um quarto de milha de extensão, encerrado por uma grade de ferro de quatro metros de altura, com enormes portões nos quatro lados, de maneira que o parque é uma prisão encantada em que se dá volta sempre em torno de um vistoso caramanchão de arquitetura grega, que está imóvel no centro do lago artificial. Na praça principal está a magnífica Catedral de estilo gótico, com sua enorme cúpula recortada de arabescos, modelo único, que eu saiba, existente na América do Sul da arquitetura da Idade Média. A uma quadra de distância está o templo e o convento da Companhia de Jesus em cujo presbitério há um alçapão que dá entrada a subterrâneos que

se estendem por debaixo da cidade e vão dar não se sabe ainda onde; também foram encontrados os calabouços em que a sociedade sepultava vivos os seus condenados. Se quereis, portanto, conhecer monumentos da Idade Média e examinar o poder e as formas daquela célebre Ordem, ide a Córdoba, onde esteve um dos grandes estabelecimentos centrais da América.

Em cada quadra da concisa cidade há um soberbo convento, um mosteiro ou uma casa de beatas ou de exercícios. Cada família tinha, então, um clérigo, um frade, uma monja ou um corista; os pobres se contentavam em ter entre os seus um irmão leigo, um sacristão ou um menino do coro.

Cada convento ou mosteiro tinha uma senzala contígua onde estavam se reproduzindo oitocentos escravos da Ordem, negros, zumbis, mulatos e mulatinhas de olhos azuis, ruivas vistosas, de pernas polidas como o mármore; circassianas dotadas de todas as graças, com uma dentadura de origem africana, que servia de incentivo às paixões humanas, tudo para a maior honra e proveito do convento a que pertenciam estas *huris*.

Andando um pouco mais na visita que fazemos encontra-se a célebre Universidade de Córdoba, fundada nada menos do que no ano de 1613, e por cujos claustros sombrios passaram sua juventude, oito gerações de doutores em direito canônico e civil, disputadores insignes, comentadores e casuístas. Ouçamos o célebre deão Funes descrever o ensino e o espírito desta famosa universidade que durante dois séculos forneceu teólogos e doutores para uma grande parte da América: "O curso teológico durava cinco anos e meio... A teologia participava da corrupção dos estudos filosóficos. Aplicada a filosofia de Aristóteles à teologia, formava uma mistura de profano e espiritual. Raciocínios puramente humanos, sutilezas, sofismas enganosos, questões frívolas e impertinentes, eis o que se tornou o gosto predominante destas escolas". Se quiserdes penetrar um pouco mais no espírito de liberdade que

daria esta instrução, ouvi ainda o deão Funes: "Esta universidade nasceu e se criou exclusivamente em mãos dos jesuítas, que a estabeleceram em seu colégio chamado Máximo, da cidade de Córdoba". Advogados muito distintos saíram dali, mas nenhum literato que não tenha ido refazer sua educação em Buenos Aires e com os livros modernos.

Esta cidade douta não teve, até hoje, teatro público, não conheceu a ópera, ainda não tem jornais e a imprensa é uma indústria que não pôde criar raízes aí. O espírito de Córdoba, até 1829, é monacal e escolástico, as conversas nas salas giram sempre sobre as procissões e as festas dos santos, sobre exames universitários, profissão de freiras e a graduação de doutor.

Não se pode dizer até onde isto pode influir no espírito de um povo ocupado com estas ideias durante dois séculos; mas deve ter alguma influência, pois já o vereis: o habitante de Córdoba tem os olhos em torno de si e não vê o espaço; o horizonte está a quatro quadras da praça; sai de tarde a passear e, em vez de ir e vir por uma rua de álamos espaçosa e longa como a baixada de Santiago, que dilata o ânimo e o vivifica, dá voltas em torno de um lago artificial de água sem movimento, sem vida, em cujo centro está um caramanchão de formas majestosas, mas imóvel, estacionário. A cidade é um claustro fechado entre barrancos; o parque é um claustro com grades de ferro; cada quarteirão tem um convento de freiras ou frades; a universidade é um claustro em que todos usam sotaina e mantel; a legislação que se ensina, a teologia, toda a ciência escolástica da Idade Média, é um claustro em que se encerra e entrincheira a inteligência contra tudo o que sai do texto e do comentário. Córdoba não sabe que existe na terra outra coisa além de Córdoba; ouviu, é verdade, dizer que Buenos Aires não está muito distante; mas, se acredita, o que nem sempre acontece, pergunta: "tem universidade? Será de ontem. Vejamos: quantos conventos tem? Tem um parque com este? Então, isso não é nada...

"Por qual autor vocês estudam a legislação lá?", perguntava o grave doutor Jigena a um jovem de Buenos Aires. "Por Bentham". "Por quem? Pelo Benthanzinho?", mostrando com o dedo o tamanho do volume em duodécimo em que está publicada a edição de Bentham: "Ha, ha, ha! Pelo Benthanzinho! Num escrito meu há mais doutrina do que nesses caderninhos. Que universidade! Que doutorecos!" "E vocês, por quem ensinam?" "Oh, pelo cardeal de Luca". "O que você disse?" "Dezessete volumes *in folio*!"

É verdade que o viajante que se aproxima de Córdoba procura e não encontra no horizonte a cidade santa, a cidade mística, a cidade com cabelo e borlas de doutor. Finalmente o arrieiro lhe diz: "Veja lá embaixo... entre os pastos..." E, de fato, fixando a vista no solo, e a curta distância, veem-se assomar uma, duas, três, dez cruzes seguidas de cúpulas e torres do muitos templos que decoram esta Pompeia da Espanha da Idade Média.

Além disso, o povo da cidade, composto de artesãos, participa do espírito das classes altas; o mestre sapateiro tomava ares de doutor em sapataria e citava um texto latino ao nos tomar gravemente a medida; o *ergo* andava pelas cozinhas, na boca dos mendigos e loucos da cidade, e toda disputa entre boias-frias tomava o tom e a forma das conclusões. Acrescente-se que durante toda a revolução Córdoba foi o asilo dos espanhóis, maltratados em todas as demais partes. Ali estavam como em casa. Que efeito faria a revolução de 1810 num povo educado pelos jesuítas e enclausurado pela natureza, pela educação e a arte? Que acolhida encontrariam as ideias revolucionárias, filhas de Rousseau, Mably, Raynal e Voltaire, se por acaso atravessassem o pampa para descer à catacumba espanhola, naquelas cabeças disciplinadas pelo aristotelismo para enfrentar toda ideia nova, naquelas inteligências que, como seu parque, tinham uma ideia imóvel no centro, rodeada por um lago de águas mortas, que impediam que se penetrasse até elas?

Por volta de 1816, o ilustre e liberal deão Funes conseguiu introduzir naquela antiga universidade os estudos até então tão desprezados: matemáticas, idiomas vivos, direito público, física, desenho e música. A juventude cordobense começou, desde então, a encaminhar suas ideias por novas vias, e não tardou muito a sentir-se os efeitos, do que tratamos em outra parte, porque agora caracterizo apenas o espírito maduro, tradicional, que era o que predominava.

A revolução de 1810 encontrou em Córdoba um ouvido fechado, ao mesmo tempo em que as províncias todas responderam juntas: "Às armas! À liberdade!" Em Córdoba, Liniers começou a levantar exércitos para irem a Buenos Aires *justiçar* a revolução; a Junta mandou para Córdoba um dos seus e suas tropas para decapitar a Espanha. Córdoba, por fim, ofendida pelo ultraje e esperando vingança e reparação, escreveu com a mão douta da universidade, e no idioma do breviário e dos comentadores, aquele célebre anagrama que assinalava ao passageiro o túmulo dos primeiros realistas sacrificados nos altares da pátria...

Em 1820, um exército se subleva em Arequito e seu chefe, cordovês, abandona o pavilhão da pátria e se estabelece pacificamente em Córdoba, que se alegra em lhe ter arrebatado um exército. "Bustos cria um governo colonial, sem responsabilidade; introduz a etiqueta da corte, o quietismo secular da Espanha e, assim preparada, chega ao ano de 1825, quando se trata de organizar a república e constituir a revolução e suas consequências".

(Sarmiento, D. F. *Facundo*: civilização e barbárie. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. pp. 161-165)

A educação das mulheres

Antes de entrar na parte orgânica dos estabelecimentos públicos de educação primária, devo deter-me sobre um ponto que é, entre nós, preparatório e elementar, visto que se refere à massa das pessoas educáveis e à preparação dos elementos indispensáveis à

melhora do ensino geral. Se a sociedade não precisasse ocupar-se de repartir igualmente a educação entre os dois sexos, um grande número de mulheres deveria receber, de qualquer forma, uma boa educação, para servir de professoras para ensinar aos pequeninos os primeiros rudimentos do que constitui o ensino primário. Há nisto economia e perfeição, duas vantagens que de maneira alguma devem ser desperdiçadas.

Pode julgar-se o grau de civilização de um povo pela posição social das mulheres. Entre os povos selvagens elas estavam encarregadas do transporte das tendas de acampamento nas emigrações, de arrumar as peles e tecer os toscos panos de que se vestem os homens, recaindo sobre elas o cuidado de lavrar a terra, quando são povos sedentários. Nos povos bárbaros da Ásia, as mulheres eram vendidas nos mercados para prover os prazeres dos poderosos. A família propriamente dita não existe senão entre os povos cristãos; e ainda entre estes se notam diferenças de posição que merecem ser estudadas. Quando falamos de escolas públicas dotadas pelo estado, entendemos escola para homens; e transportando-nos não mais que a princípios deste século, ainda nas famílias poderosas prevalecia o costume de não ensinar a escrever as mulheres, e ainda vivem senhoras a quem seus pais negaram o benefício de, pelo menos, saber ler. Os colégios de senhoras datam, em toda a América espanhola, de uma época recente, muito posterior à Independência. Há cidades em que ainda não existem e capitais que não puderam sustentar os ensaios feitos para sua implantação. O único governo que proveu com igual solicitude a educação de ambos os sexos é Rivadavia, presidente da República argentina de 1824 a 1827; e as instituições implantadas então, pelas quais as mulheres de todas as classes gozavam de uma educação regular e sustentada pelo erário, resistiram mais tenazmente, sob o embate destrutivo da reação ocorrida naquele país, do que outras ao parecer mais vitais. Estava este ramo da instrução pública sub-

metido à inspeção da Sociedade de Beneficência, composta de senhoras, que corresponderam a sua missão por uma longa série de anos com tal interesse, consagração, e aptidões, qual uma corporação de varões nunca havia mostrado. Várias realizações há que se registrar desta bela instituição, e em Montevidéu obtive interessantes detalhes de Madame Madeville, Presidenta, por muitos anos, da Sociedade de Beneficência.

Na Península, a educação das mulheres em geral está no mesmo grau de atraso que entre nós, e a consciência pública não lhe dá outra importância que a de um mero adorno nas classes mais elevadas. Da educação das mulheres depende, todavia, a sorte dos estados: a civilização se detém às portas do ambiente doméstico, quando elas não estão preparadas para recebê-la; quando as mulheres, em seu caráter de mães, esposas, ou serventes, destroem a educação que as crianças recebem nas escolas. Os costumes e as preocupações se perpetuam por meio delas e jamais poderá alterar-se a maneira de ser de um povo, sem mudar primeiro as ideias e os hábitos de vida das mulheres. A imprensa do Chile reproduziu a belíssima obra de Aimé Martin, *Da civilização do gênero humano pelas mulheres*, e, naquelas páginas, imortais, escritas com o coração, poderão os homens, chamados a influenciar sobre o destino dos povos americanos, encontrar muitas das causas de seu atual atraso. Os franceses atribuem, com razão, à parte que dão em todos os atos de sua vida; às mulheres a civilidade e doçura de costumes que caracteriza a sua nação.

No que diz respeito à América Espanhola, a posição das mulheres é inteiramente excepcional, enquanto meios de existência. Tomada a massa de habitantes de uma comunidade, constata-se que a metade se compõe de mulheres e ainda entre nós prevalece a ideia de que seu número excede ao dos varões. Na Europa e nos Estados Unidos, as fábricas de tecidos, os mostradores, as imprensas e, ainda a lavoura, dão ocupação e meios em mínima escala

para prover as necessidades da família; assim, também, naqueles países, a solicitude do estado ou da municipalização, provê indistintamente a educação de ambos os sexos. Em todas as partes, com raras exceções, a mesma escola e os mesmos professores servem para o ensino dos sexos reunidos, ou separados em assentos diversos. Se a educação geral dos varões não fosse, todavia, um desiderato entre nós, conceber-se-ia, com efeito, a ideia de dar uma instrução ainda elementar aos meninos varões e, não, às mulheres? Ao irmão e, não, à irmã? Ao que há de ser o esposo e pai, e, não, à que há de ser esposa e mãe? Por que perpetuar deliberadamente em um a barbárie que quer destruir-se no outro? Por que fazer o contrário do que aconselha a natureza, a saber, instruir à que há de ser professora de meninos, visto que está destinada a ser mãe e levar com ela os germes da civilização ao ambiente doméstico, e visto que ela há de ser o plantel de uma nova família pela união conjugal.

Ainda que sem esta educação geral das mulheres e sem que instituição alguma a favoreça, vemos, a cada passo, mostras do auxílio poderoso que podem prestar ao ensino. Nos mais afastados extremos da República, na obscuridade e desamparo das cidades populosas, a *Escolinha da mulher* está, como débil lamparina, mantendo a luz da civilização, sem a qual ela desapareceria do todo para milhares de infelizes, abandonados ao embrutecimento, por falta de estabelecimentos públicos e pela escassez de seus próprios recursos; e ainda, nos pontos aonde as escolas abundam, a mãe ao desprender-se, pela primeira vez, de seus filhos prefere a *escola da mulher*, levada do instituto materno que a faz compreender que uma mulher é professor mais adequado para a inteligência infantil, juiz mais indulgente para suas faltas. Ali, na humilde morada da professora, sem outros utensílios que os de sua habitação e suprindo com perseverança e amor o que de instrução lhes falta, estas mulheres, por preços ínfimos, dão à infância os primeiros rudimentos de

instrução na leitura, escrita e rezas, únicos conhecimentos que elas podem ensinar e que não são, por sorte, limitados para a compreensão dos meninos de quatro a seis anos que formam, geralmente, a maioria de seus alunos. Estas escolas são o germe da *Sala de asilo*, sem o espaço suficiente para o desenvolvimento das forças físicas, sem os auxílios da ciência para o desenvolvimento da capacidade moral e intelectual; mas aquelas mulheres consagradas ao ensino por um pobre estipêndio, chamadas a concorrer com o ensino público sob a direção de professores instruídos e prestando a assistência que, mais do que de sua instrução, deve esperar-se das qualidades de seu sexo, que são a brandura e a paciência; aquelas mulheres, dizia, chegariam a preencher um vazio imenso nos sistemas de ensino que fracassaram até hoje, na dificuldade de ter sob a direção de um só professor, meninos de diversas idades e necessariamente com capacidade e com instrução distinta. No ensino mútuo, o monitor não deixa de ser menino e se não promove, deixa aparecer a alegre desordem; no sistema simultâneo, o mestre, ainda, que ensine a uma classe, abandona necessariamente as outras a si mesmas e, em todo sistema possível, os meninos mais crescidos perturbam a disciplina e sofrem atrasos em sua instrução, o que somente pode ser evitado pela vigilância e solicitude daquelas mulheres introduzidas nas escolas com o caráter de *ajudantes* e cuja principal função é estar sempre onde o professor não pode estar, mantendo a ordem e dobrando a flexibilidade de sua natureza até a condição do menino, adaptar a disciplina à capacidade dos mais crescidos, que seriam menos prontos do que sua terna idade requer por um professor severo e cansado de lutar com a natural indocilidade da infância. Com que diverso caráter se representa à imaginação a professora do bairro! Custa um esforço supor dureza de caráter em uma mulher: e o fato real é que, geralmente falando, a semelhança de hábitos entre a professora e a mãe, suas repreensões aos meninos inquietos, afetando uma severidade que se desmente a cada

passo, fazem insensível a transição do menino que sai do ambiente doméstico para reconhecer uma nova autoridade e obrigações novas, em sua primeira iniciação nos lamentos da vida. Porém, há algo de mais fundamental, todavia, que justifica estas predileções. É que as mulheres possuem aptidões, de caráter e de moral, que as fazem infinitamente superiores aos homens para o ensino na tenra infância. Sua influência sobre os meninos tem o mesmo caráter da mãe; sua inteligência, dominada pelo coração, se dobra mais facilmente que a do homem e se adapta à capacidade infantil, por uma das qualidades que são inerentes a seu sexo. Da justa apreciação deste fato, ocorre que as *Salas de Asilo*, aquela escola preparatória, que está hoje instituída como o primeiro elo que une a educação doméstica com a pública, foi por lei confiadas, na França e na Itália, exclusivamente às mulheres. Em todas as partes, elas começam a tomar uma extensa ingerência na educação pública. Em Nova York, como se viu, formam a maior parte do pessoal das escolas; em Salem, na do Leste, cujo sistema de ensino é sem rival, em meu juízo, em parte alguma, seis mulheres ajudam a cada um dos mestres superiores.

Como ilustração dos progressos que recentemente conquistaram a instrução das mulheres e como mostra de analogias entre nossas preocupações atuais e as que têm concluído por dissipar-se em outros países, citarei o fato de que, em 1808, se fundou pela primeira vez um colégio de meninas no condado de Essex (Mass.), sob os auspícios dos cidadãos mais ricos e com o objetivo de prover suas filhas de todas as oportunidades de melhora que pudessem encontrar. Muitas pessoas inteligentes, todavia, colocavam em dúvida, até então, a possibilidade de dar às alunas maior instrução em matemáticas que as quatro primeiras regras de aritmética, crendo impossível que as meninas alcançassem a compreender frações decimais. "Nossas escolas – disse em seu informe uma comissão de Massachusetts – existiu durante dois séculos baseadas na suposição de que somente um homem de fato e direito, com

suficiente vigor para aplicar a *palmatória* de uma maneira efetiva, ainda que fosse escasso de instrução, era competente para *governar* garotos e meninas; e a ideia de que meninas, não maiores de idade que os meninos, que então frequentavam a escola, se encontrariam nas escolas com o caráter de professores se havia apontado, agora, vinte e cinco anos depois, com uma pretensão quimérica e desacertada. Aquela geral convicção sobre a capacidade das mulheres para *governar*, não lhes fazia, todavia, tanto mal, como a opinião que prevalecia então, com a mesma extensão que as supunha tão inábeis para ensinar como para *aprender*: tão estranho, injusto e contra a natureza como ele pode parecer, a educação das mulheres, na mesma extensão que a dos varões, tem feito muito lentos progressos na opinião pública.

Na falta das mulheres dos professores, pode dar-se uso das muitas que se consagram ao ensino e que tem escolas que apenas lhes dão para viver. Com iguais vantagens pecuniárias e uma situação mais respeitável, serviriam ao estado e as municipalidades, com mais proveito do público; pois ainda que muitas que possuem uma regular instrução, quase todas se veem privadas de melhorar pela aquisição de novas luzes, o conhecimento e a prática dos métodos de que fazem uso para o ensino os instrutores públicos que, geralmente, receberam sua educação preparatória na Escola Normal.

Resta-me indicar algo sobre os meios de preparar o ensino feminino para o futuro, a cujo fim a previsão do estado deve começar a fazer os fundamentos desde já, pelo mesmo meio adotado para a educação dos homens, a saber, pela fundação de escolas normais.

As mulheres, ademais, educadas e preparadas, com efeito, seriam o melhor veículo para disseminar pelos extremos da República uma multiplicidade de pequenas indústrias manuais que são desconhecidas, e proporcionariam meios de subsistência, prazer e melhoria a suas discípulas como a elas mesmas. A fabricação de redes para a indústria de seda, a criação racional das larvas que a

produzem, a jardinagem, os trabalhos manuais, como a confecção de flores artificiais, malhas, bordado, desenho floreal e paisagem, ponta de marca etc. etc. seriam outros tantos ramos de cultura industrial que as mulheres preparadas nas escolas normais iriam espalhar pelas províncias, ajudando a melhoria e o refinamento dos costumes e a difusão dos conhecimentos úteis.

Preocupado com este pensamento, visitei várias casas de educação normal ou particular de mulheres e em cada uma delas encontrei sempre motivos para sentir a importância moral e social de introduzir as mulheres no ensino público.

Seja-me permitido dizer que esta questão da influência das mulheres no futuro das sociedades americanas foi uma das preocupações de minha primeira juventude e que devo a inspiração de instituir um estabelecimento de educação dedicado às senhoras que morreram sufocadas pela guerra civil e pelo mal espírito que prevaleceu na República Argentina, não sem haver deixado, todavia, caminhos floridos de sua precária existência. Apegamo-nos irremediavelmente à memória daquelas primeiras criações de nosso espírito, evanescidos de tudo aquilo que é útil e bom no que fomos parte ou atores; e sob risco de parecer indiscreto e presunçoso, me atrevo a consignar aqui fatos em favor da educação do belo sexo, tanto mais quanto que o plano daquele estabelecimento convém melhor a uma Escola Normal, ou a uma instituição pública que a uma privada.

Como complemento do que me proponho neste capítulo, acrescentarei alguns detalhes sobre um dos estabelecimentos de educação para mulheres que gozam da mais alta reputação na França. M. Levi Alvarez se consagrou a este ramo do ensino público, aplicando os resultados de seu sistema educacional exclusivamente às mulheres; fez desejar a muitos que se generalizasse a dos homens. M. Levi não tem pensão, senão que dá lições extras a externas que serão estudadas em suas casas e voltam a prestar conta delas em dias assinalados.

As mães acompanham suas filhas e anotam em um caderno os pontos principais de que trata a lição. Este meio facilita a educação para muitas jovens e a mãe mesma desempenha uma parte principal no estudo que suas filhas fazem. Para dar-se uma ideia dos resultados práticos deste sistema, referirei o que presenciei, em duas vezes entre outras, que visitei seu estabelecimento. Reunidas várias pessoas, propôs-se a cada um designar uma palavra como tema de composição para seis meninas que estavam presentes. A uma foi proposto *vapor*; a outra, *Cristovão Colombo*; a outra. *Imprensa*; a outra, *Henrique IV* e a outra, enfim, *a* palavra *pólvora*. Cada uma das meninas tomou a palavra e depois de quinze minutos de escritura rapidíssima, foram lendo suas composições. É preciso estar habituado à improvisação da imprensa periódica para não assombrar-se demasiado daquele esforço de inteligência, aquela rapidez de concepção, para traçar-se um plano, desempenhá-lo com rapidez e revestir o pensamento e os dados que formam o tecido do escrito, das formas mais agradáveis, vertido em linguagem pura e em estilo brilhante de imagens e de cores. Havia composições que dariam honra a nossos melhores escritores e outras que revelavam conhecimentos avançados e um sistema de ideias fixas. A composição sobre Colombo era encantadora por suas imagens grandiosas, seus pensamentos sérios e por apreciações do passo que havia permitido à espécie humana dar. O tom poético ou dramático da desgraça em que caiu Colombo e das primeiras prisões após os regressos à Europa. De um gênero diferente, mas igualmente animado de coloridos e de justa apreciação de sua transcendência, eram os discursos sobre a invenção da pólvora e sobre a aplicação do vapor. Na composição que tinha por objeto Henrique IV, a história contemporânea, o espírito da época, as necessidades da França, suas guerras e o caráter pessoal do nobre caudilho, tudo aparecia analisado a uma altura digna do assunto.

Depois, em conversações como Mma. Tastu, a célebre poetiza, muito versada em matérias de ensino, a que consagrou seu brilhante

talento, a vi desaprovar em M. Levi, aquele cujo luxo de erudição, aquela educação literária melhor feita para escritores profissionais, que para meninas que devem tomar logo as posições que a sociedade lhes assinala. Porém, seja dele o que for, o resultado é que qualquer educação que não seja a profissional, apresenta resultados mais completos quanto a formar o espírito, enriquecer a memória, e exercitar a faculdade de reproduzir as ideias em formas elegantes e sabiamente coordenadas. Pelo que eu pude julgar e pela asseveração do mesmo Levi, seu sistema se reduzia a dar durante o curso de ensino uma série de conhecimentos suficientes para pôr a aluna em estado de apreciar todas as coisas que não fazem parte das ciências exatas. O que os homens adquirem, me dizia, em dados gerais pela leitura, forma em um sistema o objeto da educação da mulher, tomando por base a história como meio de classificar os fatos, os homens, os descobrimentos, os autores e, ainda, as ideias e a literatura. As mulheres não podem seguir longos anos de ensino e é preciso habilitar sua razão por um método geral que tem por objeto contrair-se a desenvolver e fortificar o espírito de observação dos meninos e dos adolescentes, fixando continuamente sua atenção sobre os objetos de que estão rodeados; dirigi-los constantemente fazia um objeto útil para eles e para os demais.

Cultivar a inteligência, seguindo para isso uma senda que ponha o aluno em estado de descobrir por si mesmo as regras, os motivos e os princípios do que se lhe ensina, segundo o dito de Bacon, *que não se possui bem, senão aquilo que alguém encontrou por si mesmo*. – Proceder sempre de uma coisa conhecida a uma desconhecida, do simples ao composto; engrandecer as dificuldades e seguir uma progressão de tal maneira estabelecida que o aluno apenas se aperceba das escalas que sobe; sem antecipar seus conhecimentos, sem supor-lhe ideias que não tem e que não pode ter. – Evitar todo mecanismo, toda rotina, fazendo-lhe conhecer o objeto e a razão de tudo aquilo de que se ocupa, apresentando-lhe sem cessar os

fatos e *ajudando-lhe* a deduzir os princípios – *Torná-lo interessado* constantemente no trabalho que dele se espera, fazendo-lhe ver sua utilidade para o futuro; fazer-lhe tocar com o dedo e ver com os olhos, por assim dizer, todas as verdades úteis; assinalando os erros e as escolhas que devem ser evitadas. – Não confiar em sua memória senão que já não tenha sido abraçada pela sua inteligência; pois que não há outra coisa proveitosa que aquilo que tenha sido compreendido.

Desta exposição de seu método que o mesmo M. Levi faz, resulta que para cada idade há um plano completo de ensino, cuja esfera vá alargando-se a medida que com o desenvolvimento físico cresce a inteligência.

(*De la educación popular*. Santiago: Imprenta de Julio Belin, 1849. pp. 129-196) e pp. 70-85 do www.proyectosarmiento.com.ar

A escola pública e a formação do professor

A profissão do ensino requer tanta ou maior preparação como qualquer outra. À idoneidade individual do professor há de se acrescentar uma série de conhecimentos adquiridos e os resultados averiguados, se não se pretende que cada professor invente a arte de ensinar e o deixe morrer com ela, para renascer de novo com outro que o suceda. A Escola Normal é, pois, uma instituição conquistada para a educação pública e que não pode se omitir aonde quer que se trate de organizar o sistema público de instrução popular. Esta instituição teve origem, na Prússia, como todas as que têm por objeto assegurar-se dos resultados da educação; foi posta, mais tarde, em evidência na França, onde há, hoje, 78 estabelecimentos desse gênero; tem-se generalizado na Europa e, mesmo na Espanha, há uma em Madri e outra em Barcelona.

Na América do Norte, não obstante a tradição da educação popular, não começou a organizar-se senão em épocas muito recentes. Em 1839, um cidadão de Massachusetts doou ao estado

10,000 pesos, sob a condição de que o estado acrescentasse igual soma e fundasse uma Escola Normal. Em 1843, o governo de Nova York estabeleceu nas Academias um curso para professores, com recursos especiais do estado, consagrando ultimamente 40.000 pesos anuais somente para este objetivo.

Em 1842, o governo do Chile decretou a fundação de uma Escola Normal, destinando às Câmaras a este fim 10.000 pesos anuais.

[...]

Era natural que, nos diversos estados da Europa e da América, se tratasse de penetrar, enquanto fosse possível, o espírito e a extensão do ensino dado aos que se preparam para ir a espalhar, mais tarde, sobre os povos as luzes adquiridas; porém, seria de pouco proveito, para o objetivo deste livro, a crítica e a comparação dos vários estabelecimentos examinados. Basta conhecer uma das primeiras Escolas Normais da Europa, a de Versalles, para ter-se ideia do que esta instituição importa, acrescentando o que nas escolas da Prússia se encontra de notável e ainda mais avançado que o ensino francês. A informação de que, a partir de Paris, veio a Faculdade de Humanidades da Universidade do Chile; o interrogatório que dirigi aos alunos daquelas escolas; os regulamentos internos e demais dados que me forneceram em resposta a minhas perguntas, são outros tantos antecedentes, para formar, na América, um juízo completo dos ramos de instrução que abrangem ou devem abranger o ensino normal, a regulamentação e a economia de ditos estabelecimentos.

Escola Normal de Versalles

Encarregada a Faculdade de Humanidades da Universidade do Chile, que tão dignamente o Senhor preside e à qual tenho a honra de pertencer, dirigir e fomentar a instrução primária, creio que poderiam ser-lhe de alguma utilidade para seus trabalhos pos-

teriores as observações que fiz até aqui nos estabelecimentos que visitei. Por outro lado, tendo sido favorecido pelo governo desta República com o honroso encargo de fundar a Escola Normal de instrução primária, me sinto, até certo ponto, interessado no bom êxito daquela criação tão fecunda em resultados, se chega a sustentar-se de modo sólido e duradouro. Pouco depois de haver renunciado à direção daquele estabelecimento, o senhor, ministro da Instrução Pública se serviu de pedir-me uma distribuição de horas de trabalho, e uma escala do edifício que deveria construir-se para a Escola Normal; não obstante ter aceito de pronto este encargo, a experiência adquirida nos três anos anteriores de direção da escola, a responsabilidade por uma má distribuição nas seções de um edifício destinado a durar bastante tempo, me fizeram retrair-me do empenho, desconfiando de minhas luzes para trabalhar com acerto, e contando com que a inspeção prática do que se faz na França, me poriam em estado de servir ao governo e à instrução primária do Chile, com melhor conjunto de dados.

Praticamente a estes dois pontos se referem exclusivamente as observações, modelos, regulamentos e outros objetos que acompanho; não havendo me permitido a limitação do tempo e outras ocupações, contraí-me a examinar as escolas e os diversos métodos de ensino, do que me reservo a tratar adiante.

No Rio de Janeiro pude examinar algumas escolas, das quais não aproveitei outros frutos senão os regulamentos 1, 2 e 3, que mostram, ao menos, bons desejos de melhorar a instrução primária, geralmente atrasada por toda a extensão do Império brasileiro.

À minha chegada na França, conhecendo M. Guizot o objetivo principal de minha viagem, graças à benévola acolhida que se serviu dispensar-me o senhor Rosales, enviado da República deste governo, obtive, além dos oferecimentos verbais mais solícitos, uma recomendação para o Reitor da Universidade de Paris, quem se serviu premunir-me de uma carta de ordem ao Diretor da Es-

cola Normal de Versalles, e aos instrutores das escolas públicas, para que me fornecessem todos os dados que eu solicitara sobre a instrução primária.

A Escola Normal de Versalles é o estabelecimento mais completo que a França possui neste gênero. Servindo a três vilas ao mesmo tempo, como a Escola Normal de Paris, tem cento e dezessete alunos, rendas abundantes, um material completo, e professores escolhidos entre os responsáveis pelo ensino nos colégios reais de Versalles. A universidade tem-na sob sua imediata proteção, e nada falta nela do quanto se julga necessário para fazê-la o modelo das escolas normais da França. Nem o aparato de edifícios comodamente distribuídos a escasseiaver. Versalles está cheia daquelas construções que Luis XIV prodigalizou por todas as partes para dar realce à pompa régia; o que, no luxo daquele célebre e ruinoso reinado, esteve destinado para pesebres(lugar reservado Às cavalgaduras), e para tudo o que concerne à caça, serviu nos tempos menos faustosos para a monarquia; porém, mais preocupados com o bem comum, para estabelecer uma Escola Normal com todas as suas distribuições necessárias: uma escola superior, outra de ensino mútuo, outra simultânea, uma sala de asilo sobrando ainda edifícios para o alojamento independente do diretor e de sua família, e de alguns professores.

Os dois grandes planos que juntos dão uma completa ideia da distribuição destes edifícios, que ainda não foram construídos, professo para o objeto, se adaptam de tal modo às necessidades de uma Escola Normal, que a meu juízo nenhuma outra distribuição poderia convir melhor. Desde cedo os alunos estão concentrados em um só ponto; suas tarefas se desempenham em três ou quatro partes sucessivas; dormem na parte superior; têm à frente um amplo pátio coberto de árvores e alamedas em suas extremidades, o qual deixa desocupada a frente do edifício, facilitando a inspeção. Por fim, a livre circulação do ar, o que não se consegue nos pátios

circundados de edifícios, a colocação do jardim, e ainda a posição exterior das oficinas de serviço, dão a essa disposição espacial um mérito que a torna preferível a qualquer outra. Se há de se construir uma Escola Normal no Chile, não julgo que a economia de terreno deva ser a preocupação principal do governo, sobretudo se como era a mente do senhor ministro Varas, e como mil considerações o aconselham, a Escola Normal devia estabelecer-se definitivamente em Yungai, que por estar afastada da capital, e pelo pouco movimento que nela acontece, responde exatamente à ideia que a academia de Paris e o ministro, despojado hoje dos esplendores da antiga corte que fez dela o centro dos prazeres e da agitação de tempos passados.

Um dos principais obstáculos com que a moral dos alunos instrutores da Escola Normal teve que lutar, foi sua residência em Santiago. Jovens vindos das províncias e na idade mais suscetível a ceder a todo o gênero de influências, se encontravam um tanto livres, pela dificuldade de vigiar sua conduta fora das horas consagradas à instrução na Escola Normal. O desenvolvimento de sua inteligência, e o refinamento de modos que necessariamente se adquirem em uma capital, serviam, longe de ser um freio, de estímulo a suas paixões, abrindo-se seu coração a novas aspirações, e a consciência de sua própria importância, convertendo-se em orgulho e altivez, que piorava às vezes as boas qualidades morais mesmo daqueles que mais distinção mereciam por sua contração, estudo e sua boa conduta.

Deste mal de que se pode logo aperceber-se, e de cujas consequências cada dia mais funestas, observei ao ministro de Instrução Pública em repetidas ocasiões, que os alunos instrutores da Escola Normal de Versalles foram preservados, pela situação mesma do estabelecimento, não sem antes ter causado na França os mesmos inconvenientes. Destinados estes jovens a residir mais tarde nas vilas mais pobres, a educação que ali recebem se concentra

especialmente em conservar entre eles os gostos mais simples, as aspirações mais limitadas e a humildade que poderia chamar-se com propriedade aldeã, podendo dizer-se que por meios artificiais a educação anula o caráter destes jovens cheios de instrução, se a verdade não fosse a que não faz mais que conservar a simplicidade que trouxeram ao estabelecimento, e que é preciso que o conserve pobre ainda que sábio professor de aldeia destinado a viver em uma nobre e afanosa mediocridade. Vestidos diariamente da blusa que usa a ínfima classe do povo francês, abria o observador uma reunião de artesanatos, se, assistindo às classes, não pudesse bem rápido aperceber-se de seu desenvolvimento intelectual e, de fundo, da instrução que possuem; semelhantes às arvores que nos jardins atrapalham desenvolver-se em toda a sua louçania, a fim de que deem reduzidos frutos, ainda que sazonalmente. Pode dizer-se que toda a educação moral da Escola Normal de Versalles está reduzida a este objeto primordial. Todos os seus regulamentos conspiram como solicitude contínua a tê-los isolado de todo o contato exterior, a fim de formá-los um espírito separado, gostos e ideias em relação a sua futura profissão; e se algo pode dar em nossos dias a ideia da antiga disciplina conventual, são sem dúvida estes outros conventos de nossa época, em que se prepara o pobre e modesto apóstolo da civilização, destinado a levar a luz da instrução a todas as afastadas extremidades do estado.

No dia de minha chegada a Versalles tive ocasião de presenciar um ato solene. Por um artigo do regulamento da escola, o diretor, na presença de todos os alunos instrutores, lê nos primeiros dias de cada mês as notas da avaliação feita e a classificação da instrução, tudo o qual fica assinalado nos registros do estabelecimento e é comunicado ao ministro. A falta cometida naquele mês era a de haver cantado um grupo, nos momentos de recreação, uma canção de Beranger, "*Les gueux sont heurex*", de uma moralidade muito duvidosa, e, sobretudo, soando mal na boca de jovens des-

tinados a dirigir a educação dos meninos, com outras reflexões sobre o caso. Teve lugar também algum alvoroço e alegre animação na saída de uma classe de música, e um momento de desordem e risadas no dormitório. Estes gêneros de faltas dão uma ideia do grau de moralidade alcançado naquele estabelecimento, e da eficácia dos regulamentos que dificultam ou tornam impossível qualquer gênero de desordem. Um jovem esteve a ponto de ser despedido pelo não cumprimento nos horários de saída que se lhe haviam concedido; mas havendo-se apresentado alguns dos jovens de mais irrepreensível reputação a responder por sua conduta futura, o Diretor, satisfeito por esta amigável intervenção, aceitou a garantia, sem levar adiante o assunto.

Os regulamentos que acompanho e o interrogatório que fiz aos alunos a fim de ilustrar-me sobre certos pontos da educação e mecanismo do estabelecimento darão uma ideia dos meios adotados para chegar a resultados tão precisos. Aí organizada uma contínua vigilância que não cessa nem mesmo nos momentos de dormir. Um professor adjunto preside os estudos, as recreações, o passeio aos domingos. Dorme à cabeça do dormitório, e assiste à mesa. O silêncio absoluto está prescrito em cada artigo do regulamento, e ainda nos horários de exercícios e recreação não é permitido levantar a voz. A concentração mesma de todas as oficinas em uma mesma parte do edifício, o confinamento em que vivem, tudo contribui a engendrar hábitos de trabalho e a disciplinar não somente a mente, mas também alguns desejos e o coração. Como é esta a parte em que poucos resultados obtive durante minha direção da Escola Normal de Santiago, foram as experiências e lições obtidas aqui e os meios de sua implementação, objeto de minha particular atenção.

Sobre o ensino religioso pouco tenho a dizer, pois tudo o que nela há de notável contém nas *soluções* dadas pelos alunos ao meu interrogatório. Todavia, é de notar um resultado, para nós católi-

cos tradicionais, estranho, e é o que não se admite compulsão nenhuma para os atos internos de religião. Os alunos estão obrigados a ir à missa, mas não a se confessar. Resulta isto do respeito que se tem na França às opiniões e às ideias, e o resultado não é por isso menos vantajoso para arraigar convicções religiosas profundas. Segundo soube por alguns alunos a quem consultei privadamente, eram raros os que não cumpriam este dever, e quase sempre estes eram recém chegados; pois, no resto, a instrução religiosa, as práticas de capelania, e o convencimento que delas resulta, como a geral harmonia de todos os estudos colaboravam ao fim sobre os espíritos, e traziam mais tarde ou mais cedo ao tribunal da penitência os que a princípio se esquivavam de frequentá-lo. O diretor, falando no 1º de Julho sobre a canção de Beranger já citada, dizia aos alunos, "Eu não me deterei em analisar o que de cético, e mesmo de irreligioso, tem esta canção. Por extraviadas que as ideias possam ser a este respeito, nada pode ordenar-se imperativamente. Porém, creio oportuno prevenir-lhes uma coisa: é que estão os senhores destinados a viver nas cidades e aldeias mais afastadas da França, e que nestes lugares não somente são os habitantes muito religiosos senão supersticiosos e mesmo fanáticos. Agora, imaginem-se os senhores a vida que está reservada, se desde agora não tratam de pôr-se em harmonia com o elemento em que hão de viver. Vistos com desconfiança pelos pais de família, temerosos de que apartem seus filhos de suas crenças ou as debilitem, em luta com os deveres de seu ministério mesmo, condenados, enfim, à hipocrisia e à simulação contínua, o que é o maior dos suplícios. Ao invés de se conformar ao espírito do ensino, que é religioso, todos os interesses estão satisfeitos: o dos pais, o do estado e dos instrutores mesmos que cumpriram sem violência o dever de manter as crenças, depurando-as pela instrução das superstições que a ignorância popular tem mesclado com elas". No primeiro domingo da minha residência em Versalles,

assisti à missa oficiada na capela da escola e cantada por um coro de alunos. Neste espetáculo, era sublime a força da simplicidade e do reconhecimento. Depois fui assistir a um concerto de mil e oitocentos instrumentos no hipódromo, a uma missa de *réquiem* à memória de Gluck, cantada e executada por quatrocentos e trinta e seis artistas dentre os mais distinguidos de Paris, sob as abóbodas góticas de São Eustáquio, em cujas naves e sinuosidades ia se repercutir o redobro dos timbales que vinham daquela torrente de vozes humanas, como se as tumbas dos mortos se entreabrissem evocados estes pelos clamores prolongados dos instrumentos de cobre; todas estas maravilhas da arte moderna me pareceram grandes, surpreendentes, o último esforço da arte; e, todavia, nenhuma delas me tem deixado impressões mais duradouras que o canto pleno da missa de Versalles acompanhado de um contrabaixo e dois oficleides que tão bem imitam, agravando-o dez vezes, o baixo da voz humana.

Um dos ramos de ensino que mais atrai a solicitude do governo da França é a música vocal, como meio de melhor moral do povo. Os efeitos observados na Alemanha foram uma orientação da influência moral desta arte que forma parte de nossa existência, porque o homem, qualquer que seja sua raça, seu grau de civilização, é, como todos sabem, um animal canoro por excelência Faltava dirigir este instinto, educá-lo, e aplicá-lo à expressão de sentimentos e de ideias morais. Quando viu pela primeira vez a ideia de fazer entrar o canto na educação popular, um deputado, encontrando a Beranger, o poeta popular, lhe disse do que se tratava, indicando-lhe a necessidade de um professor de música adequado. "Eu tenho vosso homem", respondeu Beranger, e poucos dias depois apresentou M. Wilhem, autor de um sistema de ensino popular da música, cujas vantagens e simplicidade não foram desmentidas em dez anos de aplicação a toda a classe de pessoas. Ensina-se hoje a música vocal em todos os corpos de linha, nas

Escolas Normais e comuns, e em todos os estabelecimentos de educação primária. Formou-se em Paris uma sociedade chamada o Orfeão que conta com milhares de sócios entre os artesãos, e que se apresenta em algumas solenidades. Ultimamente o governo acaba de conceder patente para o estabelecimento de uma ópera no Faubourg do Templo, que é um centro da população obreira, a fim de por ao alcance do povo as composições da arte musical.

Ainda sobre o tratado elementar da musica de Vilhem, há uma coleção de cantos a dois, três e quatro vozes que já formam três volumes e que servem de matéria de exercícios nas classes de música. A primeira vez que assisti à da Escola Normal de Versalles, os alunos em número de cento e tantos executaram os fragmentos da lição do dia, e quando esta se deu por terminada, e desejosos de comprazer-me, pediram ao professor que permitisse repetir alguns fragmentos favoritos. Talvez a novidade das impressões produzisse em mim um efeito mágico; mas creio que em todo o caso e para todos os povos a música, assim aplicada ao ensino popular, está destinada a realizar a mais feliz das revoluções nos costumes. E entre nós na América, onde a música popular e a canção não existe sequer, e onde existe é tão monótona e ignorante dos efeitos musicais em alguns casos e tão torpe e imoral, em outros. Porém quarenta ou cinquenta fragmentos da musica de Mozart, Glück, Rossini, Beethoven, Bellini abandonados ao povo, executados por quantas vozes puderem reunir-se, e com observância ainda que não seja senão prática das regras da harmonia, é quanto pode apetecer-se, como propagação e popularização das mais acabadas obras de arte.

Nas escolas de ensino mútuo têm-se aplicado o canto para fazer executar aos meninos em ordem nas evoluções e movimentos, que sem isto são sempre difíceis.

Ultimamente, o canto simples é ensinado aos alunos instrutores das Escolas Normais a fim de que adquiram aptidão para

cantar na missa do domingo, pois nas vilas da França, como nos campos e nas aldeias do Chile não é sempre fácil conseguir, sem gastos excessivos, cantores para missas comuns. Publica-se atualmente uma coleção de missas de canto simples, que servem para o ensino nas escolas normais e serviços paroquiais.

Entre todos esses detalhes, porque não acredito ser difícil que na Escola Normal de instrução primária do Chile, se acrescente este ramo de ensino, muito mais quando o senhor ministro da Instrução Pública comprometeu-se em examinar meu parecerr sobre a conveniência e a oportunidade de ensinar a música, o que mostrava a sua disposição a dar mais esse passo para a melhoria do ensino.

Concluo esta memória com alguns detalhes sobre a maneira de ensinar a música nas escolas, o que não acredito seja demais pedir aos alunos-instrutores de Versalles.

Durante minha residência naquela cidade, que prolonguei por algum tempo, a fim de poder observar por mais tempo o estabelecimento, tive ocasião de notar muitos pontos de conformidade na maneira de ensinar dos professores com aquilo que praticávamos na Escola Normal de Santiago, comprazendo-me em haver acertado em muitos pontos; mas, pela diferença daqueles outros, em função da defeituosa organização do estabelecimento ou pela falta natural de experiência própria, não andávamos tão felizes. Por exemplo: o ensino da geografia é o mesmo, em extensão e meios, em ambas as Escolas Normais; o de história, tão racional e compreensivo, tanto em uma como na outra; o do desenho linear igualmente praticado, ainda que se estenda no segundo ano a cópia de desenhos de máquinas que nós não possuíamos, e este apoiado em estudos prévios de geometria elementar, que não entra – e quase me atrevo a sugerir que deve entrar – no programa de nosso ensino normal.

Em relação à história temos, todavia, um vazio a preencher, sobre o que provavelmente me ocuparei mais tarde. Ensina-se

aqui muito particularmente a história da França, e em geral a dos países que tem relação com ela. Esta parte compreende, naturalmente, a história moderna e a da Idade Média, desde a queda do Império Romano e as invasões dos bárbaros. Nós, depois dos estudos da história antiga até os romanos, damos um salto até a história do Chile, não havendo tratado nenhum dos feitos na Europa que possa nos servir para preencher este vazio. A história da Idade Média se liga, todavia, com a história do Chile pelo descobrimento da América, resultado do renascimento das ciências, sufocadas pelos bárbaros, e postas em marcha outra vez no século XIV e XV, e manifestando-se pelo descobrimento da bússola, da pólvora, do papel, da imprensa, das costas da África, da América etc.

Em todos estes cursos não se segue um texto especial, e o professor, segundo o programa que é apresentado ao conselho de inspeção, dita os principais pontos da lição; para que, depois de lidas as explicações, o aluno o redija a seu modo, servindo-se, para os detalhes, dos livros que tratam da matéria, sendo-lhe lícito consultar o amplo catálogo de livros de ensino adotados pelo conselho real de instrução pública. De maneira que, aqui, pela abundância mesma dos livros, e no Chile, pela falta deles em alguns ramos, os professores da Escola Normal fazem seus cursos sem texto escrito e somente por programas. Porém, o que imprime em Versalles um caráter mais oposto ao sistema que eu segui no Chile, é a divisão de todos os estudos em dois anos; pois, renovando-se a escola a cada ano, há sempre uma reposição de alunos para o primeiro ano, devendo os veteranos de um ano continuar no segundo. No Chile, pelo contrário, entrando os alunos todos ao mesmo tempo, e devendo sair a uma época determinada, todos eram do primeiro ano e sucessivamente do segundo, o que fazia necessário dividir os estudos entre os dois anos, e no segundo ano conservar repetições do primeiro a fim de que não os esquecessem mesmo durante o segundo. Este inconveni-

ente se resolverá desde que a Escola Normal de Santiago tenha um local específico, e a organização dos estudos possa realizar-se com mais vantagens, sem ver-se forçada, como sucedeu no primeiro curso, a interromper a educação de alguns que, por causa de enfermidade ou outros motivos, não haviam conseguido completar-se nos prazos prescritos pela lei em vigor.

A Escola Normal de Versalles possui uma abundante biblioteca na qual se encontra, entre as muitas obras elementares de educação, uma coleção de clássicos franceses, grande número de relato de viagens e obras de história. Todas elas estão à disposição dos alunos, fornecendo aos estudantes meios de estender e aperfeiçoar seus conhecimentos. Servem, ademais, a entreter as leituras que se fazem durante a refeição, que a meu juízo erram pelo defeito de ser, geralmente, muito sérias. Eu tive ocasião de observar, em uma pensão de senhoritas, os bons resultados que podem obter-se destas leituras, contanto que sejam, além de instrutivas, suficientemente interessantes para prender a atenção. Durante dois anos leram-se as composições de Bouilly, sessenta volumes de anedotas morais, ou descrições de países, e seria de desejar que nas pensões em que há internos se adotasse esta útil prática, que contribui a sanar um defeito muito comum entre nossos estudantes, a saber, sua grande ignorância sobre tudo aquilo que não faz parte dos currículos do colégio.

E quanto à a biblioteca, já antes de minha saída, o senhor ministro da Instrução Pública havia começado a reunir o acervo de uma para a Escola Normal de Santiago, e entre os catálogos, que acompanho remeto uma das obras aprovadas pelo Conselho Real da Instrução Pública para o ensino.

Aproveitarei esta ocasião para insistir novamente sobre a necessidade de incluir o francês no programa de estudos da Escola Normal. Como tive ocasião de observar em outra oportunidade, por mais completa que seja a instrução que os alunos recebam nos

dois anos que duram os cursos, ela nunca passará de rudimentar, e somente o tempo e o estudo podem completar os conhecimentos necessários para fazer progredir o ensino primário. Sabe-se, por outro lado, que nosso idioma é pobre de livros elementares e pedagógicos, e resultaria em economia abrir aos alunos uma porta para entrar no vasto terreno dos conhecimentos que o domínio da língua francesa proporciona, sobretudo em matérias de ensino, no qual é tão rico atualmente.

Os regulamentos que anexo – como a organização de horários, a vasta coleção de modelos de registros, livros, tudo quanto pode ter relação com a direção destes estabelecimentos – podem ser de alguma utilidade, como peças dignas de ter-se em consideração, ali onde tudo está por regulamentar-se, e onde a falta de experiência nos detalhes, podem induzir a erros prejudiciais. Um regulamento há de ser uma obra *a posteriori*, para que tenha efeito, e os da Escola Normal de Versalles são aplicados com tão estrita observância que ninguém saberia dizer se é a prática consignada em seus artigos, ou se aquela nasce destes. Faço acompanhar, igualmente, uma espécie de codificação que se tem feito este ano em todos os estatutos, ordenanças, leis e decretos vigentes na França sobre educação primária, que, em um reduzido espaço de tempo, mas assim mesmo em uma ordem metódica e racional de ideias, apresenta toda a legislação da matéria."

(*De la educación popular*. Imprenta de Julio Belin, Santiago, Chile, 1849, pp. 197-280 e 337-380) ou www.proyectosarmiento.com.ar, cap. IV – Maestros de Escuela, pp. 109-117. O livro todo tem 294 páginas.

A cultura do povo

Se um daqueles grandes homens das antigas repúblicas gregas e romana, se Demóstenes ou Cícero pudessem reaparecer sobre a Terra e lançar um olhar sobre estas sociedades modernas, sobre estas estranhas repúblicas e estas monarquias republicanas, em que não há praça pública para as arengas, nem povo ocioso que possa

escutá-las; em que tudo é movível e transitório, ideias, instituições, formas, leis e opiniões; e em que uma miserável folha de papel impressa contém o pensamento do dia, o interesse do momento, e a alavanca poderosa, que abala a sociedade em seus alicerces, faz tombarem os tronos e leva o mundo rapidamente para um porvir desconhecido; se esses homens reaparecessem, dizemos, qual seria seu assombro ao verem as estranhas mudanças que o sistema social sofreu e os diversos móbiles que preparam, contrariam, ou dirigem os acontecimentos! O diário é para os povos modernos o que o foro era para os romanos. A imprensa substituiu a tribuna e o púlpito; a escritura, a palavra; e a oração que o orador ateniense acompanhava com a magia de gesticulação, para mover as paixões de alguns milhares de ouvintes, se pronuncia, hoje, diante de milhares de povos que a veem escrita, já que devido às distâncias não podem escutá-las. Por meio da imprensa, o gênio tem por pátria o mundo e por testemunhos a humanidade civilizada. Por meio do jornalismo, as grandes ações recebem palmas que as aplaudem em toda a terra e os delitos um signo de escândalo e reprovação que se levanta de todo lado; por meio das comunicações de massa, o segredo dos gabinetes é comunicado, não de ouvido em ouvido, mas de diário em diário, transmitindo aos extremos mais apartados do mundo; por meio da comunicção social, os povos mandam, a opinião se forma e os governos a seguem mal grado seu. Como Lord Stanley, os jornais intimaram o poder com sua famosa ameaça: "Nós vigiaremos cada um de vossos passos, cada um de vossas medidas, cada uma de vossas faltas".

Por meio dos jornais, o mundo se identifica. As nações, como irmãs ausentes, comunicam suas prosperidades ou suas desgraças, para que sejam apreciadas ou sentidas por todos os seus membros; por meio do periodismo, os indivíduos anunciam suas necessidades e chamam a quem pode satisfazê-las; por meio da imprensa, o comércio se estende, as notícias e dados que às suas melhorias inte-

ressam e vulgarizam; por meio dos jornais, enfim, o povo antes ignorante e privado de meios de cultura começa a se interessar pelos conhecimentos e gostar da leitura que o instrui e diverte, elevando todos ao gozo das vantagens sociais e despertando talentos, gênios e indústrias, que sem ele permaneceriam na obscuridade.

Os diários têm exercido uma influência poderosa na marcha da civilização e no movimento social que os povos modernos executam; suas vantagens e o imenso desenvolvimento que dão à cultura, artes e comércio só podem ser comparados aos males que, por outro lado, causam, quando a efervescência das paixões, o rancor de partido e a irritação alimentam suas páginas.

As sociedades presentes personificaram-se no diário e pode-se dizer que sua literatura, seus idiomas e sua eloquência se ressentem da estreiteza das páginas do diário, de sua superficialidade e seu valor de circunstância. Na antiguidade, a vida de um sábio bastava apenas para produzir um livro; hoje, algumas horas são suficientes para que o artigo chegue à imprensa, para corrigir os solecismos, os erros de ortografia e os descuidos nas provas.

A história do diário não vem de muito longe de nossa própria época, se bem que se pode dizer que seu domínio universal se estabeleceu recentemente, em nossos dias. A primeira gazeta conhecida é a de Veneza, por volta de 1531, redigida pelo governo, durante as grandes lutas daquela época. Em 1588, apareceu na Inglaterra o *Mercurio Inglês*, durante o ministério de Burleigh, quando a rainha Elisabeth se preparava para resistir à Grande Armada; durante as grandes turbulências que procederam Cromwell em 1642, apareceu uma multidão de jornais adictos a diversos partidos, cujos nomes eram tão extravagantes como estes: *El Jesuíta Azotado*, *La Lechuza Misteriosa*, *El Fumador Nocturno*, *El Pichón de Escocia*. No reinado de Ana, apareceu o Diário, que foi tomando, dia a dia, maior importância, à medida que as agitações políticas excitavam a curiosidade pública.

Em 1704, nas colônias inglesas que mais se tornariam a pátria do diário, apareceu, em Boston, um impresso que tinha por título: *Curtas notícias de Boston*, publicadas sob os auspícios de um chefe de correios chamado Campbell; porque o jornal da América do Norte nasceu nas casas de correios, nos estábulos das mulas, tornando esta circunstância de nascimento mais exato o nome de messias das novas sociedades que é atribuído hoje ao periodismo. A *Gazeta de Boston*, em que se transformou essa publicação, continuada sem interrupção, desde 1718 até nossos dias, e outros jornais criados sempre por chefes de agências postais, fundaram e aprofundaram o jornalismo na América do Norte, até que, em 1721, se publicou o jornal intitulado: *Notícias correntes da Nova Inglaterra*, que gozou de uma grande popularidade. O ilustre Franklin, que mal se iniciava e ignorava ainda a si mesmo como jornalista, tomou parte furtiva, ou publicamente, em sua redação. Este é o primeiro jornal que, nas colônias inglesas, atraiu a admoestação da autoridade real, devido ao espírito da liberdade que respiravam suas páginas, primeira manifestação da tendência revolucionária que a sociedade começava a assumir e que, robustecendo-se dia a dia, terminou na emancipação daquelas colônias.

Na França, em meados do século passado, já existiam *O Mercúrio* e a *Gazeta de França*; jornais sem importância política e sem manifestação alguma do movimento social, que se fazia por outras vias, estando ainda o periodismo na infância, dirigido pelo governo e ocupado principalmente com discussões filosóficas, literárias ou científicas. Com a revolução a imprensa política tomou posição, anunciando, explicando e pondo, ao alcance de todos, as doutrinas filosóficas em que se apoiavam as diversas teorias que iam ser experimentadas para a formação do novo governo. Os Lamet, Barnave, e depois os Marat e Camile Desmoulins agitavam as paixões populares, até que o terror fez calar os projetistas e os furibundos; não reaparecendo o jornalismo como uma ver-

dadeira influência até o Consulado, em que brilhou por uns dias, para extinguir-se durante o Império. Com a Restauração e a Constituição, o periodismo adquiriu, na França, novos brios. É desde então que se pode dizer que se erigiu como um verdadeiro poder, que travou uma luta das mais porfiadas e terríveis com os Bourbon, aos quais, no fim, deitou por terra, nos gloriosos dias de julho. A imprensa jornalística brilhou na França desde essa época, com um esplendor jamais conhecido em outras partes. Não há gênio que não tenha provado sua louçania nas páginas de um diário, nem talento que nelas não se tenha anunciado, nem jovem que não lhe envie um artigo, nem imaginação que não lhe empreste seu brilhante colorido. Carrel, Mignet, Thiers, Benjamin Constant, Chateaubriand, Guizot, Villemain, Remusat, Duchatel, Salvandy, Dupin e centenas de insignes políticas, historiadores, filósofos, sábios e literatos deram as primícias de seus talentos e de seu patriotismo à imprensa jornalística. Das salas de redação de um diário passaram aos bancos ministeriais ou aos liceus de ensino público. O jornalismo reina, hoje, na França, embora comecem a ser percebidos alguns sinais de decadência, na corrupção a que se presta, devido à excessiva concorrência dos licitantes às vantagens sociais que ele reporta aos que, por seu intermédio, adquirem celebridade, antes que a fortuna, que não produz diretamente.

Muito avançadas, a Europa e a América do Norte, no uso dessa arma de civilização e progresso, mas as colônias espanholas, sem outro contato que o da pátria-mãe, mal tinham conhecimento dela, a não ser por meio da *Gaceta de Madrid*, que vinha de quando em quando. Sem imprensa, sem ideias, sem interesses para ventilar, sem direitos e em geral sem conhecimento deles, de que utilidade, ou de que interesse podiam ser as publicações jornalísticas, para populações que vegetavam na obscuridade mais vergonhosa e na inanição de espírito, por causa de um governo estranho aos interesses locais e que fazia da América do Sul um simples apêndice da monarquia

espanhola? A primeira publicação jornalística que conhecemos na América foi a que, com o título de *Estrella Del Sud*, se publicou em Montevidéu, por volta de 1806, redigida por alguns emigrados de Buenos Aires. Após a invasão inglesa nas costas do Rio da Prata e do mau resultado que obteve graças ao valor que demonstraram os habitantes daquela cidade, despertou como que de sobressalto um espírito bem pronunciado de independência e liberdade. Haviam tateado suas próprias forças, cujo valor ignoravam até então e o contato dos ingleses, o bom resultado da revolução norte-americana e as ideias novas que circulavam nos livros franceses fizeram com que alguns patriotas concebessem a ideia de organizar uma insurreição continental e, para este efeito, publicar aquele jornal, para despertar o espírito público e arregimentar prosélitos.

A revolução do ano 1810 foi introduzida, à medida que as outras colônias sacudiam o jugo, imprensas nas capitais e jornais que expressassem as ideias dos homens que, graças às suas luzes, estavam na cabeça do movimento revolucionário. O primeiro jornal que abriu a carreira do periodismo entre nós foi o *Aurora de Chile*. A pena mortal de Camilo Henríquez alimentou suas páginas e os admiráveis conceitos desse escritor serviram a mais de uma pena posterior.

O periodismo de então, porém, ressentia-se das ideias e necessidades da época. Improvisado para exaltar as paixões de uma sociedade meio morta pela sua anterior nulidade política, concitando o ódio contra nossos antigos dominadores e difundindo ideias que mais tendiam a destruir o passado do que a lançar os alicerces do novo edifício que seria levantado sobre suas ruínas, pois que esta última tarefa estava confiada à espada e aos campos de batalha, sua linguagem era amarga e exaltada sua declamação de patriotismo, seu tema favorito. Havia, por outro lado, certo exagero utópico nos princípios que bebêramos das doutrinas francesas do século XVIII, que somente uma longa experiência podia

retificar. As lutas de partido sucederam as lutas da independência e entre as recriminações dos vencidos e os protestos dos vencedores, entre as queixas da oposição e as pretensões dos que exerciam o poder, a imprensa conservou, até nós, o caráter que manifestou desde os princípios.

Todos os governos americanos, quaisquer que, por outro lado, tenham sido as ideias dos que os compunham, tiveram que lutar com a imprensa e se alguns se manifestaram demasiado nobres e liberais para não intentar restringi-la, tiveram ao fim que cair sob os golpes furibundos que as paixões dirigiram contra eles. Fato este que mereceria que nos ocupássemos um dia de examiná-lo com seriedade, a fim de encontrarmos remédios oportunos e livres de toda mira de partido e no desejo de assegurar-nos as vantagens da imprensa. Ai das gerações, as primeiras das quais admitirem de improviso a liberdade de imprensa (!), exclama um escritor contemporâneo, que crê, e crê porque é certo, que não pode haver liberdade civil sem absoluta liberdade de imprensa.

A liberdade de escrever, assim como todas as demais, é tanto mais temível quanto nova, pois um povo que nunca ouviu ventilar em sua presença os negócios do estado, dá crédito ao primeiro demagogo que se apresenta.

Esta é ainda nossa posição e continuará sendo por muito tempo.

Há dois fatos que merecem ser notados e que servem para explicar alguns traços de nossos jornais. Primeiro, é que existem poucas, pouquíssimas pessoas, com relação à população geral, que têm gosto e hábito de ler jornais. Segundo, é que só existem jornais quando, frente a uma crise social, é necessário despertar a apatia geral dos que com os seus sufrágios podem realizar uma mudança na marcha dos negócios públicos. A imprensa jornalística tem seus instintos peculiares, que a tornam sempre impetuosa, ardente em seus reproches e turbulenta em seus meios de ação. Mas, a esse traço geral reúne outros, aqui nascidos de circunstâncias que se

ligam a nosso estado de civilização e de incúria. O jornal, improvisado com interesses acidentais, necessita irritar as paixões, sublevar temores e desconfianças e ainda ofender as pessoas que prejudicam seus interesses. Servindo um interesse político, os princípios mais sagrados são forçados a subscrever e apoiar os interesses de um partido ou de um candidato. A declaração mais exagerada e virulenta constitui o fundo desses escritos e as palavras tirania e despotismo enchem cada matéria e formam o fundo de cada página, porque são necessários grandes estímulos para mover os ânimos indiferentes. Tristemente fecunda é a nossa história em fatos vituperáveis, do quais os partidos se apoderam para atingir seus fins e excitar odiosidades.

Nunca, ou muito transitoriamente, vimos ser organizada uma oposição na imprensa, que em presença dos atos do governo fosse examinando-os sem rancor, sem paixão e sem declarações extremadas. Esse sistema de oposição, que constitui o poder da imprensa jornalística, ilustra os povos sem sublevá-los, e contém o poder sem amedrontá-los e sem atrever-se a atacá-los, porque não há nem se encontram, por mais que se busque, motivos ou pretextos legítimos para desembaraçar-se dele. Então, que desculpa merece aos olhos da razão aqueles que molham sua pena em fel e não só ameaçam a existência da ordem estabelecida, mas, por meio de suas declarações amargas, fazem diariamente temer aos que exercem o poder pela sua segurança e mesmo pela sua própria existência?

Tal é o caráter da maior parte dos escritos da época. Nossa imprensa jornalística percorreu, no curto espaço de quatro meses, todas as fases que pode apresentar seu espírito e tendências nos diversos períodos da civilização e da liberdade de um povo. Parece que, como uma semente caída em terreno fértil e sob um clima tórrido, desenvolveu-se com crescimento perceptível e elevou-se, em pouco tempo, a um amadurecimento muito temporão. As primeiras publicações que apareceram ressentiam-se de certa trivialidade

grosseira, certo espírito amotinado e insultante, certa desvergonha de conceitos e linguagem, que só poderiam caracterizar uma época bárbara, de paixões torpes e de toda falta de razão e de princípios. Porém, fosse que o espírito nacional estivesse mais adiantado que esses miseráveis escritos, fosse que não houvesse fatos suficientemente chocantes para excitar a indignação pública, ou, enfim, que a grosseira exageração com que se repreendiam as pessoas, a moral ou a decência suscitasse uma reação do bom senso dos leitores, a verdade é que esse gênero de escritos malogrou muito cedo. E seus autores tiveram fama de torpes caluniadores aos olhos de todos os partidos, escapando de uma desonrosa celebridade, tendo no final que se confessarems como incapazes de interessar, nem às paixões, nem à razão, nem aos interesses de um público disposto favoravelmente para simpatizar-se com uma oposição ousada, porém racional. Mordaz, mas sem indignidade, nem indecência levada ao extremo, porque é de se notar que a *oposição*, em toda parte, em qualquer forma de governo e qualquer que seja o partido que domina, tem um poderoso atrativo para o comum dos leitores. Há algo de ousado, de louvável, em atacar o poder material, manifestando-se tantos lampejos de patriotismo e decisão em encarar a admoestação dos que podem, com tantos meios, vingar-se. O povo simpatiza-se facilmente com esses campeões que revelam o mal presente e oferecem remédios seguros e infalíveis. Todas as grandes reputações da imprensa jornalística se formam na oposição; os que se chamam ministeriais estão circunscritos na defesa, na arma fria do raciocínio e no esclarecimento dos fatos. A oposição, pelo contrário, ataca destemidamente, e quanto mais acalorada é a sua linguagem, quanto mais audazes são seus golpes, melhor desempenha sua tarefa, mais fascina os seus leitores.

Nossos jornais da época chegaram a se depurar o suficiente quanto à linguagem e às personalidades; mas não o bastante para chegarem ao convencimento, à acertada discussão dos princípios e

dos interesses da República. Na maior parte dos escritos dessa época, percebe-se uma tendência revolucionária que alarmaria qualquer um que não conheça a realidade dos fatos e o verdadeiro estado da opinião. Um partido que ameace com a completa subversão da ordem pública mal existe, se não consegue fazer triunfar, nas eleições, o candidato de sua predileção, porque ele representa a nação e não há nada de útil para ela, se não bebe de seu próprio círculo. Temos visto travar-se uma luta na imprensa destes dias, sem que se tenha avançado nada para fazer com que a oposição ocupe seu verdadeiro terreno e não queira apoderar-se da nação, a qual, contra toda a verdade e o que é mais contra toda verossimilhança, supõe inimiga do general Bulnes, que só grandes serviços fez para que pudesse merecer essa pretendida desafeição. Nos estados em que se goza de um longo uso da imprensa, caíram no ridículo essas pretensões dos jornalistas em ser o órgão da opinião pública. Também como poderão pretendê-lo, quando aparecem tantas publicações, com objetivos, princípios e modos de apreciar e ver os fatos tão diferentes entre si? A essa falta de medida acrescenta-se a carência de princípios claros e seguros que, ao mesmo tempo em que servem para favorecer aos interesses de partido que defendem, formem a consciência pública e ilustrem a opinião dos demais.

Desse vício radical de nossa imprensa nasce outro não menos funesto para o progresso das luzes e da discussão comedida. Ocupados os jornais em recomendar ou atacar as personagens que favorecem ou contrariam seus objetivos, educaram, por assim dizer, os leitores dessa escola. E tudo o que sai do círculo das pessoas carece de interesse e não atinge a curiosidade. Leitura, fazenda, história etc., são títulos fastidiosos que fazem um jornal cair das mãos, embora isto deva ser atribuído em parte ao nosso estado de cultura. Os escritores públicos têm como dever impulsionar o progresso e, não contribuir, como o fazem, para que se permaneça

estacionário. Mas, como poderão essas produções criadas às pressas e sem mais objetivo que favorecer um intento do momento, desempenhar tão alta missão? Pode o leitor sensato esperar boa fé, exame filosófico e verdade nos fatos que só lhe são apresentados para fazê-lo interessar-se por fins particulares?

Daí nascem os erros mais funestos e a corrupção de ideias. Examinam-se, nos momentos das eleições, atos do governo que requereriam um longo estudo. Os fatos mais indiferentes são distorcidos e adquirem um interesse fictício, segundo os apresenta o espírito de partido, ataviados de uma roupagem que os desfigura.

A rapidez das atuais publicações da imprensa impede o aparecimento de outras mais conscienciosas ou mais extensas. O diário não pode assumir grande extensão; a *revista* tardará muito tempo a aparecer. Homens animados de verdadeiros sentimentos liberais são necessários para que, assumindo com firmeza o nobre empenho de propagar os *diários*, lutem longo tempo com as resistências que lhe opõem a incúria a geral e o pouco interesse com que se lê tudo aquilo que constitui a vida das sociedades modernas.

É honroso, para nós, que a liberdade de imprensa haja obtido triunfos tão notáveis e tenha conseguido manter-se ilesa, mesmo em circunstâncias espinhosas. Mas, para que isto seja um bem duradouro, é preciso que o periodismo desça aos costumes e seja uma necessidade ordinária da vida, abraçando todas as ramificações da sociedade e formando um painel de todas as opiniões, de todos os interesses e de todas as necessidades do indivíduo.

(*El Nacional*, 15 e 29 de maio de 1841)

Impressões sobre o Brasil

A escravidão no Brasil

... esta manhã [...], um desconhecido rumor de soalhas metálicas e de vozes humanas, porque decididamente embora estranhas, pertenciam às modulações de nossa espécie, vinha a confundir-se

naquele caos do espírito que se chama sono. Inclino o corpo pesadamente e os ruídos assumem a forma límpida e viva da realidade; assomo-me à janela que domina a praça, e a escravidão se mostra em toda a sua deformidade. Longa récua de negros, encurvados sob o peso da carga, seguiam a trote o guia que, na dianteira, agitava soalhas de cascavéis e campainhas. Negros arrieiros cerravam a procissão, estalando seus látegos sonoros para avivar o passo das mulas humanas e aquela besta de dois pés, longe de gemer sob o peso, canta para animar-se com o compasso de sua voz. Ao ouvi-la em coro com a dos que o precedem e o seguem, não obstante, sente-se homem e prevê que há um término próximo para a sua fadiga, o cais, onde as naves se carregam e um fim distante: a morte que cura todas as dores.

Parece-me que todas as injustiças humanas vieram do sentimento da debilidade. A raça negra resta hoje tão-só escravizada pelos últimos na escala dos povos civilizados, os portugueses e os espanhóis. A escravidão é como que a infância da indústria. Até para os romanos, a guerra era feita como meio de obter provisões; não mais que, até ontem, a indústria que nascia trazia um escravo para atá-lo à atafona, ou jungi-lo ao jugo. [...] Há escravos onde não existem poderes dinâmicos, onde o indivíduo se reconhece débil em presença das resistências físicas. Existem escravos no Brasil, em Cuba e no extremo sul dos Estados Unidos. Mas pagam muito caro por essa injustiça! A raça branca, no Rio de Janeiro, está infestada de enfermidades africanas, que participam do caráter odioso e disforme das degenerações dos trópicos, onde o que não consegue ser belo é monstruoso e repugnante: borboletas douradas ou parasitas espantosos. A raça escrava serve de segurança ao despotismo e o amo não ousa ser livre, porque sente removerem-se sob os seus pés as vítimas que ele por sua vez oprime. A família, esse último refúgio do egoísmo, dissolve-se também e o câncer da escravidão leva a degradação ao lar doméstico, suja li-

bertinagem, às vezes, e a relaxação de todos os vínculos sociais. O refúgio doméstico é um limitado e velado santuário entre os povos lusitanos. O escravo faz parte obrigatória da família: o amo, com seu olho negreiro, descobre atrativos raros em sua jovem escrava, que lhe fazem esquecer os deveres conjugais. Naquelas casas, quase sempre cerradas aos estranhos, se arrastam, como essas feias alimárias que se aprazem na escuridão e na lama, torpe guerra entre marido e mulher, orgias de adolescentes, que fazem sob o teto doméstico a aprendizagem do vício...

O mulato levanta-se, já no Brasil, ameaçando vingar rapidamente as injúrias feitas à sua tostada mãe. Raça viril que conserva o sangue ardente do africano, temperado para agitar-se sob os raios verticais do sol, ao mesmo tempo em que a organização de seu crânio liga-o à família europeia. Dumas, Heredia, Pétion, Barcala, esses nobres mulatos, vivem aqui em todos os homens notáveis que brilham pelas artes, música, poesia e ciências médicas. A raça pura portuguesa cai, visivelmente, na decrepitude e na inanição; nas câmaras e na imprensa diária – aqui [no Brasil], mais fecunda em injúrias do que entre nós – tudo se dizem os contendores, até sodomitas, menos mulatos; porque cada qual, na reprimenda, sente-se implicado em seus filhos, em seus parentes, ou em si mesmo. Há uma lei que proíbe o uso desse epíteto, medida segura para pesar a gravidade do mal.

Detenho-me sem querer sobre as brilhantes qualidades morais dessa raça intermediária entre o branco, que se debilita nos climas equatoriais, e o negro, incapaz de se elevar às mais altas regiões da civilização. Outra vez, notava-se a predisposição constante do mulato a enobrecer-se e seu delicado sentimento pela arte, que o torna instintivamente músico. [...] O negro canta e seus nervos se robustecem, cobram alentos, quando haviam tocado já o último limite possível da ação humana. Se um negro vai pelas ruas do Rio de Janeiro oprimido sob o peso da carga e outro observa que as pernas fraquejam e seu corpo estremece, exaustos já os poderes

de tensão, corre rápido em seu auxílio, põe-se a seu lado e canta, compassando-lhe a marcha. O paciente responde com voz dolorida e sepulcral, o auxiliar aviva o canto e, pouco a pouco, a voz se aclara, o passo se afirma e o duo segue alegre e comedido.

Quando os escravos remadores vogaram duas horas e por sobre suas largas costas o suor corre em mares e seus olhos submersos brilham com luz taciturna, miram-se entre si e prorrompem num canto com palavras ininteligíveis, qual rezas dirigidas ao fetiche.

Não! Os artistas da ópera não me pareceram sentir a música como uma negra requebrada, sem dúvida num canto mandinga ou cafre, entoado por um negro que a detinha na rua. Sua boca, seus olhos, todos os seus nervos acompanhavam, por segundos, as modulações monótonas do tentador, como se cada nota se assentasse visivelmente em sua fisionomia, animada até a exaltação e o delírio. O entusiasmo é a qualidade predominante no negro...

O café

... não faz cinquenta anos que se introduziu a primeira semente de café no Rio de Janeiro; não faz trinta que se extraiu a primeira saca do aclimatado, e, hoje, ultrapassam a 800.000 as que enchem todos os mercados do mundo. O açúcar e os diamantes cederam lugar ao café como produção principal e quatrocentas mil almas formam a província do Rio de Janeiro, que explora o café; a capital cobriu-se de riquezas, de edifícios e população; a baía está sempre em movimento, provendo de café as centenas de barcos que o procuram e o café é, enfim, o anjo salvador do Brasil, cujos açúcares perdem dia a dia seu valor em todos os mercados. A província de São Paulo começa a produzir em quantidade regular...

Outras regiões, outros tipos

Em Minas Gerais, a agricultura é feita sem demarcação de propriedade, passando as lavouras de um lugar a outro, à medida

que os matorrais arborescentes do trópico deixam espaço para as plantas cultiváveis. Nas populações do campo, distantes do Rio de Janeiro, existem assassinos profissionais, brigões que ganham a vida exercendo a justiça por incumbência das partes agravadas; o gaúcho aparece em São Paulo, com seus hábitos negligentes e seus surpreendentes poderes de destreza e energia. A decomposição, enfim, efetua-se nos extremos, como no resto da América, se bem que a compensa a vida que principia na capital.

Você, meu bom amigo, já viu como o mulato suplanta o branco; porém, há ainda outros movimentos que equilibram essa força, embora sempre em detrimento dos oriundos do país. Acumulamse dia a dia, no Rio de Janeiro, os portugueses da península, que já se contam em número de 50.000, conservando sempre sobre os habitantes do independente império aquela superioridade de energia e de forças produtoras que caracterizam o europeu, embora seja português, arrogando-se, ademais, pretensiosa superioridade como pertencentes à metrópole. Os portugueses de lá veem os de cá como uma espécie de animais, chamando-os de macacos por alusão a uma família de monos. Assim, o ódio dos brasileiros contra aqueles seus godos[19] se aviva cada vez mais pela decidida influência que lhes dão suas riquezas adquiridas e não poucas vezes sua superioridade em inteligência. Seguem-lhes os europeus em geral, que ostentam, na rua Direita e na do Ouvidor, todas as magnificências do comércio europeu, expostas com gosto parisiense. O europeu é ali a parte viva da sociedade; dele são as naves, os armazéns, ele entra como parte obrigatória em todas as empresas e por ele e para ele os negros estão em contínuo movimento. No Rio de Janeiro, procurei em vão o brasileiro, sem poder encontrá-lo senão por raras amostras, que me fizeram desconfiar que ele deve existir em alguma parte. O brasileiro de origem é nobre, embora, às vezes, mulato, condecora-

[19] Certamente uma referência desairosa à origem visigótica dos povos ibéricos. (Nota do revisor, J. E. Romão).

do com cruzes de diamantes, ministro, aduaneiro, empregado ou fazendeiro, em cuja última função tem que ver com o português. O brasileiro bloqueou os empregos; ali não há quarentena para o estrangeiro, que não pode ser nem engenheiro, razão pela qual não existe ainda um mapa do Império nem uma carta topográfica da província do Rio de Janeiro. A obscuridade do brasileiro é tanta que a embaixada inglesa manteve, por três anos consecutivos, uma tertúlia de inverno, a cujas reuniões não era permitido aos brasileiros assistirem, embora suas mulheres e suas irmãs formassem o principal ornato dela.

Após esses movimentos espontâneos de raças e povos novos que acodem àquele manancial inesgotável de riqueza, vêm as especulações de imigração que principiaram, já em grande escala, se bem que com êxito deplorável. Nos fundos da baía [da Guanabara], há uma colônia de suíços; um enxame falansteriano veio da França para dissolver-se, mal tocou o quente solo do Brasil, e três mil alemães, depositados na praia como se deposita o carvão de pedra ou os fardos de algodão, foram dizimados, quintados, aniquilados em poucos dias pela miséria, pelo calor, pela febre e pelo desencanto. Nada estava preparado para a sua recepção, por essa imperícia que nos é comum a todos os descendentes da península ao recebermos povos estranhos. O alemão, nascido em climas temperados, encontrava em lugar de cereais, o café e a cana; e, em vez de frutas europeias, via com assombro cachos que não eram de uvas, mas abacates, bananas, ananás, mangas e quanta outra variedade estranha e desconhecida se oferecem nos trópicos.

De todo esse conjunto de movimentos de suplantação e dessa aglomeração de forças ativas civilizadoras, que fazem a riqueza e o esplendor do Império, levanta-se um grito uníssono contra o estrangeiro, que é insolente, astuto, avaro, conspirando contra o Brasil, levando-lhe o ouro e os diamantes em troca de suas miudezas. Que ódio contra a Inglaterra que persegue a escravidão! Que dia

de glória aquele, em que o Imperador mandasse afundar as esquadras estacionadas na baía e afogar todo estrangeiro estabelecido ali, proibindo a introdução de artefatos europeus, para que, então, os próprios brasileiros os fabricassem – bem entendido que trariam da Europa as máquinas e, talvez, consentissem em que viessem artesãos para ensinar-lhes a manejá-las! Os jornais e os estadistas mais eminentes propalam a missão do Brasil para assumir a cruzada contra as pretensões europeias. Rosas, que se considera o defensor da Independência americana, é um intruso, um bárbaro e um pobre diabo, pois o brasileiro insiste em ignorar que existe por aí uma coisa que se chama República Argentina, não obstante seus enviados, sua política e suas naves sempre terem sido, como até hoje, o farrapo de seu caudilho.

A política imperial participa dessas preocupações. Ali, mais que em Buenos Aires, é profunda a convicção de que não se deve permitir ao estrangeiros a livre navegação dos rios que os brasileiros não navegam e ter por limites do Império o Amazonas, ao norte, o Prata, ao oriente. É o sonho dourado do moderno Império, que se envaidece de ter como Roma sete colinas na capital, escravos que lavram a terra como antigamente e a missão de dominar a América com suas esquadras, sua diplomacia e seu comércio.

(Sarmiento, D. F. *Viajes*. 2.ed. Edición crítica, coordenada por Javier Fernandez. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: Allca XX, 1996. pp. 56-74).

CRONOLOGIA

1811 - Nasce em 15 de fevereiro em San Juan, na Argentina, e recebe o nome de Faustino Valentin Sarmiento. Assume também o nome do santo da família: Domingo. É o quinto filho de Paula Albarracín y Oro e de José Clemente Sarmiento Funes.

1816 - Ingressa na Escuela de La Patria em S.Juan: "lá ensinava a ler muito bem, a escrever, aritmética, álgebra y os rudimentos da religião" *(Minha defesa).*

1821 - Viaja com seu pai com destino a Córdoba a fim de ingressar no Seminário Loreto. Não consegue e retorna a sua casa.

1825 - Começa a trabalhar com Victor Barreau, engenheiro francês. Sarmiento se torna seu ajudante e aprendiz, adquirindo conhecimentos de engenharia e agrimensura. Por questões políticas, seu tio José de Oro, acompanhado de Sarmiento, é exilado na Província de São Luiz. Aprende latim e doutrinas bíblicas com o tio.

1827 - Retorna a San Juan e trabalha no comércio de sua tia Ângela Salcedo.

1828 - É nomeado, aos 17 anos, subtenente da 2.ª Companhia de Infantaria da Província de San Juan.

1829 - Alista-se entre os inimigos de Facundo e entra na luta contra o governo e, formalmente, participa do Partido dos Unitários. É preso em cárcere privado, tempo que aproveita para estudar francês e traduzir livros, entre eles, *Memórias de Josefina*.

1830 - É nomeado, com o triunfo de seu partido, ajudante do Esquadrão de Dragões da Escolta e, logo depois, ingressa no Primeiro Esquadrão da Milícia de Cavalaria Provincial.

1831 - Facundo assume e conquista Mendonza, o governo unitário é derrubado e ele, perseguido pelo governo, emigra para o Chile. Na cidade de Santa Rosa dos Andes, Sarmiento ensina na escola municipal, adota o método de ensino lancasteriano e estabelece algumas reformas dos textos. Foi destituído do cargo.

1832 - Chega, juntamente com o pai, à cidade de Pocuro. Lá, também, organiza uma pequena escola. Nesse ano, nasce sua primeira filha – Emília Faustina. No final deste ano, vai para Valparaiso.

1833 - Em Valparaiso, trabalha no comércio e estuda inglês.

1834 - Escreve um folheto propaganda sobre um plano de colonização do Vale do Rio Colorado, com imigrantes de S. Juan e Mendonza.

1835 - Cai doente, com febre tifoide. Passa por uma intensa crise de depressão.

1836 - Regressa para sua cidade numa situação de penúria e muito doente. Não tinha mais quase amigos, pois a classe mais abastada da sociedade já tinha migrado. Conhece Manuel Quiroga Rosas. Começa sua leitura das obras dos intelectuais europeus, entre eles Guizot, Cousin, Schlegel e Leroux. Organiza, com um grupo de jovens, uma sociedade teatral.

1837 - Escreve um poema satírico contra o Tratado de Pancarpata, entre Chile e a Federação Peruano-Boliviana.

1839 - Publica um folheto de política educacional: "Prospecto de um estabelecimento de educação para moças, dirigido por Don Domingo F. Sarmiento". Funda o Colégio de Santa Rosa de América e publica o primeiro número de seu periódico *El Zonda*.

1840-1840 - Sai desterrado para o Chile; ao passar pelos banhados do Zonda, escreve por baixo do escudo da República Argentina, a célebre frase: "On ne tue point lês idées"; visita escolas e faz compra de material para seu colégio. Morando em Santiago, com Manuel Quiroga Rosas, vende livros para sobreviver. Neste ano, conhece Manuel Mott, que o apoia. Ele ingressa como redator do jornal *El Mercúrio* e dirige o *El Nacional*. Escreve seu primeiro artigo no Chile sobre a batalha de Chacabuco.

1841 - Cria-se em Santiago, por sua iniciativa, a primeira escola normal secundária. Foi nomeado reitor. Ano em que trava suas famosas polêmicas com Andrés Bello, considerada uma das mais importantes da literatura chilena. Abandona o *El Mercúrio* e funda seu próprio jornal: *El Progreso*.

1841 - Cruza a Cordilheira dos Andes para auxiliar o exército de La Madrid.

1842 - Publica *Mi defensa*, sua primeira obra literária. Nesse mesmo ano, foi designado membro fundador da Faculdade de Filosofia e Humanidades da Universidade do Chile. Cria uma escola privada para crianças ricas de Santiago. Propõe, à Faculdade de Filosofia e Humanidades, plano para reforma ortográfica.

1843 - Apresenta, à universidade, método de leitura gradual. Começa a publicar no jornal *El Progreso*, em forma de folhetim, o que, mais tarde, viria a ser a sua obra-prima, *Civilização e barbárie, vida de Juan Facundo Quiroga*. No mesmo ano é publicado como livro.

1846 - Visita o Rio de Janeiro e, depois, viaja para a Europa e África. Na França, conhece e entrevista Thiers e Guizot. Visita a Espanha.

1847 - Visita ainda a Itália, a Suíça e a Alemanha. Estuda os método de ensino destes países, considerando os da Prússia os mais avançados da Europa.

Visita, ainda, os Países Baixos, retornando por Paris, onde lhe nomeiam membro correspondente do Instituto Histórico da França. No final deste ano, vai para a América do Norte, visitando o Canadá. Mantém uma intensa correspondência com os intelectuais desses países. Termina a viagem por Cuba, Panamá e Lima, retornando a Valparaiso, no Chile.

1848 - Aparece o jornal *La Tribuna* e Sarmiento se torna seu redator e editor. Neste ano morre seu pai, aos 75 anos. Casa-se com D. Benita Martinez Pastoriza.

1849 - Funda, em Santiago, *La Crônica* e publica a obra *Da educação popular*. Em abril, publica o primeiro volume de suas viagens à Europa, África e América.

1850 - Interrompe-se a publicação de *La crônica*. Publica *Argirópolis e Recordações da Província*.

1851 - Chega a Montevideo em companhia de Mitre e de outros argentinos.

1852 - É condecorado pelo Imperador D. Pedro II. Publica, no Chile, o livro *Campanha do Exército Grande* que dedica a Alberdi. Neste mesmo ano foi eleito representante de San Juan, no Congresso Constituinte de Paraná. Publica em Santiago *El Monitor de las Escuelas*.

1853 - Publica os *Comentarios de La Constitución*.

1854 - Volta para Argentina e vai para Mendonza com a família, mas é preso logo na chegada. Retorna ao Chile e lidera uma grande campanha para aumentar as bibliotecas públicas.

1855 - Retorna ao seu pais e se instala em Buenos Aires, com a família. É nomeado diretor do jornal *El Nacional*. No mesmo ano, o governador da província lhe dá um cargo no conselho consultivo e é nomeado professor de direito constitucional na Universidade de Buenos Aires.

1856 - Torna-se membro do Conselho Municipal e assume a chefia do Departamento de Escolas. Cria 36 novas escolas. Dá início ao ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas.

1857 - Patrocina três disposições legislativas sobre a educação. Eleito senador, defende as vantagens do voto secreto.

1858 - Redige a lei para a construção de novas escolas. Renuncia à direção do jornal *El Nacional* para se dedicar às atividades políticas e pedagógicas. É nomeado Chefe do Estado Maior do Exército de Reserva de Buenos Aires. Publica *Anales de La Educación Común*.

1860 - Torna-se ministro do governo de Mitre.

1861 - Renuncia a seu posto de ministro no governo de Buenos Aires. É também o ano da morte de sua mãe, aos 93 anos de idade.

1862 - É designado governador interino e, depois, governador constitucional de San Juan. Funda uma Quinta Normal de Agricultura para melhorar e

aperfeiçoar os métodos agrícolas. Propõe leis para fundar colônias agrícolas com imigrantes estrangeiros. É enviado como ministro extraordinário aos EUA.

1864 - Renuncia à Assembleia Legislativa e é nomeado ministro no Chile e Peru.

1865 - Viaja a Nova York e é recebido pelo presidente Johnson. Funda seu próprio jornal, *Ambas Américas*.

1866 - Morre o filho, na guerra do Paraguai. Publica *Vida de Lincoln* e *Las Escuelas, bases de La prosperidad y de La República em los Estados Unidos*.

1867 - Traduz, para o espanhol, e edita a vida de Horace Mann. Viaja a Paris e entrevista Thiers. Retorna por Nova York e conhece a senhora Ida Wickershon, com quem mantém uma prolongada correspondência amorosa.

1868 - É eleito senador da República pela Assembleia Legislativa de S. Juan. Recebe o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Ann Arbor. O Congresso Nacional o nomeia presidente da República Argentina, por 79 votos do total de 131. Assume em 12 de outubro.

1870 - Decreta a fundação da primeira Escola Normal da República Argentina, em Paraná, sendo ministro da Instrução Pública Nicolás Avellaneda. Assina a lei que instituiu bibliotecas populares. Funda o Colégio Militar e a Faculdade de Ciências Físicas e Matemáticas de Córdoba.

1871 - Assina a lei de subvenções às escolas nas províncias.

1872 - Funda a Academia de Ciências de Córdoba e a Escola Naval.

1873 - É vítima de atentado nas ruas de Buenos Aires.

1874 - Entrega a Presidência a Nicolas Avellaneda.

1875 - É nomeado em Buenos Aires Diretor-geral das Escolas da Província. Funda uma revista pedagógica *La educación en la Província de Buenos Aires*. Tem, neste ano, a importante tarefa de redigir o informe de anistia dos revolucionários de 1874. Torna-se senador nacional por San Juan.

1876 - Assiste à inauguração do trem para Tucumán. Descobre-se cardíaco.

1879 - Renuncia ao Senado e é nomeado ministro do Interior e chefe de gabinete de Avellaneda.

1880 - A Associação de Jovens da União Nacional lança sua candidatura à presidência.

1881 - O governo nacional o designa como Inspetor Geral de Escolas da Argentina.

1883 - Publica o primeiro volume de *Conflitos e harmonias das raças na América*. É eleito Membro do Conselho Municipal da capital Federal.

1884 - Solicita, a Roca, um salvo conduto especial para visitar os países vizinhos, a fim de estabelecer um convênio internacional para trabalhar e traduzir as principais obras da civilização ocidental.

1885 - Funda o jornal *El Censor*.

1886 - Publica *Vida e escritos do Coronel Don Francisco J. Nuñez* e *Vida de Dominguito*.

1887 - Filia-se à Liga Internacional da Paz e da Liberdade, com sede em Genebra.

1888 - Viaja para Assunção, acompanhado de sua neta Maria Luisa. Aí, falece, no dia 11 de setembro.

1888 - Chegam à Argentina seus restos mortais envoltos nas bandeiras da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, como havia pedido.

1911 - Celebra-se em toda a Argentina o centenário de seu nascimento.

1943 - O Congresso de Educação, reunido no Panamá, consagra a data anual de 11 de setembro como o Dia do Professor.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Sarmiento

SARMIENTO, D. F. *Argirópolis*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1916. 196 p.

______. *Bosquejo de la biografía de D. Dalmacio Velez Sarsfield, doctor y jurisconsulto*. Buenos Aires: Impr. de la Tribuna, 1875. 133 p.

______. *Campaña en el ejército grande*. 4.ed. Buenos Aires: W. M. Jackson, 1945. 2 v. (Grandes escritores argentinos: primera serie; 5-6).

______. *Campaña en el Ejército Grande aliado de Sud América*. Buenos Aires: Kraft, 1957. 383 p. (Colección tradicionalista; 5).

______. *Las ciento y una*: polémica con Juan B. Alberdi, precedida por la Carta de Yungay a D. Justo José de Urquiza. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1916. 238 p.

______. *Comentarios de la constitución de la Confederación Argentina*: con numerosos documentos ilustrativos del texto. Santiago de Chile: J. Belin, 1853. 236 p.

______. *Condición del extranjero en América*. Buenos Aires: La Facultad, 1928. 549 p.

______. *Conflicto y armonías de las razas en América*. Buenos Aires: Impr. de D. Tunez, 1883.

______. *Conflicto y armonías de las razas en América*. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915. 458 p.

______. *Correspondencia entre Sarmiento y Lastarria, 1844-1888*. Buenos Aires: Impr. Chiesino, 1954. 172 p.

______. *Cuatro conferencias*: espiritu y condiciones de la historia en América, La Doctrina Monroe, Darwin y bibliotecas populares. Buenos Aires: El Ateneo, 1928. 229 p. (Grandes escritores argentinos; 6).

______. *Discursos parlamentarios*. 4. ed. Buenos Aires: W. M. Jackson, 1945. 2 v. (Grandes escritores argentinos: primera serie; 7- 8).

______. *Discursos populares*. Buenos Aires: El Ateneo, 1927. 246 p. (Grandes escritores argentinos; 1).

______. *Educación común*. Buenos Aires: Solar, 1897. 183 p. (Biblioteca dimensión argentina: estudio preliminar de Gregorio Weinberg).

______. *Educación popular*. Buenos Aires: La Facultad, 1915. 456 p. (Biblioteca argentina; 4).

______. *Las escuelas*: base de la prosperidad i de la república en los Estados Unidos; informe al ministro de instrucción pública de la República Argentina. Nueva York: [s.n.], 1866. 327 p.

______. *Epistolario íntimo*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1961. 205 p. (Biblioteca del sesquicentenario: selección, prólogo y notas de Bernardo González Arrili; 2).

______. *Facundo*. Buenos Aires: La Facultad, 1921. 370 p. (Biblioteca argentina; 12).

______. *Facundo*: civilización y barbarie en la República Argentina. Madrid: América, 1916. 358 p.

______. *Life in the argentine republic in the days of the tyrants*: or civilization and barbarism. New York: Hurdand Houghton, 1868. 400 p.

______. *Los caudillos*: el General Fray Félix Aldao; el último caudillo de la montonera de los llanos, el Chacho. Buenos Aires: El Ateneo, 1928. 237 p. (Grandes escritores argentinos; 18).

______. *Obras de D. F. Sarmiento*: publicadas bajo los auspicios del gobierno argentino. Santiago de Chile: Imp. Gutenberg, 1887-1903. 53 v.

______. *Obras de D. F. Sarmiento*: publicadas bajo los auspicios del gobierno argentino París: [s.n.], 1903-1909. 53 v.

______. *Obras selectas*. Buenos Aires: La Facultad, 1944. (Biblioteca histórica del pensamiento americano; 3).

______. *Páginas confidenciales*: sus luchas-sus pasiones-sus triunfos-las mujeres en su vida. Buenos Aires: Elevación, 1944. 250 p. (Colección en la intimidad de los grandes hombres).

______. *Páginas escogidas*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1962, 176 p. (Biblioteca del Sesquicentenario; 4).

______. *Política de rosas*. Buenos Aires: W. M. Jackson, 1930. 255 p. (Grandes escritores argentinos; 36).

______. *Recuerdos de provincia*: con un apéndice sobre su muerte por Martín García Mérou. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1916. 333 p.

______. *Sarmiento:* discursos populares. Buenos Aires: Biblioteca French, 1916. 2 v.

______. *Sarmiento-Mitre:* correspondencia 1846-1868. Buenos Aires: Coni, 1911. 382 p.

______. *Viajes*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1981. 619 p. (Colección clásicos argentinos, prólogo de Roy Bartholomew).

______. *Viajes por Europa, Africa y América*. Córdoba: Banco de la Provincia de Córdoba, 1989. 519 p.

______. *Vida de N. S. Jesucristo*. Santiago de Chile: Ediciones Ercilla, 1937. 133 p.

Obras sobre Sarmiento

ANDERSON IMBERT, E. *Una aventura amorosa de Sarmiento*: cartas de Ida Wickersham. Buenos Aires: Losada, 1968. (Colección prisma).

______. *Genio y figura de Sarmiento*. Buenos Aires: Eudeba, 1967. (Biblioteca de América: colección genio y figura; 17).

AVILA MARTEL, A. de. *Sarmiento en la Universidad de Chile*. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 1988.

BOTANA, N. R. *La tradición republicana*: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Sudamericana, 1984. (Colección historia y sociedad).

BRAVO, H. F. *Sarmiento:* pedagogo social. Buenos Aires: EUDEBA, 1965.

BUNGE, C. O. *Sarmiento*: estudio biográfico y crítico. Madrid: Espasa-Calpe, 1926.

BUNKLEY, A. W. *Vida de Sarmiento*. Buenos Aires: EUDEBA, 1966.

CAMPOBASSI, J. S. *Sarmiento*: sus ideas sobre religión, educación y laicismo; respuesta a un libro antisarmientista. Buenos Aires: Ediciones de la Liga Argentina de Cultura Laica, [1961].

______. *Sarmiento y Mitre*: hombres de mayo y Caseros. Buenos Aires: Losada, 1962. (Cristal del tiempo).

CASSANI, J. E. Doctrinas pedagógicas de Sarmiento. *Humanidades*. La Plata, Universidad Nacional de la Plata, v. 26, 1938.

CÚNEO, D. *Sarmiento y Unamuno*. 3.ed. Buenos Aires: Pleamar, 1963. (Colección arquetipos).

DELUCCHI, F. J. *Sarmiento, 1811-1961*. Buenos Aires: Textos, 1961.

DUJOVNE, L. *La filosofía de la historia en Sarmiento*: edición homenaje en el 20° aniversario de su fallecimiento. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/ Facultad de Filosofía y Letras. Secretaría de Extensión Universitaria y Bienestar Estudiantil, 2005.

FERNANDEZ, J. R. *Sarmiento*: semblanza e iconografia. Buenos Aires: Librería del Colegio, 1936.

FRANÇA, A. Introdução. *In*: SARMIENTO. A. F. *Recordações da Província*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1952.

GALVEZ, M. *Vida de Sarmiento*: el hombre de autoridad Buenos Aires: Emecé. 1945.

GANDULFO DE LA SERNA, A. *La oposicion doctrinaria entre Sarmiento y Alberdi*: tesis para optar al grado de dr. en jurisprudencia y ciencias sociales. Buenos Aires: Coni, 1917.

GHIOLDI, A. *Sarmiento, fundador de la escuela popular*. Buenos Aires: Asociación Liberal Adelante; Editorial Araujo, 1944.

GONZÁLEZ HERRERA DE RUIZ, E. *Sarmiento y la educación técnica*. San Juan: Escuela Industrial Domingo Faustino Sarmiento, 1962.

GUERRA, G. J. *Sarmiento*: su vida y sus obras. Santiago de Chile: Imprenta Elzeveriana, 1901.

______. *Tres temas de filosofía argentina en las entrañas des "Facundo"*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, Imprenta López, 1945. (Centenário de *Facundo*).

GUERRERO, L. J. *Tres temas de filosofía argentina en las entrañas del "Facundo"*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, Imprenta López, 1945. (Centenario del "Facundo").

GUEVARA, T. E. *Las maestras norteamericanas que trajo Sarmiento*. 2.ed. Buenos Aires: Servicio Cultural e Informativo de los Estados Unidos de America, 1961.

IMBERT, A. E. *Genio y figura de Sarmiento*. Buenos Aires: EUDEBA, 1967.

INGENIEROS, J. *Las ideas sociológicas de Sarmiento*: conflicto y armonías de las razas en América. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1915.

JITRIK, N. *Muerte y resurrección de "Facundo"*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1968. (Biblioteca de literatura: literatura argentina/estudios).

LEVENE, R. Sarmiento sociólogo de la realidad americana y argentina. *Humanidades*. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, v. 26, 1938.

LUGONES, L. *Historia de Sarmiento*. Buenos Aires: Comisión Argentina de Fomento Interamericano, 1945.

MANTOVANI, J. *Épocas y hombres de la educación argentina*. Buenos Aires: El Ateneo, 1950.

______. et al. *Sarmiento, educador, sociólogo, escritor, político*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, UBA, 1963.

MARTÍNEZ ESTRADA, E. *Sarmiento*. Buenos Aires: Argos, 1956.

MONTSERRAT, S. *Sentido y misión del pensamiento argentino*. Córdoba: Dirección General de Publicaciones. Universidad Nacional de Córdoba, 1963.

OCAMPO, V. et al. *Sarmiento*: aproximaciones. *Sur,* Buenos Aires, jul./dez. 1977.

ORGAZ, R. A. *Linaje espiritual de Sarmiento*. Córdoba: Assandri, 1960.

______. *Sarmiento y el naturalismo histórico*. Córdova: Imprenta Rossi, 1940.

PALCOS, A. *Sarmiento*. Buenos Aires: El Ateneo, 1938.

______. *Sarmiento*: la vida, la obra, las ideas, el genio. Buenos Aires: Emecé, 1962.

PONCE, A. *Sarmiento*: constructor de la nueva Argentina. Bilbao: Espasa-Calpe, 1932.

______. *La vejez de Sarmiento*. Buenos Aires: L. J. Rosso, 1927.

ROJAS, R. *Bibliografía de Sarmiento*. La Plata/Buenos Aires: Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Universidad Nacional de La Plata, Imprenta Coni Hnos, 1911.

______. *Noticia preliminar a « Educación popular » de* Sarmiento. Buenos Aires: Biblioteca Argentina, Librería La Facultad, 1915.

______. *El profeta de la Pampa*: vida de Sarmiento. Buenos Aires: Editorial Losada, 1945.

SARMIENTO, B. A. *Sarmiento anecdótico*: ensayo biográfico. Saint Cloud: Imprenta Belin, 1929.

SEGRETI, C. S. A. *Notas en torno a Facundo*. Córdoba: Centro de Estudios Históricos, 1996. (Cuaderno; 18).

TACCA, O. *Los umbrales de Facundo: y otros textos sarmientinos*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2000. (Biblioteca de la Academia Argentina de Letras: serie estudios académicos; 37).

VERDEVOYA, P. *Domingo Faustino Sarmiento*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1988.

VEDIA Y MITRE, M. de. *Jornadas argentinas*. Buenos Aires: Mayo, 1912.

VEDOYA, J. C. *Domingo Faustino Sarmiento, educateur et publiciste*: *entre 1839 et 1852*. Paris: Institut des Hautes Etudes de l'Amerique Latine, 1963. (Travaux et memoires).

______. *La magra cosecha, 1868-1874*. Buenos Aires: Ediciones La Bastilla, 1979. (Memorial de la patria).

VERA DE FLACHS, M. C. Avances y retrocesos de la educación primaria en la Argentina del siglo XX. *Revista de Historia de la Educación Latinoamericana*. Santa Fe de Bogotá, RudeColombia, n. 5, 2003.

______. Las ciencias y el evolucionismo en el pensamiento de Sarmiento. *Boletín de la Facultad de Filosofía y Humanidades*. Universidad Nacional de Córdoba, 1989.

______. Cronología de Domingo Faustino Sarmiento. *Revista de Historia de la Educación Latinoamericana*. Rude Colombia, n. 2, 2000.

______. La educación primaria en el siglo XX en Academia Nacional de la Historia: nueva historia Argentina. *Planeta*. Buenos Aires, v. 9, pp. 397-424, 2002.

______. Un recorrido por la historia de la enseñanza primaria en la Argentina en el siglo XX. *Revista de la Junta Provincial de Historia*. Córdoba, n. 19, pp. 191-230, 2002.

______. Sarmiento y el pensamiento científico. *Actas de las Jornadas de Historia del Pensamiento Científico Argentino,* Buenos Aires, 1989.

______; CRISTINA, M.; DOLORES, Riquelme Norma: la educación primaria en Córdoba 1930-1970; crecimiento y contradicciones. *Cuadernos de Historia*. Junta Provincial de Historia de Córdoba, n. 7, 1987.

______; ______; ROLLA, E. La producción científica de docentes e investigadores alemanes de la Universidad de Córdoba. *Actas de las Novenas Jornadas de Historia del Pensamiento Científico Argentino*. Buenos Aires, FEPAI, 2000.

WEIMBERG, F. *Las ideas sociales de Sarmiento*. Buenos Aires: EUDEBA, 1988.

______. *Vida e imagen de Sarmiento*. Buenos Aires: Eudeba, 1963. (Serie del medio siglo; E-4).

ZUVIRÍA, J. M. de. *Sarmiento, 1868-1874*: estudios sobre política argentina. Buenos Aires: Coni, 1889.

Obras de Sarmiento em português

SARMIENTO, D. F. *Facundo*: civilização e barbárie. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

______. *Recordações da província*. Tradução de Acácio França. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1952.(Coleção brasileira de autores argentinos).

Obras sobre Sarmiento em português

MADER, M. E. N. de S. *Civilização e barbárie: a* representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai. 2006. Tese (Doutorado em história) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

______. Olhares cruzados: Sarmiento e o Império do Brasil. *In:* ANPHLAC, Vitória, ES, 2008. *Anais*... Vitória: Associação Nacional de Professores de História das Américas, 2008.

PAMPLONA, M. A. Ambiguidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.

POMER, L. (Org.). *D.F. Sarmiento:* política. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção grandes cientistas sociais; 35).